



Manuel S. Porteiro

ESPIRITISMO DIALÉTICO

MANUEL S. PORTEIRO
ESPIRITISMO DIALÉTICO

Lançamento original do espanhol:

MANUEL S. PORTEIRO
MANUEL S. PORTEIRO - ESPIRITISMO DIALECTICO

Confederación Espiritista Argentina
Buenos Aires, Argentina, 1937.

Tradução: José Rodrigues
Dezembro de 2000.

Edição impressa:
Editora Centro Espírita José Barroso

Edição Digital:
PENSE – Pensamento Social Espírita

Edição da Capa:
Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada:
© 2022

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita
Autores Espíritas Clássicos



MANUEL S. PORTEIRO

ESPIRITISMO DIALÉTICO

Edição Digital

PENSE – Pensamento Social Espírita

Confederación Espiritista Argentina

Buenos Aires, 1937.

Sumário

Apresentação — pág. 08

I – Fundamentos científicos da concepção neo-espírita da vida e da história — pág. 11

II – Espiritismo dialético — pág. 55

III – Conceito dínamo-genético da vida — pág. 59

IV – Conceito dínamo-genético da história — pág. 79

V – Continuidade biopsíquica; Crítica ao materialismo dialético — pág. 103

VI – O determinismo histórico e a lei de causalidade espírita — pág. 131

Notas — pág. 149



Manuel S. Porteiro (1881 - 1936)

Nasceu em Avellaneda, província de Buenos Aires, em 25 de março de 1881 e desencarnou, ali mesmo, em 18 de fevereiro de 1936. Em 1910 começou sua participação ativa no movimento espírita, vinculando-se desde esse momento à Confederação Espírita Argentina (CEA), na qual foi desempenhando diversos cargos, até chegar a ser seu presidente, no período de abril de 1934 a março de 1935. Dirigiu durante vários anos seu órgão oficial, a revista *La Idea*, na qual escreveu numerosos editoriais e artigos sobre os mais variados temas, sempre sob a ótica espírita. Nessa época, sob a segura direção de Porteiro, a CEA e *La Idea* constituíram a vanguarda progressista do Espiritismo na América e no mundo.

A partir daí, Porteiro, e seu grupo de abnegados trabalhadores espíritas, como Hugo Lino Nale, Bernabé Morera, Ageo Culzoni, Luis Postiglioni e os jovens Santiago Bossero e Humberto Mariotti, escreviam com paixão, viajavam incessantemente por todo o país, dirigindo cursos de formação espírita e fomentavam as relações com o movimento espírita internacional.

O meridiano principal do mundo espírita progressista passava obrigatoriamente, naquela época, pela Argentina e Porteiro era seu referencial fundamental.

Eram essas as linhas básicas de seu pensamento e sobre elas girava todo o seu esforço: sustentar a visão integral do Espiritismo como filosofia

científica com profundas conseqüências morais e sociais; rechaçar a definição do Espiritismo como religião ou como uma nova variante do cristianismo; colocar a necessidade do estudo da Doutrina como base para criar a convicção espírita, começando com as obras de Kardec, como base pedagógica; subordinar a mediunidade ao enfoque espírita para fazê-la racional, útil e orientadora; estimular a investigação experimental no campo dos fenômenos mediúnicos e paranormais; enfrentar as superstições e sincretismos que se mimetizam ou disfarçam com os rótulos espíritas; relacionar o movimento espírita nacional e internacional com as lutas pela paz mundial, contra a discriminação de qualquer classe, com as campanhas alfabetizadoras e com todo o esforço que tenda à construção de uma sociedade mais justa, livre, igualitária e fraterna.

Esplêndidas diretrizes que, em si mesmas, representam autênticos programas para desenvolver um Espiritismo dinâmico, culto, livre, aberto, adogmático, racionalista, laico, universalista, fraterno, solidário e amoroso.

Para expô-las e defendê-las, viajou Porteiro, em companhia de Mariotti, para participar do V Congresso Espírita Internacional, realizado em Barcelona, Espanha, em outubro de 1934. Nesse cenário, onde conviviam e divergiam as correntes latinas e saxônica do Espiritismo, brilhou o talento de Porteiro e a profundidade de sua formação doutrinária se fez sentir em diversas exposições e conferências públicas, que inspiraram respeito e fizeram-no credor de um amplo reconhecimento, como um dos líderes espíritas de maior prestígio em sua época.

Um elemento principal de seu pensamento e que constitui uma de suas contribuições mais originais, é a aplicação do método dialético na interpretação espírita do homem, da vida e do Universo. Ninguém antes dele e ninguém melhor do que ele até agora, soube empregar o método dialético para sustentar a concepção espiritualista e ao mesmo tempo demonstrar que, apesar do que se aceita tradicionalmente, as doutrinas materialistas que se apresentam a si mesmas como as donas da dialética, são em sua essência, profundamente antidialéticas.

Nessa mesma direção e ratificação da originalidade de suas idéias, Porteiro mostrou-se um firme partidário de uma sociologia espírita, que se traduzisse numa proposta concreta, na qual o Espiritismo e o Socialismo se conjugavam para impulsionar a construção de uma sociedade de maior evolução material e espiritual.

Por ora, pela brevidade que impõe este artigo, basta dizer que Porteiro, já em seu tempo, criticou fortemente as tendências autoritárias, burocráticas, estatizantes, materialistas do socialismo marxista e se manifestou por um socialismo democrático, humanista, respeitoso das liberdades públicas e individuais, baseado em valores ideológicos espiritualistas e concretamente, espíritas, como haviam assumido ilustres personalidades do kardecismo como Léon Denis e Cosme Mariño.

Em seus três livros publicados Espiritismo Dialético, Conceito Espírita da Sociologia e Origem das Idéias Morais, assim como em centenas de artigos que estão espalhados pela imprensa espírita de seu tempo, se encontram magistralmente desenvolvidas todas suas idéias que foram, são e continuarão sendo, potentes focos de luz que orientam a todo aquele que havendo conhecido os princípios cardeais do Espiritismo, deseja aprofundar-se em suas conseqüências morais e sociais e queira transitar, sem desvios, por seus autênticos caminhos.

Porteiro foi um espírita completo. Humilde trabalhador manual, amoroso pai de família, autodidata que adquiriu com esforço e imensos sacrifícios uma extraordinária formação intelectual, até chegar a dominar amplos espaços no mundo da cultura, da sociologia, da filosofia e, naturalmente, da Doutrina Espírita.

Sem dúvida alguma, Porteiro está na galeria dos grandes do Espiritismo e muitos nos honram haver contribuído para resgatar sua memória e exaltar o imenso valor de sua contribuição à Doutrina que tanto amou e ao movimento a que tanto serviu.

Pensamento Social Espírita

Apresentação

Está vivo o pensamento de Porteiro. Obra de potencial transformador, a de Manuel S. Porteiro, pensador espírita argentino, tem a direção de novos estágios para as relações humanas, na busca da redução das desigualdades e do progresso social. Eis a justificativa de apresentar-se ao público de língua portuguesa a obra-maior de Manuel S. Porteiro, traduzida do original castelhano *Espiritismo Dialéctico*, 2ª edição da Editorial Victor Hugo, de Buenos Aires, Argentina, publicada em 1960.

A tese porteiriana procura provar a evolução biológica e espiritual das espécies até o homem, sob a condução de um dínamo-psiquismo permanente, também estudado pelo metapsiquista francês Gustave Geley, que conflui para o comportamental e o social. O argumento-chave posto pelo autor é o processo reencarnatório. Autêntico *sine qua non*, Porteiro, para prová-lo, vai a fundo em toda a estrutura das formas conhecidas de vida e de manifestações históricas, tendo de enfrentar, em todos os lances, o materialismo dialético.

Sob o princípio também dialético de que inexitem fatos isolados ou descontínuos na natureza e na história dos seres, Porteiro trata da tese materialista, incluindo-a como elo de manifestações biológicas e vitais, mas incorporando-lhes desdobramentos que se encontram no campo do espírito.

Nesta leitura, *Espiritismo Dialéctico* não veio como simples contraponto ao materialismo dialético, mas dar-lhe uma saída – a única – pelo terreno do espírito, ser vivente e acumulador das experiências para além das formas e conceitos tradicionais de vida.

Homem que pode ser inscrito entre os gênios e cuja vida é a prova mesma da multiplicidade de experiências, Porteiro, se não poupou críticas leais ao materialismo histórico, também o fez a respeito de concepções religiosas, que apresentam a vida e o mundo tal qual labirinto sem saída, fatal e condenatório, do que não se isentam alguns segmentos espiritistas.

Sobre o Espiritismo em si, caracterizou-o como ciência, filosofia, moral e sociologia, sem pretender incorporar uma inovação sistemática da filosofia espírita, no que respeita a seus princípios fundamentais, tratando-a “dialeticamente à luz da ciência moderna e em concordância com os fenômenos da natureza e da vida, e muito especialmente com os da psicologia e da história”, conforme acentua na abertura do capítulo “Espiritismo Dialético”, que dá nome ao livro.

Não é um livro de leitura tranqüila. Mexe com todos, materialistas, espiritualistas, espíritas, religiosos ou não, porque não teme enfrentamentos, escudado, e o demonstra, no processo científico, como quando afirma que “não há ciência nem filosofia que, no curso de sua evolução, não sofra modificações, não mude em algum de seus conceitos e nos limites do conhecimento à medida que este se faz mais extensivo, mais claro, compreensível e mais ajustado à verdade essencial que encarnam os fatos ou fenômenos estudados”.

A bagagem intelectual de Manuel S. Porteiro é vasta, embora, ao que narrem biógrafos, tenha-se alfabetizado de adulto. Conforme Jon Aizpúrua, em *O Pensamento Vivo de Porteiro*, edição CEJB (1999), Porteiro, até jovem, foi um homem de escassa instrução, tendo falecido antes de completar 55 anos de idade. Nasceu em Avellaneda, província de Buenos Aires, em 25 de março de 1881. Filho de Francisco Porteiro e Antonia Añón, o então jovem Manuel, em 1904, casou-se com Ana María Torrens, com quem teve cinco filhos.

Foi um ávido estudioso de obras de filosofia, literatura, biologia, astronomia, física, pedagogia; conversava e escrevia com desenvoltura sobre pensadores tão diversos como Flammarion, Geley, Hegel, Kant, Leibnitz, Hugo, Crookes, Lombroso, Bozzano, Lodge, Zöllner, Schiaparelli, Gibier, Osty, Hamilton, James, Weber, Aksakof, Techner, Richet, Büchner, Bernard, Freud e outros.

Com decidida militância em torno da tese espírita, Porteiro atuou na Sociedade Constância e na Sociedade Victor Hugo, fez inúmeras conferências, escreveu para jornais e revistas, entre as quais *La Idea* e *La Union*; foi presidente da Confederação Espírita Argentina, de 1934 a 1935, e em 1934 participou do Congresso Internacional de Espiritismo, em Barcelona, Espanha.

Deixou para publicações póstumas, além de *Espiritismo Dialético*, outros dois livros, *Origem das Idéias Morais* e *Conceito Espírita de Sociologia*.

O texto desta obra, acrescido de sua fecunda atividade literária e original, permite conferir-se a Porteiro os títulos de pensador, escritor, jornalista e, sobretudo, o de fundador da Sociologia Espírita. A letra *S* que se inclui no nome de Manuel Porteiro a nada corresponde, senão a um erro de imprensa que o tempo incorporou ao seu patronímico.

Em 1932, devido a uma enfermidade, teve uma de suas pernas amputada, fato que narra neste livro como ilustração da existência de um molde psíquico no organismo. Sua desencarnação ocorreu em oito de fevereiro de 1936.

Por esta data conclui-se que *Espiritismo Dialético* foi escrito entre 1932 e 1935, o que dá ao autor ainda maior peso, o de uma avançada percepção da idéia e das finalidades do Espiritismo.

As dificuldades que Porteiro enfrentou, inclusive porque mostrou simpatias pelas idéias socialistas e, além disso, por seu ímpeto inovador, certamente não foram suficientes para abatê-lo. Suas teses agora ressurgem no Brasil, que as sonegou por mais de meio século, para um amplo debate entre os que não temem o progresso das idéias e do próprio Espiritismo.

José Rodrigues
Santos, dezembro de 2000.

Obs.: As notas do tradutor são grafadas com a abreviatura (N.T.).

Capítulo I

Fundamentos científicos da concepção neo-espírita da vida e da história

Que somos?

Há vinte e quatro séculos (470 a.C.), o imortal Sócrates viu inscrita na fachada do templo de Delfos esta profunda sentença: “Conhece-te a ti mesmo”, que tomou como fundamento de sua filosofia. Transcorreram os séculos sem que a humanidade, absorvida pelos interesses da vida material, se preocupasse com aquela afirmação. Conhecer-se a si mesmo: saber o que somos, de onde viemos e para onde vamos! Eis aí o problema, o formidável problema, que inclui o princípio da verdadeira sabedoria.

As religiões e as diversas filosofias se perderam em conjeturas, em uma metafísica infecunda e cheia de contradições, sem dar-nos a chave do problema: o *Nosce te ipsum* (Conhece-te a ti mesmo) guardava a sua incógnita.

O positivismo materialista, iludido pelas falsas perspectivas de um conhecimento incompleto, acreditou conhecer o homem, estudando-o: com a biologia, no desenvolvimento da célula e em processo biológico, do óvulo fecundado até o completo desenvolvimento de seu complicado organismo; com a fisiologia e a anatomia, no funcionamento orgânico e estrutura celular; com a histologia, na delicada constituição de seus tecidos, de suas fibras e neurônios; com a química, na composição íntima de seus elementos constitutivos e, com a antropologia, em suas relações de origem e

descendência, nas influências hereditárias etnológicas, mesológicas, etc.; e como não pôde pegar a alma com o bisturi, descobri-la em suas análises químicas, nem vê-la desprender-se do organismo no instante da morte, passou-lhe atestado de óbito, dando o problema por solucionado, concluindo que não há pensamento sem cérebro, nem percepção sem órgãos materiais, nem alma individual ou sobrevivência anímica, e o conhece-te a ti mesmo ficou prejudicado ante o conceito da ciência materialista.

Mas eis que “os mortos se levantam de seus túmulos” e, enquanto seus corpos se decompõem e os elementos constitutivos se desagregam e se infiltram na terra, dando vida às ervas e aos insetos que os circundam e deles tomam corpo e se nutrem, a entidade psíquica, o *eu* espiritual que constitui nossa verdadeira personalidade, vive, sente, pensa e atua em um plano de vida superior, rodeado, ou melhor dizendo, revestido de um corpo etéreo, verdadeiro receptáculo das energias sensoriais e psíquicas e potencial gerador das forças vitais, sensitivas e motoras, vínculo perispiritual, indispensável para a manifestação de nossas faculdades anímicas e espirituais e para a relação entre o espírito e a matéria, segundo se depreende dos fatos acumulados pela psicologia experimental, pela metapsíquica e o Espiritismo.

Necessitava-se, pois, para que se resolvesse o problema do conhecimento do ser, dos fatos e manifestações espíritas, capazes de explicar todo o alcance da sentença socrática.

Sábios de grande renome, mestres em todas as ciências, pensadores profundos, robustas mentalidades que se têm destacado em todos os ramos do saber humano, abraçaram o estudo do Espiritismo e depois de largas e pacientes investigações, de contínuas experiências e de terem acumulado enorme caudal de fatos, que formam hoje um mosaico variado de suas manifestações e detalhes como sólido na base do conjunto, capaz de resistir aos embates da crítica mais minuciosa e exigente, provaram, positivamente, que a alma é uma entidade substancial, que pode atuar dentro e fora do organismo e, em circunstâncias determinadas e condições psíquicas especiais, ver sem olhos e ouvir sem ouvidos, não por uma hiperestesia do sentido da visão ou da audição, mas por um sentido interior, psíquico, mental; que pode, enfim ter pressentimentos e visões telepáticas verídicas, ver, em estado sonambúlico, através dos corpos

opacos e a muitos quilômetros de distância e descrever minuciosamente o que está se passando, desprender-se parcial ou totalmente de seu corpo material, e ante a destruição deste, manifestar-se no mundo dos vivos, de diferentes modos, valendo-se ou não do organismo de um médium.

As experiências do físico William Crookes, descobridor da matéria radiante, do tálio e inventor dos tubos que levam seu nome, as do não menos célebre físico Cromwell Varley, inventor do condensador elétrico; as do naturalista Alfred Russel Wallace, autor da teoria da seleção natural (simultaneamente com Darwin), as do fisiólogo Charles Richet, as do antropólogo-criminalista César Lombroso, as do ilustre físico Oliver Lodge, as do professor Ernesto Bozzano, as dos astrônomos Zöllner, Flammarion, Porro (do Observatório de La Plata), Schiaparelli etc., as dos doutores Otero Acevedo, Gibier, Gustave Geley, dos Osty, Hamilton, Schrenck Notzing, as dos psicólogos da importância de William James, de Weber e Fechner, as de Aksakof e mil outras, realizadas por sábios de fama mundial, sobram em fatos tão rigorosamente controlados, que provam por si sós a verdade das afirmações precedentes.

Seria difícil dar aqui uma idéia, ainda que aproximada, da quantidade e variedade dos fenômenos psíquicos supranormais que registram os anais do Espiritismo. Desde meados do século passado até nossos dias, se têm acumulado tantos fatos em favor da tese espírita que só a ignorância, o misonéismo ou a negação sistemática poderão desconhecê-los ou atribuí-los a sofisticções ou fraudes.

Outros sábios, outros homens, ávidos de conhecer o mistério do além-túmulo, enquanto a caravana do mundo se agita no torvelinho de suas paixões e interesses materiais, seguem esquadrinhando serena e silenciosamente as sombras do mais-além e tratam, por todos os meios a seu alcance, de furar o túnel da morte e chegar ao pleno conhecimento do mundo espiritual. De seus trabalhos pacientes, perseverantes, assaz ásperos e um tanto ingratos, há hoje indícios seguros dessa nova vida que se estende além do plano terrestre, a um mundo infinito que nos assedia e do qual até agora temos tido apenas presunções. Vozes amigas, palavras de consolo, lembranças longínquas, lamentos, remorsos, ódios inauditos, carícias, recriminações, almas que sentem e pensam, testemunhos patentes de seres que viveram e vivem ainda acreditando-se ligados à terra, chegam através desse grande túnel, aberto por quase um século de investigação

científica, a anunciar-nos a aurora de um glorioso despertar, cheio de agradáveis e fundadas perspectivas, de alentadoras esperanças.

Nunca como em nossa época se sentiu a imperiosa necessidade de descerrar o véu do desconhecido; jamais esta ansiedade da alma foi tão funda e absorvente como neste século, em que os conhecimentos mais positivos se sentem fraquejar em sua própria base ante os grandes e maravilhosos descobrimentos da ciência contemporânea e a observação audaz e penetrante da filosofia. Dir-se-ia que chegaram os tempos da revelação científica das eternas verdades que alentaram a humanidade desde a infância.

Os fenômenos do Espiritismo, hoje chamados metapsíquicos,¹ são tão antigos quanto o homem. No Oriente e especialmente nos países hindustânicos são conhecidos desde os tempos mais remotos. Luís Jacolliot acredita que, pelos menos, datam de há mais de dez mil anos, e em seu interessante livro *O Espiritismo na Índia* descreve fenômenos de levitação de corpos pesados, sem contato, apenas pela exteriorização da força psicomotriz do médium, de telepatia, bilocação, desdobramento, ectoplasmia, premonição, etc., observados por ele mesmo, tão surpreendentes como os estudados nos países ocidentais.

A sinagoga, a assembléia de feiticeiros, fundiram-se nas sombras do passado com seu esoterismo e seu mistério fatídico e aterrador; mas as exigências da alma criaram em seu lugar os centros de estudos psíquicos e de evocações espiritistas, iluminados com a cintilação da luz elétrica, quando não, com os raios obscuros, empregados nos institutos da moderna metapsíquica. A pitonisa grega, a sibila romana, o faquir oriental e o mago das antigas lendas têm hoje um similar no médium (no adivinho, no clarividente, no psicômetra, no sensitivo, etc.), transmissor ou receptor psíquico, telescópio humano por quem a ciência vê o invisível e penetra no impenetrável.

O *demônio* de Sócrates, a *diva* de Plotino, a *ninfa* de Numa, deixaram de ser personagens mitológicos para converter-se, à luz do Espiritismo, em gênios protetores ou em espíritos vinculados à vida de certos homens, por afetos ou outras diversas razões, capazes, em certos casos, de ser vistos e ainda fotografados, como a *Katie King* de William Crookes, a *Estela* de Livermore, a *Yolanda* de Elisabeth d'Espérance, o *Joey* de Alexandre Aksakof e o *Vicente* do Dr. Imoda.

Os oráculos perderam seu sabor de mistério e se manifestam hoje na clarividência psicocronométrica (ou pragmática, segundo Richet) e se expressam às vezes em idiomas desconhecidos pelos bruxos da moderna feitiçaria.

O velador atual substituiu a trípoda ² da antiguidade, e as consultas já não obedecem a um entretenimento passageiro, mas ao desejo de instruir-se e de descobrir a causa inteligente que os move; seus movimentos giratórios são tão conscientes e voluntários como os dos trípodas de Delfos e não necessitam, como aqueles, das rodas invisíveis forjadas por Vulcano, segundo afirma Homero no canto 16 da *Ilíada*. Se a trípoda tem em Homero um defensor, o velador tem um apóstolo em Victor Hugo.

Ante os fatos surpreendentes do Espiritismo, não faltarão céticos que dirão com um certo sabor de ironia, usando o conhecido paradoxo: “Será verdade tanta mentira?” Ao que os homens estudiosos e reflexivos contestarão, tendo ante seus olhos a visão dos fatos: “Será mentira tanta verdade? ...”

Desde os séculos mais antigos, os mortos têm chamado a atenção dos vivos e já era hora de a ciência dar-se por advertida. Por absurdos ou inverossímeis que pareçam, os fenômenos espíritas não deixam, no entanto, de ser certos e naturais como toda outra manifestação da Natureza e do Espírito que a anima.

Por outro lado, a crença na imortalidade da alma, em sua encarnação e evolução progressiva, que encontra nos fenômenos espíritas seu fundamento positivo, tem outra fonte não menos fecunda de informação que data dos tempos mais remotos: Krishna, o filósofo legendário na Índia, pregou-a há muitos anos nas margens do Ganges. Dizia ele:

“A sorte da alma depois da morte constitui o mistério dos renascimentos. Como a profundidade dos céus abre-se aos raios das estrelas, a profundidade da vida ilumina o esplendor desta verdade.”

E esta verdade se impõe ao nosso século de radiofonia, de radioatividade, de inventos e descobrimentos prodigiosos e também de refinado materialismo religioso e burguês, de guerras e conflitos de pugilismo e *jazz-band*. São os sinais dos tempos que correm: o paradoxo de uma civilização em decadência, a crise de todo um sistema social, a luta da luz e das trevas, do espírito por dominar a matéria, da alma imortal vencendo o conceito materialista do nada.

O Espiritismo vem a ser, pois, o resplendor desta verdade, a ciência do espírito e de tudo que com ele se relaciona. Estudando o Espiritismo, alcançam-se muitos mistérios, resolvem-se muitos problemas da vida, ampliam-se os horizontes do conhecimento humano e explicam-se as anomalias da sociedade e a razão de muitos ódios e afetos, cujo véu se descerra à medida que se penetra no passado do espírito, na subconsciência metapsíquica, em cujas saliências se arquiva a história contínua das existências passadas e das diferentes personalidades vividas. Mas o Espiritismo não vem adormecer as consciências, oferecendo ao mundo o ópio de uma nova religião dogmática e conservadora como são todas as religiões; não vem matar os impulsos revolucionários, generosos e emancipadores que se dirigem à melhora da vida das pessoas e dos povos; é por sua própria essência revolucionário, no elevado conceito da palavra, seja na ciência e na filosofia, como na moral e na sociologia.

A curiosidade é uma propensão natural da alma humana, força propulsora, invencível, que a move a investigar os princípios e origens, a elevar-se dos efeitos às causas, do conhecido ao desconhecido, sempre em busca de novos conhecimentos para saciar a infinita sede de saber. Esta propensão para descobrir o desconhecido é universal: encontra-se no homem primitivo como no moderno, no sábio como no ignorante; não tem idade nem sexo. A criança que nos aborrece com suas perguntas, que rompe seus brinquedos para conhecer o segredo de seu mecanismo oculto, não é menos curiosa do que o filósofo que procura desentranhar a verdade das coisas, nem do que o homem de ciência que deseja conhecê-las experimentalmente por princípios certos e demonstráveis.

A humanidade não progride cientificamente senão pela curiosidade; as conquistas do pensamento e da ciência, em geral, devem-se mais a ela do que à necessidade, não obstante o ditado vulgar de que esta é a mãe de todos os inventos e descobrimentos.

Devido a esta tendência, o homem chegou, com a evolução, a ocupar um lugar proeminente em nosso planeta, conseguindo dominar muitas forças da natureza e penetrar nos segredos que esta reserva à sua coragem e ao seu talento. Mas se a curiosidade científica levou o homem à altura considerável em que hoje se encontra, em um misto de orgulho e assombro, não se deve tanto às conquistas do mundo exterior, como ao conhecimento do homem sobre si mesmo, o que, por muito imperfeito que

ainda seja, constitui sua mais valiosa conquista, a glória maior de sua ciência.

O verdadeiro valor científico e filosófico consiste, mais do que em outras disciplinas científicas, no estudo do sujeito do conhecimento, isto é, da alma humana, relegada durante muito tempo ao esquecimento, por uma excludente ciência cosmológica, que a tudo estudava exceto o homem em sua natureza psíquica, espiritual.

Coube a Sócrates a glória de ser o primeiro a abordar o estudo do ser humano, considerando-o em sua espiritualidade, como também em sua imortalidade. Esse grande filósofo, a quem um oráculo havia proclamado o mais sábio dos homens de sua época, tendo lido na fachada do templo de Delfos a já mencionada sentença *Gnothy seauton* (Conhece-te a ti mesmo), que serviu de base à sua filosofia, fez dela o ponto de partida do conhecimento.

Até o século 17, a ciência da alma achava-se compreendida nas ciências filosóficas e seu estudo não foi considerado senão como um preâmbulo da moral, da lógica e da metafísica. Até o nome de psicologia foi pela primeira vez introduzido na linguagem filosófica pelo filósofo moralista Goclênio de Marburgo, que o adaptou como título de uma obra sobre a perfeição moral. Mas esse conhecimento do homem, fundado em uma psicologia puramente racional, não pôde ser de grande valor, por estar baseado em observações imprecisas, quando não, em meras especulações, tão infecundas como alheias ao método experimental.

A psicologia racional ou metafísica preocupou-se apenas em determinar a essência da alma, partindo de hipóteses que não estavam abonadas pelos fatos, e uma vez estabelecida, hipoteticamente, sua natureza espiritual, derivou dela os fenômenos psíquicos, sem preocupar-se em estudá-los experimentalmente e conhecer as leis a que estão sujeitos.

Esta falta de solidez em que se apóia o espiritualismo filosófico clássico deu base à psicologia materialista, que, fundamentada em observações incompletas e no preconceito de seus sábios, formulou a hipótese contrária, reduzindo os fenômenos psíquicos a fenômenos fisiológicos e fazendo da alma uma complexa função do sistema nervoso central. Esse conceito monista da alma foi expresso em diversas formas, mas sempre como resultante do funcionamento do cérebro. Bem conhecido é o aforismo de Carls Vogt:

“O cérebro segrega o pensamento, como o fígado a bÍlis.” e este outro, não menos grosseiro e materialista, atribuído por alguns a Taine:

“Entre a inteligência e o cérebro há a mesma relação que entre a bÍlis e o fígado ou a urina e os rins.”

Luís Büchner, comentando seu êmulo Vogt, opõe à sua concepção de alma outra, ainda que não tão grosseira, não menos gratuita:

“O cérebro é o princípio e a fonte, ou melhor, a causa única do espírito e da inteligência.”

Fundamentada nestas e outras afirmações análogas, não provadas, a psicologia materialista se desenvolveu, chegou ao apogeu e logo à decadência, sem satisfazer a curiosidade científica, arrastando em sua queda muitos espÍritos propensos ao materialismo, que acreditaram que o homem já se conhecia a si mesmo, um pedaço de matéria organizada, sem princípio espiritual e sem outra finalidade além de seus apetites materiais, com a ilusão de uma falsa individualidade psÍquica, de uma identidade pessoal não menos falsa e de uma espiritualidade tão ilusória como elas. Há que se convir que o materialismo só pôde ser conseqüente com seu postulado psicológico enquanto desprovido de toda espiritualidade e de toda consideração moral e aceitas as conseqüências fatais de sua doutrina. Pois, para a filosofia socrática e clássico-espiritualista, a psicologia era o fundamento da moral e da metafísica e conhecer-se a si mesmo, como entidade psicológica, equivalia a regular a vida de acordo com um princípio e uma finalidade superiores; não existindo estes e anulada a alma na complexidade funcional do cérebro, seu único fim lógico é dar-se a toda classe de satisfações sensuais, desprezando, por alheia e oposta à sua natureza exclusivamente material, toda espiritualidade e toda moralidade fundada em princípios universais.

Não obstante seu presumido monismo, a psicologia materialista encontrou na própria fisiologia a sua refutação. Pois, como sustentou o ilustre fisiólogo Claude Bernard, a matéria organizada do cérebro não manifesta sensibilidade e inteligência, nem tem mais consciência do pensamento e dos fenômenos que a matéria bruta de uma máquina, de um relógio, por exemplo, tem de seus movimentos e da hora que indica, ou os caracteres de imprensa e o papel têm das idéias que veiculam. Diz ele:

“Afirmar que o cérebro segrega o pensamento equivale a sustentar que o relógio segrega a hora ou a idéia do tempo.”

Sustentar, com Büchner, que o cérebro é a fonte ou a causa do espírito, ao lado de ser uma hipótese gratuita, seria assentar o absurdo de que o efeito é superior à causa, que o insensível, o inconsciente, o natural não-inteligente, pode engendrar a sensibilidade, a consciência, a inteligência e a espiritualidade; seria assumir *a priori* um postulado filosófico que a ciência está muito longe de provar.

A curiosidade científica não tem limites e a ciência não se conforma com saber as coisas de modo superficial nem se estanca com uma doutrina apriorística ou dogmática, qualquer que seja a tese que defenda.

Emparedada entre duas hipóteses contrárias, a psicologia buscou seu verdadeiro centro de gravidade no positivismo, escola mais científica, mas não isenta de preconceitos e circunscrita por horizontes um tanto restritos, limitados à materialidade das coisas, objeto de um conhecimento exclusivamente empírico.

A psicologia positiva, mais propriamente a psicofisiologia, como a chamou Wilhelm Wundt, não pôde subtrair-se à influência do materialismo e, apesar de seus reiterados protestos contra Vogt e seus seguidores, acabou por ser manifestamente materialista. Começou por negar *a priori* ou apoiando-se em uma experiência imediata mas insuficiente, a realidade substancial da alma; e dizemos *a priori* porque ela não teve como objeto de estudo a entidade psicológica ou espiritual através de seus fenômenos; ao contrário, rechaçou-a antecipadamente por absurda, rendendo-se à realidade funcional e sensível do mecanismo cerebral: não fez mais do que estudar os fenômenos psicofisiológicos em si mesmos e em suas relações de causas e efeitos, a exterioridade da alma, sem penetrar nem descobrir nela a causa essencial, eficiente, dos fenômenos psíquicos, considerando-a como a síntese de estados de consciência, confundindo-a com o conjunto de seus fenômenos experimentalmente conhecidos e rechaçando, por sobrenaturais e impossíveis, outros, cuja supranormalidade ultrapassa o limite de seus conceitos, ou seja, todos aqueles fenômenos psíquicos que se realizam sem intervenção de órgãos sensoriais ou fora do alcance do organismo somático e que contrariam as leis ordinárias da psicofisiologia, tais como os fenômenos de exteriorização da sensibilidade e da motilidade, os de telepatia, clarividência, xenoglossia, premonição, etc., que acabam com o aforismo de Locke e Condillac: *nihil est in intellectu quod non plus fuerit in sensu*,³ convertido em dogma por empíricos e positivistas.

A chamada psicologia positiva ou empírica, ainda que pareça paradoxal, não fez verdadeira psicologia, porquanto, negando a realidade substancial da alma, reduziu os fenômenos psíquicos a meros fenômenos fisiológicos, os quais, por muito sutis ou espirituais que se os considere, por mais que psicólogos empíricos protestem contra a escola materialista, sobre sua origem psíquica, sua irreduzibilidade e seu paralelismo com os fenômenos fisiológicos (impossíveis de conceberem-se se não emanam de fontes substancialmente distintas), são sempre produzidos pelo organismo material e caem, indefectivelmente, no conceito materialista expresso por Büchner, quando considera que a alma tem por causa única o cérebro. Longe, pois, de ensinar ao ser humano a conhecer-se a si mesmo, a psicologia empírica o desnatura: atribui ao sistema eixo cérebro-espinhal as faculdades e atributos do espírito, o poder dínamo-psíquico de suas funções e de suas determinações.

Não obstante, e fazendo justiça a seu método experimental, ainda que negando a alma, contribuiu sem querer e sem pensar para seu maior conhecimento, pois não é possível conhecer a alma senão através de suas manifestações e de seus fenômenos. Deste modo e com o auxílio de outras ciências afins, estabeleceu a relação entre a alma e o organismo somático: a fisiologia proporcionou-lhe conhecimentos mais ou menos exatos sobre o funcionamento do sistema nervoso e dos órgãos sensoriais e com a histologia conheceu a estrutura íntima do tecido fibroso e celular; a patologia ilustrou-se acerca das perturbações nervosas e cerebrais e da sua influência nas funções psíquicas.

Por meio das vivissecções ou dissecação dos animais vivos e extirpação total ou parcial dos lóbulos cerebrais, chegou a determinar, *anatômica e aproximadamente*, as localizações cerebrais; com a psicofísica, estabeleceu as relações quantitativas entre as diversas sensações e seus antecedentes, isto é, determinou o tempo que transcorre entre a impressão recebida e a sensação experimentada; estabeleceu, enfim, de modo experimental, baseando-se na estrutura íntima do sistema nervoso, em seu funcionamento e nos diversos estados psíquicos do indivíduo, as estreitas relações da alma com seu organismo, ainda que considerando aquela como o conjunto de fenômenos psíquicos. Graças à psicofisiologia e suas afins, sabemos hoje como as impressões periféricas, produzidas nos órgãos sensoriais por estímulos exteriores, chegam à alma, depois de percorrer as

vias nervosas e passar por seus respectivos centros sensoriais receptores e sofrer em outras as necessárias transformações, até converter-se em recepção, e como uma incitação motriz, originada em uma célula ou centro motor cerebral, desce ao músculo que deve colocar em movimento através da medula espinhal, seguindo o encadeamento dos neurônios que lhe serve de via nervosa descendente.

Mas todo este processo psicofisiológico, desde a excitação até a percepção, reduz-se, em última análise, a movimentos nervosos, a vibrações celulares e isto é tudo quanto, a rigor, pode-nos ensinar a psicologia empírica e, por muito que se esforce, não poderá jamais – prescindindo da alma como entidade psicológica, distinta, superior a seus fenômenos – demonstrar como as excitações se traduzem em sensações, logo, em percepções, em idéias, pensamentos, juízos, raciocínios, determinações, etc., ainda que para isso apele aos centros de transformação e de associação, pois os centros cerebrais, as células que os constituem, isoladas ou associadas, são tão sensíveis à dor ou ao prazer, quando lhes falta o espírito que as anima, como o aparelho radiofônico o é da emotividade ou o pensamento da mensagem que recebe e têm tanta consciência e inteligência da função que desempenham como, no caso citado por Claude Bernard, o relógio tem da hora que marca.

Se falta a unidade psicológica, o *eu* sensível e perceptor, não há sensação nem percepção possíveis e a chamada consciência psicológica, “coordenação de estados”, ou de “certo número de estados” que postula Ribot, é uma palavra sem fundamento, um *nome* para expressar algo impreciso, que não constitui unidade, senão multiplicidade ou, quando muito, um conceito vago, que se anula em um mar de fenômenos gerados pela inconsciência cerebral. E dizemos que se anula em um mar de fenômenos porque, em um conceito positivista, a individualidade psicológica não tem existência real, se desvanece no conjunto de fenômenos psíquicos constantemente renovados; o que, em tal conceito, se chama consciência individual é um processo de estados de consciência ou de consciências coordenadas e sucessivas que dão a ilusão de um indivíduo: o *eu* é uma abstração pura ou, como diz J. Patrascoiu, um simples “nome”, sem entidade nem substância espiritual, uma palavra, enfim, análoga às frases “espírito das massas”, “consciência do povo” e outras que encerram conceitos abstratos, heterogêneos, com as quais os políticos e

sociólogos sintetizam a psicologia coletiva que, por assim ser, carece de unidade psicológica verdadeira.

Quando se trata de explicar a individualidade fisiológica, o positivista o faz considerando o homem como simples agregado celular, como um organismo social polizóico, análogo, segundo Dastre, a “uma cidade populosa” cujas corporações “executam tarefas diferentes e proporcionam produtos tanto mais variados quanto maior for o grau de adiantamento adquirido”. A entidade psíquica biocêntrica, a causa diretriz centralizadora, não está contida na concepção empírica do *eu* físico.

Quando se trata de explicar a individualidade psicológica, afirma-se analogamente que esta carece de unidade substancial. Assim diz Ribot:

“A unidade não é a entidade *una* dos espiritualistas que se espalha em fenômenos múltiplos, mas a coordenação de certo número de estados de incessante renovação, tendo por único ponto de apoio o sentimento vago de nosso corpo. Esta unidade não vai de cima para baixo nem de baixo para cima; não é um ponto inicial, senão um ponto terminal.”

Isto equivale a dizer que o espírito não é um princípio essencial, produtor de fenômenos psíquicos, mas o resultado, o produto, destes fenômenos coordenados.

Segundo Felix Le Dantec, a individualidade transforma-se seguindo o processo lento e contínuo de seu organismo, que, como é sabido, muda incessantemente. Diz ele:

“Mas, em virtude da lei de assimilação funcional e da conexão particular das substâncias, haverá continuidade no tempo entre as diversas personalidades sucessivas e por isto o *eu* psicológico acompanha o indivíduo fisiológico desde seu nascimento até sua morte, por meio de suas modificações incessantes.”

Que o indivíduo mude de personalidade, seguindo um processo análogo ao de seu organismo, é uma verdade incontestável, mas não o é menos que a individualidade, que não muda com a personalidade, nem que o processo de transformação entre esta e o organismo seja necessariamente correlato. Por meio de todas as mudanças, o homem se reconhece o mesmo indivíduo. E esta identidade psicológica do *eu* não se pode explicar pela assimilação funcional nem pela conexão particular das substâncias orgânicas e funcionamentos de um mesmo *eu*. O Voltaire, o Hugo ou Tolstoi aos 80 anos, apesar de terem sido crianças, jovens, homens maduros e

respectivamente anciãos, de haverem mudado de físico, de idéias, de opiniões, de conduta e até de caráter, são os mesmos indivíduos, eles mesmos se reconhecem em suas obras, através de todas estas mudanças de personalidade e apesar também de haverem mudado muitas vezes os átomos, moléculas e as células do seu organismo.

Muitos fisiólogos, entre eles Marinesco e o mesmo Le Dantec, para salvar a concepção positivo-materialista do fracasso, atribuem à célula cerebral uma duração indefinida e o último destes sábios chega até a sustentar que a matéria viva não se destrói, conceito que já havia sustentado Haeckel, em seu “Monismo”. Admitir semelhante hipótese seria concluir que há em nós uma matéria viva permanente e outra inerte que se renova sem cessar e que sofre o influxo vital daquela, ou teria de se admitir, com Marinesco, que a célula cerebral perdura por meio da incessante renovação da matéria do resto do organismo, hipótese atrevida e de nenhum modo demonstrada pela ciência experimental.

A célula viva não pode ter uma duração ilimitada em um organismo que muda constantemente. Por sua parte, os psicofisiologistas, como Geley, lançam mão de verdadeiros entes psicometáfsicos, como faz Wundt com a “percepção”, a que atribui o papel unitário para conciliar a multiplicidade dos fenômenos psíquicos com a noção, hoje experimentalmente provada, da unidade do *eu*. Mas, como diz Boutroux, “em qualquer ponto de vista que alguém se coloque, a multiplicidade não contém a razão da unidade”.

O ponto de apoio da psicologia positiva é a célula nervosa, a que se atribui a faculdade de sentir, de transmitir e assimilar as sensações e, por seqüência, de produzir por si mesma e em relação com as demais, todos os fenômenos psicológicos. Para atribuir-lhe tal faculdade, o positivismo deve demonstrar antes, experimentalmente, que a célula nervosa está dotada de um psiquismo particular e é capaz de ter espontaneidade. Sabe-se que é irritável, mas nada tem demonstrado ainda que tenha sensibilidade, consciência e disposições próprias para exercer espontaneamente suas funções e associar-se deliberadamente para realizar uma ação conjunta e menos ainda para transmitir por assimilação a idéia de individualidade, a consciência do *eu* único e indivisível. Afirma Claude Bernard:

“A matéria por si mesma é inerte e até mesmo a matéria viva, neste sentido, deve ser considerada como desprovida de personalidade.”

A célula não trabalha, pois, por si mesma; não tem participação voluntária nos fenômenos psíquicos; trabalha sob a impulsão de estímulos externos e internos; a alma é que tem a faculdade de sentir, de ter consciência de suas sensações e de dirigir, consciente ou inconscientemente, todos os fenômenos que se realizam nela. Quando, por exemplo, ferimos um dedo, não é o centro tátil, senão nós que sentimos a dor e temos consciência desta dor, ao mesmo tempo em que a parte em que se supõe localizada a sensação nada sabe. Quando as ondas luminosas chegam aos nossos olhos penetram pelas pupilas e formam sobre a retina a imagem de uma formosa paisagem que se encontra em um quadro posto ante nossa vista, e por um movimento do nervo ótico, a excitação que provoca se transmite ao centro visual, dando-nos a imagem dessa paisagem, perguntamos: é um acaso o centro visual ou sensorial ou os centros de associação que vêm o quadro, os que têm consciência da beleza da paisagem, os que apreciam seu valor estético, admiram os variados matizes do colorido, a perspectiva, os efeitos de luz, a regular proporção de suas partes, os que fazem, enfim, seu juízo crítico? Ou somos nós, seres espirituais (ainda que unidos à matéria) dotados de sensibilidade artística, de sentimento estético, de faculdades de apreciação e discernimento? O que sabe o centro visual do sentimento e da beleza, o centro auditivo, da emoção que produz em minha alma um trecho de música seleta, o centro tátil, da sensação que produz a carícia de uma mãe, ou o centro da memória, do amor ou do ódio que desperta uma lembrança? Em virtude de que lei, de que princípio e obedecendo a que mandato, a que poder centralizador, as percepções e sensações se associam para dar unidade à consciência, formar pensamentos, coordenar idéias e juízos ou tomar determinações?

No prazer como na dor, na tristeza ou alegria, no desejo ou na paixão, na recordação como em todo trabalho da mente ou determinação da vontade, o cérebro desenvolve uma função puramente fisiológica sob o impulso e a direção do espírito, que é a única força psíquica, ativa (consciente ou inconsciente), inteligente e volitiva que há no organismo humano: sem ela o homem se reduz a um corpo; abandonado por ela é um cadáver. Fácil é compreender como em um estado normal do ser humano (isto é, enquanto a alma está estreitamente ligada ao organismo) toda função psíquica se desenvolve dentro das vias normais, correspondendo a um aparelho

sensorial determinado que, nascendo da periferia, encontra nas zonas centrais do cérebro um centro receptor e que todo centro motor cortical, que atua como aparelho transmissor com suas fibras nervosas eferentes, sirva a sua correspondente função motriz. Mas há casos (e estes já ninguém ignora) em que estas vias naturais (ou melhor, ordinárias) não são indispensáveis aos fenômenos de percepção, de transmissão e de motricidade e outros em que as localizações cerebrais não parecem ser tão cerebrais e muito menos psíquicas, como postula a psicofisiologia; mas estas localizações, como faz notar o doutor Gustave Geley,⁴ parecem ser mais anatômicas, ou melhor, aproximações aos verdadeiros centros psíquicos que correspondem às faculdades do espírito, localizadas, por assim dizer, no corpo etéreo ou perispiritual, que forma a estrutura íntima sobre a qual se plasma o corpo somático e do qual este é só o revestimento.

O positivismo psicofisiológico pretende já ter conhecido definitivamente a alma humana, fazendo dela uma espécie de mitologia psicológica, atribuindo a cada centro cerebral uma função própria; tem lavrado o cérebro como quem lavra um campo, atribuindo a cada fração um poder psíquico determinado e ao cérebro a coordenação automática desses poderes psíquicos, sem outra inteligência nem direção, senão a que resulta da inconsciência de cada um e que formam, por associação, o chamado campo da consciência.

A hipótese frenológica⁵ de Gall, sustentada por Broussais e Bouillaud, negadas pelas experiências e pela crítica de Flourens, reafirmada por Broca, Charcot, Türck, Fritch, Hitzig e mais tarde (1870 e 1875), respectivamente, por Ferrier e Bartholow, é considerada pela psicologia empírica como um fato científico perfeitamente demonstrado, do mesmo modo que a hipótese do paralelismo psicofisiológico; daí afirmar-se que não pode existir função psíquica sem seu correspondente centro nervoso, que a determinada atividade psicológica corresponde determinada atividade dos centros nervosos e que esta é sempre proporcional àquela. Como se vê, os feitos acumulados pela moderna psicologia e muito especialmente os da Metapsíquica, deixam malparadas estas hipóteses.

As localizações cerebrais têm em seu apoio fatos que, não sendo contraditos por outros tanto ou mais eloqüentes, dariam ao positivismo materialista uma razão, pelo menos hipotética, para seguir sustentando sua teoria psicofisiológica da alma. Nos traumatismos, uma leve lesão ou perda

de massa encefálica costuma ser acompanhada de perturbações mentais consideráveis (como nas afecções produzidas por quistos), e nos casos de ablação, a extração de um tumor ou de uma parte do cérebro suprime uma função ou faculdade psicológica. Sabe-se também que a privação de uma parte ou da quase totalidade (em alguns casos) do cérebro não altera e menos suprime as funções psíquicas correspondentes, nem reduz a personalidade. Os casos que se seguem falam em favor desta afirmação.

Em 1886, o doutor Carlos B. Tancredi ⁶ publicou o seguinte caso estudado pelo doutor Harlow:

“Um homem de 35 anos de idade estava ocupado em apertar uma broca de mina, quando a pólvora fez uma explosão: neste momento estava inclinado para a frente, sobre o orifício, com o rosto ligeiramente virado; o furador foi projetado de baixo para cima em direção de seu maior eixo, atravessando a cabeça e elevando-se no ar a bastante altura”. A ferida era oblíqua “e atravessava o crânio em linha reta desde o ângulo da mandíbula inferior ao centro do osso frontal, perto da sutura sagital por onde saiu o ferro, que foi encontrado a alguns metros do ferido, coberto de sangue e substância cerebral”. O furador em questão pesava 13,75 libras (cerca de 6,2 quilos), media 1,15 m de comprimento e 3 centímetros de diâmetro; a extremidade que penetrou primeiro era pontiaguda, tendo a ponta 18 centímetros de extensão, e em sua extremidade, 6 milímetros de diâmetro.

“Imediatamente depois da explosão, o ferido caiu de costas e seus membros se agitaram com movimentos convulsivos; mas não demorou em falar e, transportado a um povoado vizinho, desceu por si mesmo do carro onde o haviam colocado e com pouca ajuda pôde subir uma alta escada até a sala onde foi atendido.”

“O ferido – disse o dr. Harlow – suportava seus sofrimentos com a mais heróica firmeza; parecia conservar toda a sua razão, mas se abatia pela hemorragia – que era muito abundante, exterior e interiormente: deglutia o sangue que vomitava a cada quinze ou vinte minutos, e tanto o seu corpo, como a cama onde descansava, estavam inundados de sangue; tinha 60 pulsações regulares. Acompanhado do dr. Williams, que foi o primeiro a atender o ferido, procedi ao tratamento e examinando a ferida da frente vi que haviam sido levantados fragmentos de osso e que o cérebro formava hérnia; raspou-se-lhe a cabeça, foram retirados os coágulos e duas ou três lasquinhas de osso de forma triangular, e para assegurar-me de que não

existiam corpos estranhos, passei todo o dedo indicador na direção da ferida do rosto, na qual o indicador da outra mão penetrava do mesmo modo. Uma porção do ângulo ântero-superior de cada um dos parietais e uma porção semicircular do frontal estavam fraturados, o que formava uma abertura de 8,5 centímetros de diâmetro, aproximadamente...” Depois de haver levantado as lasquinhas, e um resto de matéria cerebral, unido por uma espécie de pedúnculo, coloquei em seu lugar os fragmentos mais importantes; juntei o quanto possível as partes soltas com ajuda de tiras aglutinantes.

“O ferido curou-se sem apresentar paradas nem alterações intelectuais e morreu dezanove anos depois do acidente.”

O doutor Destot cita três casos não menos assombrosos, estudados por ele e confirmados pelos doutores Mollière, de Lyon, e Buch, de Argel. Um dos casos refere-se a um menino de 12 anos de idade que ao cair de uma escada fraturou o crânio num bico de gás de iluminação, e pela ferida saiu-lhe a massa encefálica. Depois de um estado comatoso que durou dez dias, reagiu, recobrando os sentidos e curando-se por completo.

O segundo caso refere-se a um pedreiro, vítima de um terrível golpe que lhe provocou o salto da parte direita do frontal e do hemisfério cerebral correspondente. O estado comatoso durou 15 dias; um dia depois abriu os olhos, recobrou os sentidos e a sensibilidade. Fabricou-se-lhe uma tampa para proteger a parte do cérebro que restava e poucos dias depois recebeu a alta.

O terceiro caso é o de um árabe que apresentava uma ferida na sobrancelha esquerda, da qual saia pus; depois de haver-lhe feito vários curativos e quando parecia de todo curado, morreu repentinamente. Quando feita a autópsia, verificou-se que uma sexta parte do cérebro estava destruída por enorme abscesso, destruição que devia proceder de, pelo menos, três meses atrás, sem haver causado incômodos ao enfermo, que até o momento de morrer atendera a suas ocupações habituais.

O doutor Gustave Geley, na obra mencionada, resume casos dos quais, para maior esclarecimento, mencionaremos alguns.

O primeiro refere-se a um fato apresentado pelo doutor Hallopeau, em julho de 1914, à Sociedade de Cirurgia, relacionado com a operação de uma jovem no hospital Vecker, que caíra de um vagão. “Na trepanação provou-se que uma porção de matéria cerebral havia-se reduzido literalmente a

uma pasta. Limpou-se e drenou-se a ferida e a enferma curou-se perfeitamente.”

O segundo foi apresentado à Academia de Ciências de Paris pelo dr. A. Guepin, na sessão de 24 de março de 1917, como uma contribuição ao estudo desse tema; nela, menciona o citado doutor que: “Seu primeiro operado, o soldado Luís R., na época jardineiro das imediações de Paris, não obstante a perda de uma enorme parte de seu hemisfério cerebral esquerdo (substância cortical, substância branca, núcleos centrais, etc.), continua portando-se como uma pessoa normal, a despeito das lesões e da perda de circunvoluções consideradas como base de funções essenciais.”

O dr. R. Robinson apresentou também à Academia de Ciências de Paris, em 22 de dezembro de 1913, por intermédio de seu presidente, Edmond Perrier, o seguinte caso: um homem de 62 anos, ferido na região occipital, viveu um ano sem sofrimento. Durante um mês esteve perfeito; mais tarde, quando já havia esquecido o acidente, experimentou alguns distúrbios visuais e certo decaimento na inteligência. Após um ano, uma crise epilética atacou-o e levou-o à morte. Feita a autópsia, encontrou-se o cérebro reduzido a um estado de pasta, contendo apenas matéria purulenta.

Ao final do Século 16, o dr. Taruto Lisboa, chamado o Lusitano, publicou em seu livro *Prática Médica*, o seguinte caso:

“Um menino de 10 anos recebeu na parte posterior do crânio uma formidável cutelada, que cortou o osso e a membrana cervical, atingindo a massa encefálica. Contra todas as previsões e diagnósticos, o ferido curou-se. Três anos depois, morria hidrocéfalo. Abriu-se o crânio e não se encontrou cérebro. Entre as duas folhas da duramáter (uma das membranas que envolvem o cérebro) apareceu um líquido límpido e bem cheiroso; era coisa extraordinária. O menino havia vivido durante três anos sem cérebro, com a plenitude de suas faculdades psíquicas.”

O dr. Agustin Iturricha, presidente da Sociedade Antropológica de Sucre (Bolívia), em discurso pronunciado nessa instituição, em sete de agosto de 1916, fez referência a alguns casos análogos, entre os quais se citam os dois seguintes:

“... Mas aqui há fatos mais surpreendentes recolhidos na clínica do dr. Nicolas Ortiz, que o dr. Domingo Guzmán teve a amabilidade de comunicar-

me. A fonte dessas observações não pode ser suspeita: emana de duas altas personalidades do nosso mundo científico, de dois verdadeiros sábios.

O primeiro caso se refere a um jovem de 12 a 14 anos, morto em pleno uso de suas faculdades intelectuais, embora sua massa encefálica tenha sido completamente desprendida do bulbo, nas condições de um homem realmente decapitado. Enorme deve ter sido a estupefação dos clínicos ao encontrar, no ato da autópsia, abrindo a cavidade craniana, as meninges ensangüentadas e um grande abscesso que ocupava quase uma parte do cérebro e a protuberância, sabendo, sem dúvida, que este jovem, alguns instantes antes de morrer, pensava com vigor. Forçosamente, deveriam perguntar-se: Como se concebe isto?

O terceiro caso da mesma clínica refere-se a um jovem agricultor de 18 anos. A autópsia pôs a descoberto três abscessos do tamanho de uma tangerina, ocupando cada um a parte posterior dos hemisférios cerebrais e uma parte do cerebelo com comunicações recíprocas. Apesar disso, o doente pensava como os demais homens.”

À parte destes fatos, a revista *La Idea*, de Buenos Aires, de abril de 1933, traz o resumo de um artigo publicado em uma revista alemã (*Die Ubersennliche Welt*), no qual se lê o seguinte:

“Hyrth, Hufeland e Hennemoser, professores de cirurgia médica, comprovaram que a perda de partes sensíveis do cérebro não havia reduzido a capacidade de pensar dos sujeitos examinados.

O professor Schmick recorda que Benecke referia aos estudantes o seguinte fato: o célebre arquiteto berlinense Schinkel, normal até o último minuto de sua vida, apresentou na autópsia enormes “vazios” no cérebro. O professor Rein, de Jena, em conferência realizada em 1911, citou o caso de um homem normal durante toda sua existência, apesar de grandes alterações cerebrais. Várias comprovações desta categoria registraram-se durante a guerra dos Balcãs. O professor K. L. Schleich consignou vinte casos de cérebros humanos gravemente lesionados, sem alteração da personalidade humana; cérebros mutilados e, não obstante, com vida normal.”

Para responder a estes e outros casos análogos recorre-se à hipótese da dualidade cerebral, sustentada por Flourens, segundo a qual um hemisfério cerebral pode suprir as funções de outro. Esta hipótese psicofisiológica é aceita como um entre tantos recursos da psicologia chamada positiva, para

dar-se uma explicação que satisfaça ao seu conceito materialista do homem, mesmo quando se ignore como se operam essas substituições ou a duplicidade de funções de um só hemisfério cerebral e ponha-se em aberta contradição com a hipótese das localizações cerebrais, a não ser que se considere cada hemisfério cerebral como um órgão completo e o homem como possuindo duas personalidades independentes e supletivas em suas respectivas consciências e funções.

Mas tal hipótese, não obstante seu cientificismo, não explica os casos em que a quase totalidade (ou a totalidade em alguns casos) do cérebro se acha reduzida a pasta, convertida em massa purulenta ou hidrocéfala ou, como no primeiro caso citado pelo doutor Iturricha, o cérebro se acha separado do bulbo. Teria que se encontrar então outro recurso científico que explicasse, mesmo que hipoteticamente, esses fatos, e este, à falta de outro mais positivo e satisfatório, achou-se na medula espinhal, que em tais casos desempenharia as funções psíquicas do cérebro.

Assim, vemos o materialismo batendo-se em retirada, cedendo terreno aos avanços do espiritualismo científico no que se refere a este e a outros aspectos do problema psicológico. Primeiro, sustentou, como um fato científico, experimentalmente demonstrado, que o pensamento é uma secreção do cérebro; portanto, que o espírito é a resultante do funcionamento cerebral; mais tarde, considerou-o como um complexo de sensações ou como a sucessão de estados de consciência formados pela elaboração e a associação dos centros sensitivos, receptores e motores, assinalando no córtex cerebral a sede das faculdades da alma ou, melhor dito, localizando os poderes do polipsiquismo funcional que, segundo seus admiradores, dá-nos a ilusão de nossa individualidade psíquica; em conseqüência, destruindo-se um destes centros, ficava de fato suprimida a sua função. Assim, quando os fatos demonstraram que a trepanação de uma parte do cérebro, ou a falta de um hemisfério cerebral não impedia em certos casos o funcionamento normal do espírito, e nem reduzia suas faculdades, formulou-se a hipótese de dualidade cerebral (na qual, diga-se de passagem, encontrou-se também um cômodo refúgio para explicar os casos de dupla personalidade, tais como o de Férida, estudada pelo doutor Azam) e, quando, por diversas causas, como nos casos citados, os dois hemisférios se tenham inutilizado ou destruído, diz-se que a medula espinhal pode desempenhar as funções do cérebro e, se acontecesse o caso

de que também a medula estivesse afetada, não faltariam outros recursos tão científicos e positivos como os anteriores para querer explicar a existência do espírito pela existência e funcionamento do organismo: quer dizer, para negá-lo como entidade individual.

Os casos de dupla personalidade ou alotrópicos, dos quais temos feito menção, oferecem ao psicólogo livre de preconceitos elementos de reflexão e conduzem logicamente a buscar no perispírito a explicação científica de ditos fenômenos, encontrando-se este na função de mediador plástico e estrutural das formas específicas e da personalidade característica de cada ser, o receptáculo ou arquivo da memória subconsciente, onde o espírito registra e conserva indelevelmente a memória integral de seu passado e dos conhecimentos adquiridos por meio das mudanças de personalidade durante suas múltiplas existências.

Tem-se pretendido explicar os fenômenos de dupla personalidade, como já dissemos, pela hipótese da dualidade cerebral, hipótese pouco feliz e que não prosperou, porque os fatos, muitos deles pelo menos, encarregaram-se de destruí-la, como veremos mais adiante.

Quis-se explicar também esses fenômenos considerando-os como simples casos de amnésia, quando, a rigor, se trata de fenômenos de criptomnésia – de uma categoria superior aos classificados por este nome pelo professor Charles Richet – de uma criptomnésia ou memória oculta em que as lembranças arquivadas na subconsciência (conceito espírita) afloram à consciência e se alternam periodicamente na memória ordinária.

Na linguagem empírico-psicológica: um sujeito que se desdobra é um “psicopata”, um doente, amiúde, um histérico. A histeria o elucida, ainda que para isso tivesse que começar dando a estes uma explicação verdadeiramente científica, de que carecem; pois não é possível explicar um fenômeno desconhecido por outro de origem também desconhecida.

Esta última explicação é também aquela que *alguns* psiquiatras dão aos fenômenos metapsíquicos ou espíritas em geral, os quais, diga-se, escapam ao domínio de sua especialidade por mais que a ignorância dos profanos pretenda erigi-los em autoridades nesta matéria, sem que a tenham estudado e aprofundado, como disciplina científica, ainda que até certo ponto tenham relação com a ciência de sua especialidade.

Toda pessoa ilustrada nessa matéria sabe que quando os médicos psiquiatras quiseram explicar os fenômenos metapsíquicos ou espíritas pela psicopatologia, fracassaram irremediavelmente.

Se os estados patológicos fossem capazes de produzir fenômenos tão maravilhosos como os enunciados, declarar-se-ia que a enfermidade, em tais casos, é superior à saúde e que o anormal (psíquica e mentalmente considerado) é mais normal, tem mais ciência e mais consciência que o supranormal e em tal caso ter-se-ia que eliminar a ação terapêutica da medicina psiquiátrica, por considerá-la contrária às manifestações de ordem psíquico-superior e às investigações da ciência metapsíquica e espírita.

Não há que se estranhar a atitude avessa com que certos cientistas tratam os fenômenos do Espiritismo, fazendo-os passar por produto da psicose ou morbidez dos médiuns.

Acaso não há aqueles que afirmam temporariamente que a tuberculose e a tísica aguçam a inteligência e desenvolvem a sensibilidade artística, que o talento e o gênio são derivados do artritismo, ou asseveram, seguindo as elucubrações pseudocientíficas do doutor Chabaniex, que a “auto-intoxicação” e a enfermidade são um “fermento de criação” inteligente, quando não são em si mesmas uma verdadeira criação e chegam ao cúmulo da temeridade científica afirmando com o doutor Pascal Perp e seus seguidores que a causa produtora do gênio é a “sífilis hereditária”?

Certo é que o eminente psiquiatra Lombroso não mais sustentasse em seus últimos anos, depois de suas célebres experiências no fenomenismo espírita, a teoria anticientífica que confunde o gênio com a loucura, nem houvesse escrito as páginas (das quais teve que se envergonhar mais tarde) nas quais colocava os médiuns e os espíritas na categoria de *loucos e anormais*; e é certo também que nosso sábio Ingenieros, tendo vivido alguns anos mais (já engajado na corrente metapsíquica), se arrependeu de ter estabelecido uma triste semelhança entre a *loucura genial* de Nietzsche e a *loucura genial* de Jesus, nem tivesse sustentado a afirmação positivomaterialista de que já “não há alma”, considerada como uma entidade “real ou espiritual”, que a alma é uma *função-adjunta* no curso da evolução biológica.

Deixando de lado os prejuízos de escola, que os fatos se encarregam de destruir pouco a pouco, voltemos ao fenômeno de dupla personalidade.

Citamos o caso de Félida, estudado pelo doutor Azam.

Félida era oriunda de Bordéus, filha de pais sãos; na idade de treze anos começaram a produzir-se nela as mudanças de personalidade, primeiro com curtos intervalos que foram tomados por acessos de loucura e denunciados como tais ao doutor Azam, à época médico do Asilo Público de Alienados, que a atendeu e a estudou pessoalmente durante três anos (1857-1859), enquanto permaneceu solteira, e desde esta última data até 1876, valendo-se das observações de seu marido.

Mais tarde, as mudanças foram mais prolongadas, permanecendo durante meses em estados alternados.

As lembranças de Félida existiam somente para os fatos ocorridos durante as condições semelhantes, desconhecendo em uma o que se passava na outra, a ponto de ficar grávida em uma delas e ignorá-lo durante os primeiros estados de sua segunda personalidade.

O trânsito de um estado para outro se produzia mediante o sono ou, atendo-nos às palavras do dr. Azam, mediante um “torpor profundo parecido ao sono”.

Em Félida existiam duas personalidades *completas e distintas*, perfeitamente caracterizadas: uma (a segunda) era alegre, jovial e psiquicamente sã; tinha gostos, sentimentos, lembranças características e até mostrava maior inteligência do que a outra; esta última, que é normal, mostrava-se triste, taciturna, sua conversação era séria, parca no falar, sua vontade era firme, seus sentimentos afetivos pouco desenvolvidos, até o ponto de mostrar-se indiferente com sua família e rebelar-se contra a autoridade de seu marido; sofria dores intensas em todo o corpo.

Vejamos o quadro que dela nos faz o doutor Azam:

“Félida X está sentada e tem sobre seus joelhos um trabalho qualquer de costura; de repente, sem que nada possa prever e depois de uma dor na frente, mais forte do que o comum, cai a cabeça sobre o peito, suas mãos permanecem inativas ao largo do corpo; dorme ou aparenta dormir, mas com um sono especial, pois nem o ruído nem outra excitação, beliscos ou picadas a despertam; ademais, esta espécie de sono é absolutamente súbita; dura dois ou três minutos – antes era mais longo –; desperta, mas não se acha no estado intelectual em que estava quando dormiu. Tudo parece diferente: levanta a cabeça e, abrindo os olhos, saúda sorridente aos que chegam; sua fisionomia se ilumina e respira alegria; sua palavra é

breve, enquanto continua contente o trabalho de enxoval que começou em seu estado precedente; se se levanta, o passo é ágil e apenas se queixa de muitas dores que alguns minutos antes sofria; atendendo aos cuidados da casa, sai, anda pelo povoado, visita, faz um trabalho qualquer e seu aspecto é o de uma jovem de sua idade, sã.

Seu caráter mudou completamente; de triste se fez alegre e sua vivacidade aproxima-se da turbulência; sua imaginação está mais exaltada; por motivos insignificantes se emociona, triste ou alegremente; de indiferente se torna sensível ao extremo.

Em ambas as vidas, suas faculdades intelectuais e morais, ainda que diferentes, estão íntegras; nenhuma idéia delirante, nem a apreciação falsa ou alucinação; em sua segunda condição, todas as suas faculdades parecem mais desenvolvidas e completas. Esta segunda vida, na qual não sente dor física, é superior à outra, sobretudo pelo fato já indicado de que Félida se lembra não somente de tudo que aconteceu durante os acessos anteriores, como de toda sua vida normal, enquanto que nesta, nada recorda do que aconteceu nos ataques.”

Eis aqui duas personalidades psiquicamente distintas, manifestando-se alternadamente por um mesmo organismo, por meio de um mesmo coração e de um mesmo cérebro, não obstante diferenciar-se em sentimentos e em inteligência e expressar caracteres opostos, continuando uma só existência individual nos trabalhos e misteres próprios dessa individualidade, sem recordar, uma das personalidades, o que faz e pensa a outra e tendo consciência esta do que fazem as duas durante os acessos anteriores e consecutivos: uma, jovial e alegre, terna e afetuosa; outra, sóbria, triste, retraída e indiferente aos afetos; sã uma, doente a outra, vivendo em um mesmo corpo.

Este fato é inconciliável com a psicofisiologia e, não como se tem pretendido, com a unidade e indivisibilidade do *eu*.

Não se trata, neste caso, como em outros análogos, de *duas individualidades*, mas de *duas personalidades*: aqui se apóia a confusão de muitos psicólogos e também de muitos metapsiquistas. Félida não tem duas vidas, duas almas, duas individualidades em um só espírito, como todos os demais com uma consciência normal e uma subconsciência que guarda a lembrança e a personalidade característica do que foi em uma existência anterior; e essa personalidade característica do que foi,

transcende periodicamente e anula a consciência normal e se manifesta não como é Félida em seu estado normal, mas como foi em sua personalidade anterior, sem ter a lucidez suficiente para recordar seu passado; vive-o somente, até que por um acesso ou alteração alternativa, muda sua personalidade e volta a seu estado normal, dominando por último o segundo estado. Significa que esta segunda personalidade não se radica em um hemisfério do cérebro e a outra na outra metade, hipótese absurda e à margem de toda experiência científica.

Por outro lado, não se explica como um hemisfério cerebral pode inibir a outra parte em suas funções, como surge e se resolve este conflito cerebral e como dois órgãos cerebrais produtores de duas individualidades distintas podem concordar com as funções de um só coração.

Mesmo assim, não pretendemos negar a correlação psicofisiológica. Sabemos, porque assim tem estabelecido a psicologia experimental, que no funcionamento *normal* do organismo, cada órgão, célula nervosa, fibra, ou o centro cerebral, desempenha uma função sob a ação consciente ou inconsciente do espírito. Mas uma coisa é aceitar verdades demonstradas, e outra, muito diferente, tomar como tal as hipóteses ou confundir as condições fisiológicas dos fenômenos psíquicos com a sua causa, ou anular no espírito uma faculdade determinada, pelo fato de que não se manifesta em condições orgânicas defeituosas ou não existentes para seu funcionamento normal.

Dos fatos expostos mais acima, deduz-se que os centros receptores sensoriais, os centros motores e os centros de transformação e de associação para os fenômenos psíquicos, as células nervosas, gânglios, fibras, isto é, o eixo cérebro-espinhal e os músculos e órgãos sensoriais, não mais são do que a estrutura exterior, o revestimento material de uma organização etérea, animada pelo espírito, pelo *eu* pensante, consciente e volitivo, vinculada ao dínamo-psiquismo celular, ao qual este está subordinado e ambos o estão ao espírito. Este é a verdadeira causa psíquica individual organizadora e diretriz na qual radica todo o poder e toda faculdade anímica e que, em estados supranormais, pode perceber mesmo sem os órgãos do corpo somático. E como o faz notar G. Dwelshauvers, em seu livro *O Inconsciente*, “põe em jogo as células cerebrais dos centros localizados, supõe uma excitação preliminar e esta provém de um ato psicobiológico que, em si mesmo, não pode ser

localizado. E se é impossível localizar a menor das sensações, o é muito mais assinalar um lugar determinado do córtex cerebral ao que antes se denominava faculdades de abstração: vontade, sentimento, imaginação e memória”.

Com efeito, quando o espírito realiza um ato psicofisiológico, elabora um pensamento, toma uma resolução ou provoca uma lembrança, atua sobre os centros respectivos e ao não conceder espontaneidade a cada célula cerebral dos centros localizados, ou seja, o princípio funcional do ato psíquico que se desenvolve por seu próprio impulso, há que se admitir ou que esta espontaneidade ou impulsão provém de outra célula cerebral, localizada em determinado centro, necessariamente persistente para a manutenção do equilíbrio e da ordem psico-funcional (o que nem a Psicofisiologia nem a Neurobiologia demonstraram), ou que a excitação preliminar, que o princípio do ato psíquico superior provém do espírito, considerado este como unidade psíquica, como entidade essencial e distinta do organismo, que se vale dos centros para o funcionamento psíquico normal. Essa unidade psíquica não constitui os centros nem é o resultado de um suposto polipsiquismo celular, tão inadmissível do ponto de vista psicológico, como contrário aos fenômenos metapsíquicos e espíritas, que provam a sua existência e independência, tão menosprezada pelos sábios que não saíram do limite restrito da Psicofisiologia.⁷

Uma coisa é dizer que determinados centros correspondem *normalmente* a determinadas funções ou atos psíquicos e outra, muito diferente, que sejam os centros cerebrais ou, em sua falta, medulares, os que elaboram ou produzem por si mesmos ou por associações o fenômeno psíquico. Este último não foi demonstrado pela ciência experimental.

As localizações cerebrais não são senão centros que têm ramificações e pontos de contato em todo o sistema nervoso, sobre os quais, no estado normal, age o espírito, podendo deles prescindir em casos como os que relatamos e em outros mais extraordinários e difíceis de explicar dentro do estreito limite da psicofisiologia, como os fenômenos metapsíquicos, anímicos e espíritas.

As mesmas percepções podem chegar à alma por diferentes vias nervosas, ainda que produzidas por sensações diversas. As sensações táteis dão ao cego e também ao que não o seja, idênticas percepções de forma e tamanho e até de significado como as percepções visuais, e a vista pode

suprir o tato. As sensações olfativas estão tão intimamente ligadas às do gosto que em muitíssimos casos podem supri-las; o ouvido é um grande auxiliar da vista e pode informar à alma percepções análogas. A alma é una e indivisível e talvez não esteja longe o dia em que se possa, por exemplo, manusear as cores e ver os sons, como auxiliares dos órgãos de percepção. E esses mesmos órgãos podem ser, em casos anormais, alterados e o sujeito perceber por vias diferentes, como nos casos de transposição dos sentidos, estudados por Lombroso, Petetin e outros.

O primeiro destes sábios narra o fato de uma jovem de 14 anos de idade, filha de um dos homens mais inteligentes da Itália e de mãe sã e robusta, que ao chegar à puberdade sofreu tantos transtornos orgânicos, seguidos de convulsões histéricas, de hiperestesia e de transposição dos sentidos, que ele (Lombroso) foi chamado a assisti-la: enquanto perdia a visão dos olhos, via com o mesmo grau de agudeza com a ponta do nariz e com o lóbulo da orelha esquerda. Igual transposição se havia operado com o olfato: “o amoníaco, a assa-fétida ⁸ não lhe produziam no nariz a mais leve reação, enquanto que outra substância ligeiramente odorífica posta sob o queixo provocava-lhe uma impressão viva e uma mímica característica”... Mais tarde, o olfato se transportou para o calcanhar e então, quando o odor lhe desagradava, movia a perna da direita para a esquerda e quando lhe era agradável ficava quieta, sorria e respirava com freqüência. Em tais condições teve mais tarde fenômenos de lucidez profética: prognosticava com assombrosa exatidão, às vezes com 15 dias ou mais de antecedência, o dia e a hora em que lhe sobreviria o acesso histérico e indicava o metal que o faria cessar e que era insubstituível. Viu de seu leito e a um quilômetro de distância seu irmão no teatro e predisse a este e a seu pai fatos que aconteceriam (e que se verificaram) dois anos depois.

Petetin, como faz notar Lombroso, já havia estudado, em 1808, casos análogos em oito mulheres catalépticas, nas quais os sentidos externos se transpuseram à região gástrica e aos dedos dos pés e das mãos. Em 1840, Carmagnola também observou uma jovem de 14 anos que em acessos de sonambulismo natural, a que estava sujeita, via distintamente com a mão, escolhia fitas e cores e lia na obscuridade. No mesmo ano, o doutor Angonoa estudou uma jovem da mesma idade que sofria de dispepsia e amenorréia como consequência de um desgosto e que, em estado de sonambulismo, via com a nuca as moedas que se lhe mostravam nessa

região, percebia os perfumes com o dorso da mão; mais tarde, a visão e o ouvido se transpuseram para a região epigástrica e ela podia ler um livro aproximando-o dessa região e tendo os olhos vendados. Observou também um jovem de 22 anos que percebia da mesma maneira e que via em seu próprio corpo 33 lombrigas, que expulsou dentro de algum tempo. Podemos acrescentar também o caso de uma tal Estela, de Neuchatel, estudada por Despine, menina de 11 anos de idade, parálitica, que via com a mão, o cotovelo e as costas; e o citado por Frank, de um homem que tanto via com o epigástrio como com o frontal ou o occipital, e outros muitos estudados por Piovano, Berger, Heindenhain, Grimaldi, etc. fatos que, como o faz notar César Lombroso, não podem ser interpretados pela hiperestesia táctil e visual, que é sempre medíocre e de nenhum modo pode explicar a leitura de manuscrito e muito menos a visão a distância, sem intervenção dos olhos nem a premonição.

Relacionados com estes fatos estão os fenômenos psicométricos e alguns de clarividência (em estado normal ou sonambúlico) em que certos sujeitos sensitivos percebem, *vêem*, a grandes distâncias e fora das condições visuais ordinárias, mediante o contato de um objeto com os dedos da mão ou colocando aquele em certas zonas do corpo chamadas hipnógenas, fatos ou acontecimentos presentes, passados ou futuros; como igualmente os casos de transmissão de pensamento tomando como meio a mão do transmissor e a do sujeito receptor, fenômeno que temos efetuado centenas de vezes e cujos resultados descartam a hipótese da influência física do operador. Nestes, como nos fenômenos análogos de transposição dos sentidos, não são os olhos que vêem ou, mais exatamente, não se vê por mediação dos olhos; e tais fenômenos contribuem, por si mesmos, para confirmar a tese espiritualista da unidade psíquica, sinestésica, unissensível e uniperceptível que, mesmo nas condições psicofisiológicas normais, possui diferentes formas de percepção, de acordo com a organização sensorial. Em estados supranormais ou mediante faculdades psicossensitivas excepcionais podem transformar-se umas percepções em outras ou ter o espírito uma percepção psíquica direta, capaz de reduzir os diversos modos de percepção psico-orgânica à unidade perceptiva e perceber fatos e acontecimentos que escapam à percepção ordinária.

Referindo-se a esta classe de fenômenos, disse o eminente psicólogo Fredrich Myers:

“Poder-se-ia perguntar até que ponto os órgãos terminais especializados participam dessa atividade perceptiva exagerada e a resposta a esta pergunta nos permitiria elucidar o fenômeno, conhecido sob o nome de transposição dos sentidos e que ocupa o termo médio entre a hiperestesia e a telestesia ou clarividência. Já se sabe em que consiste esse fenômeno: é, por assim dizer, a substituição de um órgão dos sentidos por outro, como, por exemplo, a visão que sentem por meio da extremidade dos dedos.

“Por acaso se trata de uma verdadeira sugestão e um órgão é realmente capaz de assumir uma função que não lhe pertence e que é atribuição de outro órgão definido e especializado para esta função? Eu não creio. Segundo meu sentir, a extremidade dos dedos não constitui, de maneira alguma, nos casos de que se trata, um órgão da visão, como as zonas chamadas hipnógenas não constituem órgãos destinados a transmitir a sugestão hipnótica. Mas aqui se trata de um estado de telestesia que não implica necessariamente a percepção pelo organismo corporal; unicamente, o espírito que percebe deste modo supranormal se encontra sob a impressão de que percebe através de tal ou qual órgão corporal.”

E acrescenta:

“Cada sentido especial é ao mesmo tempo um sentido interno e um sentido externo; implica no trajeto cerebral de uma capacidade desconhecida e em órgãos terminais cuja capacidade se presta mais à mensuração. A relação entre a visão interna, mental, como a percepção psicológica não-sensorial, por sua parte, com a visão ocular, por outro, constitui precisamente um dos pontos cujo exame profundo parece necessário.”⁹

Por sua parte, diz o célebre antropólogo italiano César Lombroso:

“A verdade é que não se pode dar uma explicação científica (isto é, dentro da psicologia empírica) destes fatos, que entram no limiar daquele mundo que todavia deve chamar-se oculto, porque não foi explicado.”

Mas acrescenta em nota à parte:

“Agora, com as noções acerca do *duplo*, pode-se pretender uma explicação!”¹⁰

Esse *duplo* – chamado corpo astral pelos vedas, teósofos e ocultistas, e perispírito pelos espíritas – que em princípio se considerou mera afirmação religiosa, mais tarde como uma hipótese racional, para explicar certos fenômenos psíquicos, é hoje uma verdade positiva, demonstrada

experimentalmente pela verdadeira ciência da alma e que o Espiritismo oferece como um meio de explicação dos fenômenos metapsíquicos, da possibilidade da percepção sem órgãos materiais e das relações do mundo da matéria e o mundo do espírito.

Nos casos de desdobramento se observa que, enquanto o corpo do médium ou do hipnotizado fica reduzido a uma vida puramente vegetativa ou orgânica e as funções de relação suspensas durante o transe, exterioriza-se o corpo fluídico ou astral, tomando, este, aspectos e cores determinados que variam segundo as pessoas. Albert de Rochas, que o estudou em sua exteriorização, com especialidade, sustenta que é exatamente a reprodução do corpo físico. Esta é também a afirmação do engenheiro Gabriel Delanne, para quem não se limita à reprodução dos contornos exteriores do ser material, mas também na interioridade da estrutura perispiritual. Dito de outro modo: todos os órgãos do ser humano existem na reprodução fantasmal, em virtude de uma preformação etérea, a qual, se nos ativermos aos fatos, pode variar e tomar formas, modalidades e até personalidade distintas.

O mesmo acontece nos casos de bilocação, em que o espírito do sonâmbulo, ou do extático, translada-se com o perispírito a um lugar distante de onde se acha seu corpo, com todas as suas faculdades psíquicas, e se faz visível em muitos casos.

Mas onde o perispírito manifesta-se em todo o seu poder e o fato tem um valor mais probatório e significativo é quando se exterioriza parcial ou totalmente fora do organismo, como nos fantasmas dos doentes e dos chamados mortos, muitas vezes vistos, observados e até fotografados, como se pode comprovar em fotografias transcendentais.

“... A parte que há em nós de idealista e transcendental – diz o eminente físico Oliver Lodge – é associada permanentemente com o eterno, para a atividade e a intercomunicação igual à que mantemos agora com a matéria.”

Nesta superestrutura etérea ou perispiritual é que se radica o “mistério” das transformações psicofisiológicas e onde deve buscar-se a explicação de todo fenômeno psíquico normal e supranormal. Ela é o verdadeiro meio transformador das sensações em percepções.

Sendo uma substância maleável e dúctil por sua natureza etérea e estando subordinada à vontade do espírito, é capaz de adaptar-se às várias condições do plano físico e, afinando-se a ele, servir-lhe de veículo.

O fato notório de que os amputados continuam sentindo dores e impressões originadas por causas anteriores e que experimentem sensações térmicas no lugar do membro amputado, prova a existência do perispírito e que as supostas localizações cerebrais não são senão os verdadeiros centros perispirituais, onde o espírito registra e conserva (apesar da constante renovação da matéria e das células cerebrais) o conhecimento e a memória onde têm origem todos os fenômenos psicológicos.

“... O sentido da integridade do membro amputado é a tal ponto real – diz o professor Bozzano – que se se consegue distrair a atenção do mutilado, este percebe inclusive as sensações que o membro inexistente deveria perceber, se não lhe faltasse”¹¹ e considera esse fato como uma das modalidades do fenômeno de bilocação, que não pode ser logicamente explicado se não se admite o corpo fluídico ou perispiritual.

Não faltam psicólogos que consideram esse fenômeno como o resultado de um hábito adquirido nas sensações reais e continuado nas pseudo-sensações depois da amputação. Mas esta hipótese perde todo o seu valor ante o conhecimento experimental que hoje se tem do perispírito e que oferece uma explicação que nos põe em condições de poder compreender e explicar este e outros fenômenos psíquicos e metapsíquicos não explicáveis pela primeira hipótese.

Alguns metapsiquistas qualificaram a hipótese científica do perispírito hoje perfeitamente demonstrada pelos fatos de “pura ilusão”, não obstante terem que fazer uso dela para explicar o fantasma fluídico dos bilocados.

Respondendo a tal objeção, o professor Ernesto Bozzano ressalta as diferentes modalidades pelas quais se determina o fenômeno da exteriorização do corpo fluídico, demonstrando com fatos sua objetividade e eliminando as hipóteses *onírica* e *alucinatória* que, segundo ele, são as únicas que se podem opor a fenômenos desta classe. E a tal objeto, estabelece as diversas gradações em que se produzem os fenômenos de bilocação, começando pelos já mencionados da sensação de integridade dos mutilados e seguindo com os fenômenos de autoscopia ou de desdobraimento apenas esboçado, em que o sujeito tem consciência de si

mesmo e percebe seu fantasma a distância. São, portanto, os casos em que o espírito percebe seu corpo a distância; os fenômenos de desdobramento durante o sono natural; os do sonambulismo provocado; os de desdobramento por ação anestésica; o que se produz nos estados comatosos ou pré-agônicos; o do fantasma de um vivo, visto simultânea ou separadamente por várias pessoas; o do duplo, visto por sensitivos, e, por último, o percebido pelos assistentes de uma pessoa no momento da morte.

O fenômeno da memória para ser explicado exige a existência de algo permanente. A identidade e permanência das lembranças exigem a identidade e permanência do *eu*. A lembrança não pode existir se falta a unidade psicológica que perdure. Se o espírito pode recordar faltando-lhe (como nos casos de ablação mencionados) os centros cerebrais da memória, é lógico afirmar que esta não se radica no cérebro.

É certo que para lembrar dos conhecimentos adquiridos – isto é, aqueles que impressionaram nosso cérebro – requer-se, em estado normal, determinadas condições psicofisiológicas, pois ainda que os conhecimentos estejam gravados no perispírito, estando este ligado ao cérebro, normalmente dele necessita para recordá-los, como no estado normal ou ordinário necessita dos órgãos e centros de percepção para ver, ouvir, etc. Mas, nem é o cérebro que possui os conhecimentos, nem os centros da memória que os recordam, assim como não são os olhos que vêem nem os ouvidos que ouvem.

A conservação dos conhecimentos adquiridos pode existir (e existe de fato) sem a lembrança; esta pode desaparecer do campo da consciência e permanecer oculta durante a maior parte de nossa vida e reviver logo na mente, em virtude de circunstâncias favoráveis à memória ou por acidentes que afetem a normalidade do cérebro, ou ainda nas afluências mnemônicas dos doentes...

Diz Henri Bergson:

“Quando a lesão cerebral é grave, quando a memória das palavras está atacada profundamente, sucede que uma excitação mais ou menos forte, uma emoção, por exemplo, devolve-nos a lembrança que parecia perdida para sempre.

“Seria possível isto se a lembrança houvesse sido depositada na matéria cerebral alterada ou destruída? O fenômeno produz-se como se o cérebro servisse mais para rememorar a lembrança do que para conservá-la.”

E acrescenta:

“Se a lembrança não foi armazenada no cérebro, onde se conserva? A pergunta onde, acaso tem sentido, quando nos referimos a outra coisa que não um corpo? Os clichês se conservam em uma caixa, os discos fonográficos em embalagens, mas por que as lembranças, que não são coisas visíveis nem tangíveis, terão necessidade de um continente e como seria possível tê-lo? Essas lembranças estão em outra parte que não no espírito?”¹²

Sem dúvida, tanto a nova como a velha Psicologia pretendem que a memória e, por conseqüência, as lembranças se prendem ao cérebro, mas nem todos os seus representantes estão de acordo (e a razão é óbvia) sobre a natureza das impressões ou sinais cerebrais da memória. Desde Platão a Ribot, não há mais do que hipóteses que se desvanecem sob o peso dos fatos que apontamos e outros que em continuação mencionaremos. Descartes acreditava nas circunvoluções do cérebro, onde as lembranças estariam arquivadas; Malebranche, em supostos sulcos comunicantes; Moleschott e seus seguidores, nas vibrações fosforescentes da matéria cerebral; Ribot e os psicofisiologistas, nas marcas produzidas (não se sabe como, nem em que consistem) por certas modificações dos movimentos nos centros corticais, transformados uns em arquivo das palavras, outros dos movimentos, aquele da música, este da pintura e, enfim, cada um com encargo e aptidão especiais. A recordação é, pois, uma função privativa de certos centros: o Mozart músico está todo contido no centro *musical*; o Vernet pintor, no centro *pictórico*¹³ e assim todos os demais.

A tudo isto acrescentaremos os fenômenos supranormais de subconsciência medianímica, em que o sujeito revela conhecimentos não fixados nem arquivados no cérebro material, por não os haver adquirido durante a vida terrena; o das crianças-prodígio, para quem, segundo a frase de Platão, aprender é recordar; os fenômenos *assombrosos* de regressão da memória obtidos pelo sonambulismo. Neste caso, o sujeito hipnotizado retrocede no tempo, passando por diversas fases de sua vida terrena até entrar no claustro materno e aparecer imediatamente em uma existência anterior com um nova personalidade, completamente diferente e alheia à primeira, a qual, por sua vez, seguindo um processo regressivo análogo, desaparece e, assim, umas sucedendo-se a outras, vão desaparecendo as diversas personalidades de um mesmo indivíduo, de um mesmo eu,

ignorando uma à outra e todas deixando dados mais precisos de suas respectivas vidas.

A memória subconsciente supranormal se manifesta também em muitas pessoas, como no caso de Lamartine, do catedrático Damiani, dos romancistas Ponson du Terrail, Dumas e Teófilo Gautier, do poeta Mery e mil outros, que têm afirmado (e em alguns casos demonstrado) possuir lembranças de existências passadas, ou que reviram esse passado à vista de paisagens ou diante de fatos ou circunstâncias que nos trouxeram à memória, ou, como no caso do doutor Gustave Geley, que conservava lembranças pré-natais dos momentos próximos à entrada na vida material.

Ainda podemos juntar ao exposto os casos de loucura em que a Psicofisiologia (e a Psiquiatria, inclusive) pretende ver fatos que negam o espírito como entidade substancial e distinta do organismo.

Na loucura não há loucos, não há *demência*, senão diversos modos anormais de se *mostrarem ajuizados* em razão de uma desordem orgânica ou desarmonia nas relações do cérebro e o perispírito, ou por uma obsessão fixada no cérebro e da qual o espírito não pode subtrair-se enquanto não seja neutralizada por uma sugestão de si mesmo ou com a ajuda de outro poder sugestivo superior. O corpo não é louco, o perispírito tampouco (e menos o espírito), mas um ou outro ou ambos podem ser a causa da loucura e desde que aí suprimidas as causas, ficam suprimidos os efeitos. Há loucos que não apresentam qualquer lesão no cérebro e há ajuizados que têm o cérebro feito pasta.

Surya ¹⁴ conheceu um demente que, na véspera de morrer, recobrou toda lucidez de seu espírito e pôde conversar com seus parentes e amigos com o juízo e a lógica mais seguros.

A Psicologia chamada positiva não pode, pois, conciliar seus postulados de paralelismo psicofisiológico e das localizações psíquicas no cérebro, com os fatos que acabamos de expor, nem explicar, por eles, os fenômenos da memória, da subconsciência nem da identidade pessoal ou do *eu* psíquico em um organismo mutável, sujeito a constantes transformações, no qual nem um só átomo material, nem só uma célula subsistem. Para admitir a lembrança, a subconsciência e nossa identidade, através das mudanças materiais e celulares, há de se admitir, queira-se ou não, uma preformação da consciência, um princípio espiritual permanente e um mediador plástico de natureza etérea, semimaterial ou perispiritual, capaz

de relacionar-se com o espírito e seu organismo somático e servir de receptor das impressões exteriores e de impulsionador dos movimentos motores.

Reduzir o campo da atividade sensitiva, motriz ou mental, ao limite periférico do organismo e ao alcance dos órgãos sensoriais, foi o propósito absurdo da Psicologia positiva. A exteriorização da motilidade e da sensibilidade (telestesia), a televisão (ou visão a distância sem o órgão visual), os fenômenos telepáticos, a clarividência, etc. opõem-se a tais pretensões. Eles reclamam uma ciência mais experimental e dedutiva, mais ampla e mais exata. Como um sujeito exterioriza sua força motriz e põe em movimento, sem contato, objetos pesados? Como um sensitivo ou hipnotizado sente a distância a picada aplicada no ar ou na água em que deixou impregnada sua sensibilidade? Como ouve o clariaudiente a voz psíquica que impressiona sua alma sem ferir o órgão auditivo? Como, nos casos de autoscopia, o sujeito percebe o interior de seu próprio organismo e descreve minuciosamente a parte afetada de determinado órgão? Como uma pessoa, ainda em estado normal, pode transmitir mentalmente a outra uma ordem e esta ser cumprida exatamente? Como, nos fenômenos telepáticos, em sonho ou estado de vigília, se transmitem e se recebem mensagens, avisos de doentes, visões simbólicas, ou representativas de lugares, cenas, coisas ocultas, acidentes, etc.? Como, enfim, nos casos de previsão e de sonhos premonitórios, chega-se a conhecer acontecimentos que, estando no futuro, não podem impressionar o cérebro?

Todos estes fenômenos e outros que omitimos são de tão boa lei como qualquer outro fenômeno psicológico, não obstante não entrarem no estreito marco da Psicologia positiva nem poderem ser explicados por seus procedimentos empíricos.

Sem dúvida que os órgãos sensoriais não fazem aqui nenhum papel e que os centros sensitivos e motores pouco ou nada têm que fazer. E se, como dizem os psicólogos empíricos, toda função psíquica se realiza mediante um órgão e um centro cerebral, quais são os órgãos e os centros cerebrais da telepatia, da clarividência, da premonição etc.?

Quais as vias fisiológicas pelas quais chegam e saem do campo da consciência? Se podemos receber sensações, ter percepções visuais, auditivas, táteis (como no fenômeno de desdobramento), atuar a distância, transmitir sensações, idéias, imagens, conhecimentos, sem necessidade dos

órgãos sensoriais e, sobretudo, desdobrar nossa personalidade, sair de nosso corpo e comprovar experimentalmente o *eu espírito e não o eu corpo*, a que ficam reduzidas as afirmações e todo o castelo de cartas da Psicologia positiva? ¹⁵

“A Psicologia contemporânea – diz René Sudre, epilogando a Geley – está em um impasse, de onde não sairá senão com o apoio da Metapsíquica.”

E nós poderíamos dizer – se a Metapsíquica fosse uma ciência definida – também ela está em um impasse do qual não sairá senão apoiada no Espiritismo, que lhe dá vida e a orienta na busca da verdade, assinalando-lhe os extravios. Mas como não é uma ciência definida e autônoma, posto que depende do Espiritismo, do qual é seu aspecto científico-experimental e a ele está ligada, queira-o ou não, pelos fatos que lhe dão fundamento e correspondem à ciência espírita, que os abraça e classifica segundo sua origem anímica ou espírita, e como os metapsiquistas mais destacados (salvo raras exceções) foram e são espiritistas, cremos que o metapsiquismo, depois de suas incursões pelo mundo das hipóteses anímicas e extramateriais, voltará a integrar-se no Espiritismo, salvando-se assim de seu impasse.

O Metapsiquismo (ou Metapsíquica, que é igual) é o Espiritismo com a teoria de menos e muitas hipóteses forçadas ou absurdas de mais; é uma ciência nova para o nome, mas seu conteúdo fenomenológico é o mesmo que abarca o Espiritismo, ainda que este não o faça com maior amplitude.

Quanto às explicações anímicas racionais que dá dos fatos, são as mesmas que o Espiritismo dá também a determinada categoria de fenômenos e não a todos, porque muitos deles ultrapassam o limite do anímico; reduzi-los a este limite seria igual a reduzir os fenômenos supranormais da percepção psíquica, etc. à categoria de fenômenos psicofisiológicos; seria ir contra a natureza e evidência dos mesmos fatos. E estes fatos que o Espiritismo não inclui na categoria anímica são os que os metapsiquistas não-espiritistas dizem que “se podem explicar”, mas que “não explicam”, com suas hipóteses ou teorias chamadas “naturais”, por oposição à teoria espiritista, que eles supõem “sobrenatural”, mas que se apresenta à razão científica com mais naturalidade e também com mais verdade.

As mesmas objeções que fazem ao Espiritismo os metapsiquistas modernos não-espiritistas são as dos sábios espíritas no começo de suas experiências e investigações. Crookes, que também punha seus senões à

tese espírita e aplicou a severa frase de Faraday à forma de raciocínio de alguns de seus partidários de que “muitos cães poderiam chegar a conclusões mais lógicas”, acabou dizendo que um homem pode ser um verdadeiro sábio e sem dúvida estar de acordo com o professor de Morgan, quando este diz:

“Fácil tem sido dar explicações naturais, mas até agora insuficientes: e por outra parte, subsiste a dificuldade de admitir a hipótese espírita, que é a mais satisfatória.” (ver *A Força Psíquica*, de William Crookes).

Objecções análogas fizeram o doutor Otero Acevedo, sábio céptico, a quem Aksakof chamou o Torquemada do Espiritismo; Flammarion, que duvidou durante 50 anos que os espíritos dos mortos interviessem nos fenômenos mediúnicos e que declinou logo seu cepticismo ante a evidência das provas *post-mortem*; Varley, Wallace, Hodgson, Barret, Myers e mil outros que do Animismo se passaram ao Espiritismo; Lombroso foi talvez o sábio mais refratário à teoria espiritista; depois de estudar os fatos que havia negado *a priori*, formulou sua famosa teoria psiquiátrica, com a qual quis explicar todos os fatos, teoria que foi demolida pela crítica científica; logo, um estudo mais profundo e as provas que dele adquiriu, convenceram-no da verdade espírita e ele terminou buscando nas obras de Kardec a explicação de muitos fatos, que as hipóteses “naturais” não lhe haviam dado.

Que sábio espiritista não passou pela fase do “metapsiquismo” antes de haver obtido um convencimento completo? Leia-se toda a literatura científica do Espiritismo e se verá a resistência, a repugnância, melhor diríamos, que muitos sábios e pensadores espíritas sentiram por nossa doutrina, por crê-la uma de tantas religiões que enganam o mundo. É que o Espiritismo não é coisa fácil de ser admitida, depois das afirmações do positivismo materialista impermeabilizando as almas para toda noção espiritualista, especialmente para o sábio que, além dos seus prejuízos de escola e da responsabilidade de suas afirmações, tem muitas saídas na mente por onde escorrer os fatos, quando estes vêm lançar por terra teorias e afirmações preconcebidas.

A Metapsíquica¹⁶ não constitui uma ciência nova, posto que os fenômenos que estuda são os que o Espiritismo vem estudando desde há três quartos de século e seus métodos de experimentação, ainda que aperfeiçoados com o progresso da ciência e devido em grande parte ao aporte dos sábios espíritas, não têm variado fundamentalmente. O nome de

Metapsíquica (mais além da Psicologia) é igualmente aplicado ao Espiritismo, que é um metapsiquismo mais completo e concorde com a variedade dos fatos.

O fenômeno espírita está, pois, constituído por uma variedade de fatos e manifestações de origem anímica e espírita, vale dizer: de fenômenos supranormais que provam a existência do espírito como entidade distinta do corpo somático e sem intervenção neles de entidades extraterrenas e de outros fenômenos metapsíquico-espíritas, que provam a preexistência e sobrevivência da alma e a intercomunicação entre os espíritos encarnados e desencarnados.

A distinção destas duas categorias de fenômenos de idêntica natureza foi estabelecida – até o limite que permitem a ciência e a lógica – por homens experimentados no estudo do fenomenismo espírita, sobre a base dos mesmos fenômenos e o conteúdo das manifestações feitas pelas mesmas entidades, como pelas do mesmo médium (ou do sujeito hipnotizado) que se manifesta subconscientemente, ou pelos que se comunicam por seu intermédio e dão provas, em muitos casos, de sua identidade.

Aksakof, sábio russo, demonstrou em sua valiosa obra *Animismo e Espiritismo*, refutando a Hartmann, que o animismo prova o Espiritismo, sem o qual este não poderia ser explicado; e isto é muito natural, porquanto, para admitir a persistência do espírito depois da morte, havia que deixar assentado antes, que o espírito pode atuar, em casos supranormais, sem o auxílio do organismo somático, ter percepções sem órgãos sensoriais, realizar fenômenos de telecinesia, ideoplastia, telepatia, etc., sem o qual haveria uma impossibilidade lógica para admitir o fenômeno propriamente espírita.

Frank Podmore, inimigo ferrenho que foi do Espiritismo, estabeleceu também a distinção entre fenômenos anímicos e espíritas e reconheceu que as faculdades supranormais do espírito encarnado “demonstram a existência de outro mundo mais elevado, no qual deverão atuar livremente”.

Gabriel Delanne, em suas obras *Evolução Anímica* e *O Espiritismo perante a Ciência*, amplia a demonstração de Aksakof e demonstra, baseado em observações e experiências científicas,¹⁷ a existência do corpo astral, que serve de intermediário ao espírito para atuar sobre a matéria e construir, sobre seu modelo, o organismo humano.

O eminente psiquista, professor Ernesto Bozzano, demonstra, baseando-se nos fatos que o Espiritismo científico registra, em sua refutação a René Sudre¹⁸ e ao professor Richet, que a Metapsíquica, como ciência puramente anímica, é insuficiente para explicar todos os fenômenos e manifestações espíritas e o peso de sua lógica é tão esmagador como a evidência dos fatos que cita.

Por sua parte, Camille Flammarion, que dedicou quase toda sua vida ao estudo do fenomenismo espírita, estabelece em sua magistral obra *A Morte e seu Mistério*, dentro de uma ordem lógica e rigorosamente científica, a conjugação e continuidade de todos esses fenômenos, que começam no mais rudimentar animismo e elevam-se até as manifestações espíritas mais comprobatórias e concludentes.

Não obstante o peso dos fatos, da demonstração que estes implicam e dos argumentos que se aduzem em favor da tese espiritista, os metapsiquistas refratários ao Espiritismo seguem gravitando entre a dúvida e a negação, entre o “poder ser” e o “não ser” e em vez de sujeitar seus juízos aos fatos, sacrificam os fatos a seus conceitos, forçando-os a entrar ora no estreito marco das explicações anímicas, ora no círculo abstrato das hipóteses antiespíritas, filhas da fantasia materialista, como, por exemplo, a da criptomnésia ou memória ancestral, para explicar alguns fenômenos de xenoglossia que não se encaixam no reduzido marco da explicação estritamente anímica; hipóteses que supõem um médium poliglota falando os idiomas de seus antepassados longínquos, adquiridos por herança fisiológica, ou dando à criptopsiquia (conjunto de faculdades ocultas do psiquismo) projeções fantásticas que fariam de um médium um ser onisciente, o qual, segundo esta hipótese, poderia captar a consciência ou a memória que, depois da morte de um ser, andaria, momentaneamente, como a fumaça desprendida da chama, flutuando no éter do espaço, como se a consciência e a memória pudessem conceber-se sem o *eu* espiritual, consciente e por si só capaz de recordação.

Sem dúvida, deve-se aos metapsiquistas o novo impulso que tomou o Espiritismo e que muitos homens de ciência se tenham interessado por seu estudo, em particular o professor Richet, que com seu *Tratado de Metapsíquica* rompeu o hermetismo da Academia de Ciências de Paris e fez da Metapsíquica uma ciência oficial, considerada hoje como um ramo das ciências naturais, assim como o grande psicólogo Fredrich Myers, com sua

obra *A Personalidade Humana* e o doutor Gustave Geley com *Do Inconsciente ao Consciente*, levaram a teoria espiritista às aulas universitárias.

A Metapsíquica, como temos dito, é uma disciplina científica tão antiga como o Espiritismo, posto que não é mais do que este em sua fase experimental; nela há três correntes: uma que podemos chamar de vanguarda, por ser a mais revolucionária na ordem científica e a única perfeitamente definida, como é a corrente espírita, em cuja frente figuram os experimentadores mais eminentes, como Wallace, Crookes, Varley, de Morgan, Zollner, Podmore, Aksakof, Hodgson, Barret, Lodge, Flammarion, Lombroso, Brofferio, Geley, Bozzano, etc; a outra é a corrente centrista, formada pelos sábios indecisos, que vacilam entre a dúvida e a crença, que não se atrevem a negar em absoluto a teoria espírita, nem se arriscam a afirmá-la, temerosos de equivocar-se e que, como o ilustre Charles Richet, longe de negá-la, nela não crêem suficientemente provada e dizem com ele que “é necessário dotá-la de uma base sólida, constituída por fatos indiscutíveis”, o que seria muito lógico, se esta base sólida não estivesse, como está, perfeitamente constituída; a retaguarda constitui a corrente conservadora, os não alinhados da ciência, que alimentam as ilusões do paralelismo psicofisiológico e sentem nostalgia do materialismo...

Aí está, para responder às dúvidas e objeções dos metapsiquistas não-espíritas, a incomparável Katie King, frente a frente com seu médium, este mostrando-se simultaneamente com ela, perfeitamente visível, tangível e fotografável, vivendo, acionando, pensando, discorrendo, conversando com ela, animando-a e revelando, ambas, duas personalidades física e psicologicamente distintas, duas individualidades biológicas inconfundíveis; aí está Estela de Livermore, manifestando-se durante cinco anos, em 388 sessões, materializando-se e desmaterializando-se à vista de seu esposo e do doutor Juan F. Grau (como o fizera Katie King à vista de William Crookes), beijando aquele, dando-lhe provas de afeto e carinho, falando intimamente com ele, escrevendo com a própria caligrafia que tinha em vida, nas folhas de papel que este lhe dava e ante sua vista; aí estão estas e outras mil manifestações de espíritos materializados desafiando a absurda hipótese da “prosopopéia-metagnomia” que pretende, arbitrariamente, sejam um produto fantasmal da idéia “plasticizante” do médium; aí estão os fenômenos de correspondência

cruzada, que descartam toda explicação não-sofística, fundada em hipóteses anímicas; os de escrita automática e direta com a caligrafia própria do defunto, com suas idéias, suas opiniões e a modalidade própria de cada entidade manifestante; os de voz direta, que constituem, quando o fenômeno é autêntico, a prova mais formidável da comunicação espírita; os de xenoglossia, que, como os observados pelo juiz John W. Edmonds com sua filha Laura e o obtido pelo médium Valiantini por voz direta, citado por Dennis Bradley, não podem ser explicados pela hipótese metapsíquica de Flournoy e muito menos por revivescências ancestrais; aí estão, enfim, as provas de identidade, obtidas pela mediunidade falante, que, como as expostas por Ernesto Bozzano na obra já mencionada, constituem, com o que expusemos e com o muito que desejamos expor, a base de granito sobre o qual se baseia o Espiritismo.

O Espiritismo se alça vigoroso e triunfante acima dos ataques e objeções que lhe dirigem seus inimigos; ergue-se como árvore frondosa, carregada de frutos promissores, frutos que a experiência abonou, que sazou em quase um século de observação e de estudo e que hoje oferece à humanidade sofrida, como resultado de muitos sacrifícios e dissabores, não para adormecê-la no sono infecundo da quietude, como crêem alguns, mas para estimulá-la com o atrativo da imortalidade, que leva em si mesma todos os nobres anseios da vida e do progresso continuado do espírito, através de vidas sucessivas, de existências sempre renovadas e sempre superadas.

O Espiritismo é ciência filosófica e ao mesmo tempo filosofia científica: ciência filosófica porque deduz conclusões dos fatos que examina e filosofia científica porque repousa nos fatos da Psicologia, da Metapsíquica e da ciência em geral, e é também ciência integral e progressiva, porque referindo-se ao espírito humano (sujeito e objeto de seus estudos e sempre perfectível), à sua evolução, ao seu destino, às suas relações com a humanidade e com o universo, nele integra os conhecimentos.

Sua filosofia é eminentemente dialética; sua concepção da vida, dinâmica; seu conceito da história, genético.¹⁹

Até meados do século passado, o Espiritismo não formou um corpo de doutrina. Os elementos desta ciência profunda do espírito, tanto no que se refere aos fenômenos como aos conceitos filosóficos, achavam-se dispersos por todos os povos da Terra e se encontram em todas as épocas da história

misturados com as mais diversas crenças e práticas religiosas. As pessoas dotadas de faculdades mediúnicas foram consideradas ora como deuses ou adivinhos, ora como demoníacas, bruxos ou feiticeiros. As práticas foram de domínio esotérico das religiões e por isso, em alguns casos, conservam esse selo de misticismo e de superstição do qual o Espiritismo ainda não se tem podido desprender, não obstante os avanços da ciência e da crítica razoável.

Os fenômenos foram aceitos sem classificação nem ordem, tomando-se as manifestações anímicas por revelações espíritas, ou estas por aquelas, e muitas vezes a charlatanice e a sofisticação, pela verdade. E não é estranho que haja, todavia, muitas pessoas que creiam firmemente que tudo o que sai da boca de um médium é manifestação genuína do mais além.

Se isto aconteceu com os fenômenos, que se poderia esperar da teoria? Esta adoeceu e adoce ainda de defeitos análogos, defeitos de interpretação e, portanto, de uniformidade filosófica e ideológica, tudo devido à influência das religiões, ao caráter de revelação providencial, de infalibilidade ou de superioridade que a gente simples ou ignorante atribui às comunicações espíritas e a essa tendência ao sincretismo que tudo quer conciliar – até mesmo os absurdos religiosos maiores, com os fatos e conceitos mais claros e verdadeiros –, tendência que se nota em quase todos os autores clássicos e não em poucos modernos, que ainda vivem presos à rocha dos prejuízos da velha escolástica. Eis porque o Espiritismo, como filosofia, resulta em uma doutrina heterogênea e em alguns casos contraditória, cujos princípios e preceitos diferem entre si, a tal ponto que originam duas correntes opostas: religiosa e conservadora, outra racionalista e revolucionária, que hoje se manifestam pronunciadamente.

Em 1857, Léon Hippolyte Denizard Rivail – Allan Kardec –, espírito observador e de uma penetração pouco comum, examinou, compilou e classificou os fatos, formulou a teoria e estabeleceu a nomenclatura espírita, criando um vocabulário com o qual expressou os fatos e os conceitos doutrinários que deles resultam. Mas a doutrina de Kardec e de seus colaboradores, mesmo sendo verdadeira em seus princípios fundamentais, não pôde ultrapassar os limites de sua época nem romper por completo com os moldes religiosos aos quais se ajustou. Kardec buscou conciliar o Espiritismo, por um lado, com a ciência; por outro, com as religiões, usando métodos, procedimentos de lógica, formas de

pensamento e de linguagem próprios dos dois. Isto pôde ser conveniente em seu tempo, em que a fé religiosa, à falta de melhor compreensão dos fenômenos espiritistas e do caráter de revelação que se lhes atribuía, desempenhava um papel primordial no ânimo dos adeptos, diferente dos que buscavam a verdade pela experiência e o raciocínio, mesmo sabendo-a possível e demonstrável. Por outra parte, a crença na sobrevivência do espírito ainda não havia sido desalojada da ciência pelo positivismo e pelo materialismo. Hoje, as exigências do espírito científico e filosófico, que abarcam horizontes mais amplos, não se satisfazem com os expedientes religiosos e morais de São Luís, de Santo Agostinho ou de qualquer outro santo filósofo ou teólogo, nem com versículos, preceitos ou parábolas extraídos da Bíblia.

A moderna concepção do Espiritismo veio se elaborando com a experiência dos fatos, não só no terreno da Psicologia experimental, no fenomenismo metapsíquico e espírita – que lhe serve de base fundamental –, como também abonando este terreno com a contribuição das demais ciências físicas e naturais e com as reflexões filosóficas que estas sugerem. Em outras palavras, podemos afirmar que o Espiritismo, durante o processo de sua evolução, estava em gestação na consciência e na mente dos homens que o levariam a uma nova concepção científica e filosófica, estava formando a nova dialética espiritualista ajustada aos fatos da Psicologia moderna e da concepção espírita dínamo-genética da vida e da história.

Novos tempos, novos homens, novas concepções do Universo, novas ideologias e novas formas às idéias.

O sinal do evidente progresso do Espiritismo na atualidade é a sua grandiosa concepção dialética, cujos elementos fundamentais expomos nesta obra, bem como enriquecimentos de sua terminologia, que sofreu uma sensível renovação e foi aumentada consideravelmente com neologismos apropriados, necessários para a compreensão e devida classificação dos fatos, das idéias e conceitos.

Não há ciência nem filosofia que, no curso de sua evolução, não sofra modificações, não mude em algum de seus conceitos e nos limites do conhecimento, à medida que este se faz mais extensivo, mais claro, mais compreensível, mais ajustado à verdade essencial que encarnam os fatos ou fenômenos estudados.

A concepção dialética e sua lógica científica põem de manifesto a renovação e avanço do Espiritismo, despojando-o de todo elemento alheio a seu conteúdo científico e filosófico e reafirmando um dos mais formosos princípios de sua doutrina: *O Espiritismo, marchando de acordo com os progressos da ciência, nada tem a temer.*

Capítulo II

Espiritismo dialético

O Espiritismo dialético é a concepção científica, dínamo-genética da evolução, que explica as coisas, seres e fenômenos do Universo, em seu movimento causal e dinâmico e em suas necessárias contradições, sucedendo-se e transformando-se, lenta e gradualmente ou por mutações bruscas, em virtude de uma lei natural, seletiva e finalista, sob a ação psicodinâmica do espírito, em suas diversas formas e manifestações. Não é, como poderia supor o leitor, uma inovação sistemática, fundamental, da filosofia espírita: é a mesma doutrina (pelo que respeita a seus princípios fundamentais), tratada dialeticamente à luz da ciência moderna e em concordância com os fenômenos da natureza e da vida e, muito especialmente, com os da Psicologia e da História.

A dialética espírita é um método discursivo, aplicado às coisas no processo indefinido de seu desenvolvimento ou, melhor dito, induzido deste processo indefinido; é uma lógica superior, para elevar-se à concepção dínamo-genética da vida em todas as ordens e manifestações, indo do simples ao complexo, do particular ao geral e dos termos opostos à sua síntese, a fim de estabelecer a lei ou o princípio que rege cada ordem de coisas e o que é essencial em todas e em cada uma delas.

Elevar-se da realidade sensível à verdade inteligível é o objeto da verdadeira dialética; é a “viagem”, segundo o dizer de Platão, que nos eleva à região luminosa das verdades superiores, viagem que empreendeu Heráclito, pela primeira vez na história da Filosofia, afirmando que *nada* é, que *tudo chega a ser* na corrente incessante da vida.

Ter um conceito dínamo-genético do Universo e da vida é pensar a evolução com um critério dialético, considerando as coisas, não no repouso em que se apresentam, mas em movimento, como na realidade estão; não em um lugar fixo do espaço, nem em um determinado momento do tempo, mas em um contínuo suceder, em um perpétuo câmbio de formas e de

qualidades, sem jamais serem coisas perfeitas; é considerar os fatos da vida e da história, não isolados e sem conexão, mas em suas relações e em seu encadeamento causal; é ver nos indivíduos, não agentes desvinculados completamente uns dos outros, mas unidos por vínculos afetivos específicos, relacionados entre si pelo meio social e geográfico, por fatores externos, tanto de ordem material como espiritual; não é crer que a sociedade, com seu determinismo econômico e histórico, marcha por um lado e o espírito humano com seu determinismo psicológico, com sua causalidade moral e espírita, por outro, sem engrenar este com aquela, nem aquela com este, mas considerar suas influências respectivas em uma constante reciprocidade de efeitos e causas, de ações e reações, de impulsos e resistências, de contradições que se resolvem no tempo, na luta constante de interesses e ideais, com o triunfo das tendências revolucionárias, individuais e, por afinidade, coletivas, que por lei da mesma evolução se apartam das tendências gerais e conservadoras; é crer enfim que, se no processo incessante da História (dentro do limite da existência humana) os indivíduos formam a sociedade, esta, por sua vez, forma os indivíduos e os sujeita às condições de vida estabelecidas, ainda que novas tendências e iniciativas individuais apontem mais tarde novos rumos à sociedade e modifiquem as condições existentes com o máximo de progresso alcançado. Esta concepção dínamo-genética que o Espiritismo dialético oferece e que consideramos do mais alto valor filosófico, para melhor compreensão da evolução e da vida, não forma, todavia, um sistema de doutrina completamente separado de elementos estranhos e contrários, em muitos casos, a sua verdadeira essência. Ela se deduz logicamente dos fatos e manifestações espíritas, tanto quanto dos fenômenos naturais e históricos. Os elementos doutrinários que a constituem encontram-se disseminados nas obras de seus mais ilustres mestres.

O método dialético, mesmo com alguma diferença no modo de expressão, é que tem sido seguido pelos grandes filósofos espiritualistas, desde Sócrates e Platão até Hegel, e empregado por alguns autores espíritas, ainda que sem uniformidade de critério e sem a precisão e extensão devidas. Daí que o Espiritismo se ressinta em seu valor filosófico e que sua interpretação doutrinária, no que concerne à evolução e ao modo em que esta se efetua, dê margem a opiniões diversas e contrapostas, a atitudes desde a mais revolucionária até à mais recalcitrante e conservadora, não

obstante ser uma doutrina clara em seus postulados, quando estudados sem preconceitos.

Se Alexandre Herzem pôde dizer, com razão, que a filosofia de Hegel, longe de ser conservadora, é a álgebra da revolução; se Marx e Engels, aproveitando-se do método dialético de Hegel, no sentido materialista (que, por ser assim, abrange um só aspecto da verdade) puderam dizer que sua dialética é a álgebra prática que “não se inclina diante de nada e é, por sua essência, crítica e revolucionária”, também podemos afirmar que o Espiritismo, com seus fenômenos de uma realidade superior, demolidores de velhos preconceitos em todas as ordens da vida, com seu conceito palingenésico da evolução e sua moral dinâmica e perfectível, é profundamente mais revolucionário, posto que aprofunda o problema do ser e do destino e o aclara à luz dos fatos, assinalando ao espírito humano novas e mais prolongadas atividades, novos e mais dilatados horizontes a seus ideais, que não ficam truncados com as conquistas (muito justas, sem dúvida) econômicas e sociais, dentro do marco estreito da existência humana sobre o planeta que habita. A dialética espiritista neste caso vem a ser a álgebra superior, que ninguém poderá aprender definitivamente, mas que vai descobrindo novas equações, novos problemas, em progressão constante de vidas sucessivas, que produz uma revolução mais profunda e de mais vastas projeções, que abrange o espírito e a matéria (sem reduzi-los a termos unitários, como fazem respectivamente o idealismo e o materialismo) em uma síntese geral, considerando-se estreitamente unidos e necessários para todas as manifestações da vida e do pensamento.²⁰

Poucas pessoas ignoram o que é o Espiritismo em sua essência vulgar e simplista; mas é escassíssimo o número dos que têm estudado a causa dos fatos e dos princípios filosóficos que eles encerram, arrastando pela borda o pesado lastro de preconceitos que nele infiltraram as religiões positivas.

Empregado o Espiritismo para resolver somente problemas metafísicos, próprios da velha escolástica, apenas à investigação do mais além, preso à velha moral das religiões, que ensina a respeitar falsos direitos e privilégios injustos, como coisas absolutamente necessárias e conformes à justiça divina e à causalidade moral de cada ser, perde seu caráter de ciência integral e progressiva, e em vez de ser um ideal humano, propulsor do progresso e das causas nobres, aberto a toda iniciativa de bem-estar social, a toda tendência renovadora e libertária, torna-se, em mãos de

espíritos mesquinhos, uma doutrina atrasada e conservadora, uma arma formidável para esmagar consciências e conter todo impulso generoso que tenda a estabelecer um novo regime social, mais justo e conforme com as exigências do progresso.

Para despojar o Espiritismo das influências conservadoras, dos preconceitos retrógrados que o desvirtuam e lhe tiram vigor como força social, como ideologia chamada a influir na marcha ascendente da humanidade, nada melhor do que abrir o livro da natureza e o da história e interpretar suas lições à luz da ciência moderna e das manifestações espíritas: neles aprenderemos melhor que nos livros dos filósofos a verdadeira dialética dos fatos e conheceremos o valor dos fatores que os produzem e determinam e formaremos nosso conceito espírita dínamo-genético da evolução, biológico e histórico. Assim saberemos, ao final, como o Espiritismo deve orientar a conduta dos homens para que as consciências se fortifiquem frente aos fatos que a vida oferece em suas múltiplas e variadas manifestações.

Capítulo III

Conceito dínamo-genético da vida

De onde quer que dirijamos a visão e apliquemos às coisas esse critério de verdade superior que o Espiritismo dialético nos dá, concebemo-las movendo-se constantemente, sucedendo-se em suas formas e movimentos, dentro de suas respectivas ordens e leis, e modificando-se não apenas morfológicamente, mas também quantitativa e qualitativamente; isto é, além de mudar no espaço e no tempo, mudam também na forma, na quantidade e na qualidade. Ampliando-se esse critério de verdade superior, não concebemos qualquer fato isolado e descontínuo, nenhum movimento que não corresponda a outro movimento, nenhum efeito sem causa que, por sua vez, não se converta em causa de outro efeito e assim sucessivamente.

Contemplamos o céu estrelado e tudo nele aparenta quietude: sempre aparecem diante de nossa vista a mesma paisagem estelar, as mesmas estrelas, constelações, as figuras astronômicas na posição de sempre (salvo detalhes apenas apreciáveis à observação vulgar) e, sem dúvida, essas estrelas, esses astros, aparentemente solitários e agrupados, atravessam o espaço em vertiginosa corrida, com velocidades assombrosas e em mil diferentes direções, atraídos uns pelos outros, encadeados em seus respectivos sistemas e estes sistemas entre si, exercendo influências uns sobre os outros e obedecendo todos à misteriosa lei da gravitação universal.

A mesma Terra em que vivemos parece estável, imóvel e, sem dúvida, move-se com doze diferentes movimentos, à parte do movimento de rotação, que a faz girar sobre seu eixo com a velocidade inapreciável de 1.667 quilômetros por hora, e do movimento anual ao redor do Sol que, como é sabido, se efetua à razão de 107.000 quilômetros por hora. Mas o

Sol tampouco permanece imóvel, pois arrasta todo o seu sistema e corre pelo espaço com uma velocidade muito maior, atraído por outro foco de luz e de vida que o mantém em torno de si e que, por sua vez e em virtude do dinamismo universal, não pode conceber-se imóvel, mas obedecendo à mesma lei de gravitação.

A Terra, à parte de suas convulsões internas e de seus movimentos sísmicos, contrai-se e dilata-se, formando as chamadas marés da correnteza terrestre, que “levanta o solo a uma altura de 30 centímetros duas vezes por dia”. Os astros seguem o processo de sua gênese e de seu desenvolvimento, desde a condensação de suas nebulosas, até a solidificação e redução, desde que nascem até que morrem e se desagregam no espaço para formar novos corpos celestes. E todo esse movimento é mudança, transformação, determinismo.

“O movimento – diz Camille Flammarion – sustenta o equilíbrio do universo e constitui sua organização, sua energia e sua vida.”

A luz que nos ilumina durante o dia aparece imóvel e, sem dúvida, suas vibrações etéreas atravessam o espaço e nele se expandem com a velocidade apenas concebível de 300.000 quilômetros por segundo.

O espaço está povoado de mananciais de luz, de energia e de vida: nada há nele quieto, nada estático, a não ser a aparente imobilidade que resulta dos diversos movimentos em equilíbrio. Todos os corpos estelares estão em constante radioatividade: o Sol e os demais astros emitem continuamente radiações cósmicas, magnéticas, elétricas e vitais. Significa também que, deste ponto de vista, estão em perpétua mudança, em perpétua transformação de seus elementos constitutivos. O espaço, que parece vazio, inerte e silencioso, está pleno de radiações, de ondulações e sonoridades imperceptíveis; é a fonte etérea de onde emanam e de onde se reintegram toda energia e todo movimento, donde se fundem todos os arquétipos da vida material e retornam para refundir-se e logo transformar-se, sob a ação psicodinâmica do espírito, de onde o Pensamento criador, o eterno realizador, constrói, sem descanso, a gênese de sua obra inacabável e sempre perfectível.

Se descemos à Terra vemos que enquanto esta se move no espaço, nós (como os demais seres do reino animal) nos movemos em sua superfície, ao mesmo tempo que em nosso organismo se movem milhões de micróbios que nadam no sangue, enquanto este corre nas veias e se renova

incessantemente; daí que, por efêmera que seja a vida desses micróbios, não se movem nem se nutrem eles sempre no mesmo sangue, assim como nós não respiramos sempre o mesmo ar, nem permanecemos no mesmo lugar, nem pisamos duas vezes exatamente no mesmo solo, assim como a Terra, na infinita espiral que descreve ao redor do Sol, não passa jamais pelo mesmo lugar do espaço.

Da mesma forma que não vemos sempre com o auxílio da mesma luz, tampouco vemos sempre com o auxílio dos mesmos olhos nem pensamos continuamente com o mesmo cérebro. Nosso organismo muda perpetuamente: é, como disse o genial autor de *Urânia*, uma chama que se consome e se renova constantemente, um rio em cuja margem vai alguém sentar-se crendo ver sempre a mesma água, à qual a corrente perpétua das coisas leva água constantemente renovada.

“Cada glóbulo do nosso sangue é um mundo (e temos cinco milhões deles por milímetro cúbico). Em nossas artérias, como em nossas veias, em nossa carne, como em nosso cérebro, tudo circula, tudo anda, sucessivamente, sem trégua nem descanso, precipitando-se em um torvelinho vital tão rápido, proporcionalmente, como nos corpos celestes. Nosso cérebro, nosso crânio, nossos olhos, nervos e nossa carne, renovam-se molécula por molécula, constantemente e com tal rapidez que o corpo humano fica reconstituído por completo ao cabo de uns quantos meses.”²¹

Mas não é somente o corpo humano onde se opera esta mudança incessante de matéria, como também nos demais corpos, animais, vegetais e minerais. Os átomos e as moléculas viajam permanentemente de um corpo a outro, de um reino a outro, como o diz a estrofe:

*A molécula de ferro que hoje colore
A face da mulher amada,
pode ser a que gravita, em má hora,
no cutelo mortal do verdugo.
E o átomo de oxigênio que brilha
na vista sutil do homem sábio,
talvez beije a doce florzinha,
ou respire amanhã em nosso lábio.*

Tudo é circulação e movimento..., movimento encadeado em outros movimentos.

Mesmo o átomo, considerado à luz da ciência moderna, não é uma coisa inerte, mas um centro de energia condensada, um pequeno dinamismo composto de eletricidade positiva nos prótons que formam o núcleo e negativa nos elétrons que giram em seu redor, embora estas partículas energéticas se desvançam no éter, sob a ação de forças cósmicas ainda desconhecidas.

“A matéria – disse William Crookes – não é mais do que um modo de movimento. Toda matéria voltará a passar pelo estado etéreo de onde procede.”

Se do aspecto físico do mundo passamos ao aspecto biológico, vemos igualmente que a vida é uma torrente contínua de formas cambiantes, que se modificam, renovam, metamorfoseiam, se transformam e sucedem incessantemente, encadeando-se umas em outras, escalonando-se, relacionando-se entre si, da mesma forma que nos reinos e nas espécies, nas raças e nas famílias, bem como nos indivíduos.

As plantas nascem, crescem, florescem e frutificam e nos brotos deixam a semente renovadora de uma vida mais fecunda; mudam com o curso das estações e com o transcurso dos anos. Sua vitalidade está sujeita ao processo de crescimento e redução: manifesta-se primeiro débil, depois estuante, vigorosa, exuberante, decresce logo e desaparece, debilitada, pela mesma lei de evolução.

Os animais estão sujeitos a um processo análogo de renovação e mudança: sucedem-se uns em outros, modificando-se sem cessar e tendendo, consciente ou inconscientemente, à mais alta perfeição. E desde o protoplasma ao ser unicelular, desde a célula – dentro de oscilações e radiações biológicas – até o homem – centro das mais complexas atividades psicodinâmicas –, tudo é movimento, mudança, transformação, tendência e perfectibilidade. Pode-se dizer, sem paradoxo, que biologicamente não há ser acabado: a vida é una em sua essência, ainda que múltipla, variada e indefinida em suas formas.

Mesmo o homem, em seu modo de ser espiritual e moral, em seus gostos, inclinações, em suas crenças e opiniões e até em seu caráter e, em muitos casos, em seus afetos, muda constantemente. Nasce para a vida e, apenas sua sensibilidade, vontade e inteligência entram em contato com o mundo, seus gostos, inclinações e desejos começam a modificar-se, e, ainda que sua individualidade seja sempre a mesma, a personalidade muda

insensivelmente e se transforma sem cessar. Quando criança, tudo nele é motivo de alegria, de entretenimentos inocentes, de bulício e de travessuras (salvo, naturalmente, as exceções); corre atrás das mariposas, dos pássaros, destrói os ninhos, desfolha as flores, quebra os brinquedos que um instante antes lhe deram distração e prazer e sonha com as quimeras próprias de sua idade. Quando jovem, são as fortes paixões que o dominam; as borboletas, os pássaros, os ninhos e as flores são substituídos por outras preocupações mais sérias, mais graves, mais íntimas; o amor fere seu ardente coração e a vida se orienta em direção a outro objetivo; o sentimento e a vontade se submetem a um novo ideal; os jogos infantis trocam-se por obrigações, a distração inocente pelo estudo, o trabalho e as exigências da vida. Quando homem, outras preocupações, outros objetivos, outros propósitos, outras paixões e gostos, novos afetos, novas e mais sólidas crenças, novas ilusões ou desilusões, penas, sofrimentos, reveses, desenganos, a experiência da vida, em suma, mudam-no profundamente e modificam sua personalidade.

“Cada um de nós – diz Rodó, em *Motivos de Proteu* – é, sucessivamente não *um*, mas *muitos*. E estas personalidades sucessivas, que emergem umas das outras, costumam apresentar entre si os mais raros e assombrosos contrastes.” E lembra como “Sainte-Beuve significava a impressão que tais metamorfoses psíquicas do tempo produzem em quem não tenha sido expectador de suas fases relativas, recordando o sentimento que experimentamos ante o retrato de Dante, cuja doçura, quase jovial, é viva antítese do gesto amargo e terrível com que o gibelino ²² luta no momento da glória; ou ante o retrato de Voltaire dos 40 anos, com seu olhar de bondade e ternura, que nos revela um mundo íntimo, logo esfriado pela malícia senil do demolidor”.

Victor Hugo apresenta-nos um exemplo mais vivo, todavia, destas metamorfoses psíquicas: moldado em um ambiente de urbanidade e de adulação à nobreza, compôs odes realistas; porém, mais tarde, o jovem romântico e aristocrata converteu-se em pensador profundo, em demolidor incansável e trocou o incensário da adulação pelo látego fustigador de príncipes, imperadores e reis: seu nome esqueceu o trono e a púrpura para inspirar-se na miséria e nas ânsias do povo. Teve também no amor sua pequena versatilidade, essa “debilidade do coração” que chama o vulgo àquilo que nem sempre é capaz de compreender. E que diremos de

Tolstoi, de Gorki e de mil outros grandes homens, cujas vidas sofreram mudanças profundas até apresentarem os maiores contrastes entre a personalidade da juventude e a da velhice?

“Estamos muito longe da perfeição – disse Oliver Lodge –, e cada um de nós é, individualmente, um *artigo inacabado*.” ... “O homem – acrescenta – é inegavelmente um ser imperfeito e está, ainda, em desenvolvimento; mas não deve perder-se de vista que partimos da idéia de que a criação é uma operação contínua, perpetuamente em curso, em movimento, exigindo tempo para chegar à maturidade da qual todas as coisas aspiram a um fim designado e de antemão desejado.”²³

A história da Terra e a história da humanidade estão igualmente sujeitas a um processo contínuo de movimento e de transformação, a um perpétuo vir a ser, sem alcançar jamais formas e perfeições definidas.

O panorama cinematográfico do mundo (sua configuração, flora, fauna, sua população, etc.) apresenta aspectos variados, mutantes, móveis, completando-se uns aos outros, relacionando-se entre si e sucedendo-se no curso dos séculos. A Terra reduz-se em volume e muda constantemente na superfície: sua geografia física, como sua geografia política e etnográfica, sofreram modificações profundas. A legendária Atlântida e, sem dúvida, muitos povos e regiões da antigüidade, foram sepultados nas entranhas do mar, cobertos por aluviões ou ocupados paulatinamente pelo avanço das marés; as ilhas da Grã-Bretanha são as partes salientes de uma base continental submergida no oceano, enquanto Córsega e Sardenha foram parte integrante do continente europeu, quando a Sicília, Itália e parte da África ainda não haviam brotado das entranhas do mar. Mesmo no centro da Europa existiram bacias lacustres, grandes lagos, em cujo seio se acumularam espessos sedimentos e se encontram ainda hoje fragmentos de obras humanas, instrumentos de pedra da época em que ainda vivia o mamute. A Paris esplendorosa de nossos dias levanta-se no lugar onde faz milhões de séculos (na época terciária) se agitavam as águas de um Mar Mediterrâneo muito diferente do atual. Mais tarde, mudou a configuração geográfica: as águas se retiraram e aquela parte da terra onde hoje se levanta a capital da França e a atualmente oculta Passagem de Calais ficaram descobertas, podendo-se ir por terra de Paris a Londres, assim como antes de existir (tal como é hoje) o Estreito de Behring podia-se passar da Ásia para a América.

Por outra parte, é sabido que a Terra, em virtude de um de seus movimentos, que se efetua circularmente a cada período de 25.765 anos e faz inclinar seu eixo sobre um raio de 22 a 24 graus em torno do pólo da elíptica, vai descobrindo lentamente parte das terras ocultas pelas águas e pelos gelos polares e cobrindo outras, com o que não apenas modifica incessantemente a configuração geográfica, como faz que variem as condições de clima, de vida e habitabilidade em determinados pontos do globo, e também que mude, ainda que imperceptivelmente, o panorama do céu.

Todas as mudanças e transformações terrestres no suceder dos tempos trazem suas conseqüentes metamorfoses na vida vegetal e animal. Que diferença profunda entre a flora frondosa de nossas selvas e bosques, entre a delicada vegetação de nossos hortos e jardins, com a variedade infinita de árvores e arbustos, de copiosos pomares, de flores delicadas, de cores e matizes variadíssimos, de perfumes embriagadores, de frutos fragrantos e saborosos, comparada com a flora primitiva, sem folhas e flores, cuja série começa nas algas e fungos, mais tarde passa para os cogumelos gigantes, fetos arborescentes, etc., vegetação grosseira e de monstruosa corpulência! Eis a razão pela qual Maeterlinck não tivesse encontrado naquela flora primitiva, nem das épocas posteriores, a sensibilidade e a inteligência das flores, que proclamou em suas obras com tanta beleza, nem houvesse encontrado nelas o sumo melífero indispensável para a vida das abelhas.

Depois, a vegetação foi mudando pouco a pouco; as formas se fizeram cada vez mais delicadas, mais elegantes e mais puras; apareceram novas variedades de espécies e famílias. Os bosques se cobriram de folhagem verde; os prados de erva florida, e a Terra, até então sem beleza e sem poesia, transformou-se em um delicioso jardim, pródigo e fecundo, cheio de sonoridades, de doces harmonias, rodeado de uma atmosfera embalsamada pelo suave perfume das flores.

E que diremos da fauna? Onde ficaram esses cefalópodes *ammonitas*, cujas conchas fósseis marcam uma baliza no desenvolvimento da vida orgânica? Onde está o *archaeopteryx*, essa ave monstruosa com cauda de lagarto e dentes nas mandíbulas? Onde ficaram o dinossauro, o ictiossauro, o plesiossauro e o *pterodactylus* voador, monstros gigantes que associavam os caracteres da ave e do réptil? Onde estão o mamute, o

dinotério e o mastodonte, parentes maiores do elefante, o megatério, habitante dos pampas de Buenos Aires, e o milodonte que se estendeu até os confins da Patagônia?

Todas essas formas vegetais e animais e milhares de outras já fossilizadas, conhecidas ou desconhecidas, antes de chegar ao que foram, sofreram profundas metamorfoses e desapareceram quando as condições do meio natural e a falta de vitalidade específica tornaram sua existência impossível. E o mesmo acontecerá com as formas atuais, sujeitas a mudanças contínuas e chamadas a desaparecer quando as condições do planeta lhes sejam desfavoráveis. Mas a descontinuidade morfológica não implica descontinuidade psíquica, como demonstraremos oportunamente.

A humanidade sofreu a mesma evolução ascendente, o mesmo ou análogo processo de metamorfose que as demais espécies; está sujeita, como elas, à mesma lei dínamo-genética; e assim como a vida da Terra se encadeia à vida do universo, a vida do vegetal à do mineral, a do animal à do vegetal e cada um dos reinos e espécies entre si, do mesmo modo a vida do homem se encadeia à vida animal da qual é o expoente mais perfeito e, por ela, à vida universal. O homem não apareceu sobre a Terra como uma manifestação esporádica da vida, em determinada hora e lugar, desvinculado das demais espécies: não é protótipo de uma criação especial, definida, mas manifestação superior, gradual e perfectível da mesma vida psíquica que anima os demais seres que, embora morfológicamente diferentes e gradualmente inferiores, são iguais, porque a vida, ainda que multiforme, é essencialmente una. E ainda, pelo que diz respeito às formas, tampouco estas são absolutamente desiguais, pois apresentam analogias mais ou menos estreitas, segundo o parentesco e as aproximações específicas. Os reinos também guardam relação entre si, vínculos que os unem até o ponto de não ser possível estabelecer o limite definido que os separa. O reino mineral vive sua vida de crescimento e de preparação para o mundo orgânico, com o qual se acha confundido. A matéria inorgânica está ligada pelo éter à vida, e a vida é psiquismo, ou manifestação de psiquismo. A matéria, a vida e o pensamento estão unidos entre si por laços íntimos que a moderna biologia começa a entrever. Entre o reino vegetal e o reino animal não é possível estabelecer demarcações, já que, em muitos casos, se interpenetram.

Os zoófitos – pólipos, espongiários, anêmonas e madréporas –, têm aspectos de vegetais e animais e, embora a biologia os tenha catalogado no reino animal, definitivamente não pertencem a qualquer dos dois reinos ou podem ser catalogados em ambos.

O exposto não significa afirmar que a vida se tenha manifestado evoluindo por sucessão direta de reinos e de espécies derivados uns dos outros, já que a vida se manifesta, como dissemos, de tal modo compenetrada e entrosada, que não é possível estabelecer, entre os reinos, espécies ou raças, demarcações precisas. Não se trata de uma continuidade sucessiva de formas viventes em linha reta, escalonadas entre si de um modo absoluto no tempo. Os reinos, gêneros, espécies, raças, famílias e tipos apareceram simultaneamente, ainda que predominando uns sobre os outros, em cada período da vida planetária, em virtude das influências do meio e do poder psicodinâmico de adaptação e seleção. Há coexistência de formas, tanto animais como vegetais e destas entre si. Na grande árvore genealógica há, como disse Haeckel, “galhos e ramos”, que nascem e se desenvolvem simultaneamente, e cada qual tem, com o tempo, ramificações que coexistem em seu desenvolvimento e, embora da mesma origem, tomam formas, aspectos e caracteres muito diferentes, às vezes opostos. Enquanto uns evoluem e se aperfeiçoam, outros involuem e desaparecem, sem que isto signifique descontinuidade, já que os diversos ramos da vida pertencem a um mesmo tronco e uns vivem a expensas de outros ou se entrecruzam na eterna miscigenação que os fecunda, vigora e renova incessantemente, elevando-os para maior beleza e perfeição.

“A substância (viva) – aponta Léon Denis – é um *proteu* que reveste mil formas inesperadas... Todos os seres estão unidos uns aos outros e se influem reciprocamente. O universo inteiro está submetido à lei da solidariedade.”²⁴

“A grande lei de unidade e continuidade – diz por sua parte Flammarion – revela-se não somente na forma plástica dos seres, como também na força que os anima, desde o modesto vegetal ao homem superior.”²⁵

Aristóteles, adiantando-se à sua época, também concebeu a continuidade da vida, não somente no encadeamento das formas, como em seus caracteres psicológicos e morais:

“A passagem dos seres inanimados aos animados – disse – verifica-se pouco a pouco; a continuidade das gradações encobre os limites que

separam estas duas classes de seres sem que vejamos o ponto que as divide... Encontram-se na maior parte dos animais indícios dessas afeições da alma que se mostram no homem de uma forma pronunciada. Distingue-se neles um caráter dócil ou indomável: a doçura, a generosidade, a ferocidade, a beleza, a timidez, a confiança, a cólera, a malícia. Em alguns pode até observar-se algo parecido com a prudência reflexiva do homem.”

Pelas razões expostas, não é possível considerar o homem como espécie completamente desvinculada dos demais animais e pode-se assegurar, à luz da Paleontologia, da anatomia e da Psicologia comparadas, dos dados da Biologia moderna e da Psicologia experimental, que o homem deriva de formas muito inferiores, que não foi sempre o que é e que se se encontrasse hoje frente aos seus remotos predecessores, não se conheceria ou custaria muito a reconhecer-se. O homem se não provém do símio, é um ramo do mesmo tronco. Segundo a teoria darwiniana (que, entre parêntesis, não consiste em afirmar, como muitos crêem, que o homem deriva diretamente do macaco), as diversas espécies animais e de plantas guardam estreito parentesco entre si e têm-se desenvolvido umas de outras, de acordo com a lei geral de evolução.

“Por outra parte – afirma Léon Denis –, é evidente que, ao ver o estado rudimentar de certas raças selvagens, como também o retorno à bestialidade no homem civilizado, está-se no direito de crer que o animal foi o prólogo vivente do gênero humano.”²⁶

O homem apareceu na Terra quando as condições da vida estavam preparadas para sua existência, quando as influências celestes e terrestres haviam já elaborado os meios de subsistência e habitabilidade, quando o dínamo-psiquismo da vida, através de todas as formas biológicas e de ciclo, havia construído seu organismo, isto é, quando o espírito, escalando os diversos graus inferiores da evolução biopsíquica, culminou na espécie humana.

“Quando, depois do ciclo imenso de outras espécies, nasceu o homem – diz o eminente geógrafo Eliseo Reclus –, seu desenvolvimento já se achava projetado no porvir pelas formas e relevos das regiões em que seus antepassados haviam vivido.”

Descendente de um tipo inferior, do pitecantropo, parente imediato dos antropóides ou macacos superiores, o homem apareceu na Terra ligado por vínculos ancestrais à animalidade e sujeito, portanto, às necessidades

próprias do animal, mas juntando a estas aquelas que havia criado no período milenar de sua existência pré-histórica com o desenvolvimento de suas faculdades psíquicas e morais. Desenvolvido em latitudes e meios diferentes, com caracteres etnológicos diversos, resultou troglodita nas cavernas e nos abrigos subterrâneos, arborícola e selvagem nos bosques, lacustre nas palafitas, e esquimó entre as neves e os gelos, como foi pescador e navegante nas regiões marítimas, caçador nas ribeiras e nos bosques, pastor nas planícies e nos vales e agricultor nas regiões onde a fertilidade do solo e a bonança da natureza lhe ofereciam restauração e subsistência. Mas em todas as partes, em todas as latitudes e sob todos os climas, nômade ou sedentário, o homem sofreu transformações profundas e viveu em constante atividade e em permanente mudança, no desejo contínuo de melhorar o meio, de superar suas aptidões e suas obras e de superar a si mesmo, porque a lei de evolução é lei de movimento, de incessante renovação, de perfeição ilimitada, de eterna inconformação com as conquistas obtidas; aspiração esta que, ao fazer-se consciente no homem superior, já não depende de cega casualidade, mas do esforço consciente e voluntário, que se faz mais ativo, mais revolucionário à medida que penetra nas regiões da vida moral e espiritual e quando o homem, intuindo o seu destino superior, abraça ideais de emancipação e quando estes ideais, como o Espiritismo, têm o progresso indefinido como finalidade.

O homem teve sua idade da pedra, do bronze e do ferro, etapas de sua evolução e promoção, tanto nas artes, nas indústrias e nas ciências, como em seu desenvolvimento espiritual e moral; mas toda sua existência, de tempos e lugares, toda a sua atividade multiforme, seus esforços, conquistas, seu domínio relativo sobre a natureza e o meio, seus sobressaltos, avanços e retrocessos, assim como dores e desgostos, prazeres e alegrias, não foram fatos nem fenômenos isolados, pois coexistiram em reciprocidade ou em contradição, se sucederam vinculados ao comércio da vida material e espiritual, econômica ou afetiva.

Desde os séculos mais remotos, em que o homem se iniciou no uso da palavra e da conquista do fogo, até o princípio da história em que, pela lei de evolução gradual, se colocou à frente do movimento biopsíquico do nosso planeta, toda sua vida o foi de atividade dínamo-genética, de transformação, de miscigenação racial, de fecundidade e rejuvenescimento, de perfeição, de trabalho, de indústria e de comércio, de expedições e

conquistas, invenções e descobrimentos, de contradições, de lutas e conflitos, de ânsias, desejos, de aspirações jamais satisfeitas, de revoluções políticas, econômicas e sociais, em suma, de movimento, de progresso indefinido, de um contínuo chegar a ser, sem ser nunca obra completa e acabada.

O homem fóssil, da pré-história, qualquer que seja sua origem e a época de sua existência, foi o homem vivente de ontem, e o *homo sapiens* de hoje será o fóssil de amanhã. Nada pode assegurar o que será o homem do futuro, mas seguindo a trajetória de sua evolução ascendente, pode-se prever o que chegará a ser dentro de alguns milhões de anos, se é que a tanto chega a sua existência; seguramente, o homem de então, ao contemplar desde sua elevação nosso atraso e nossa animalidade quase primitiva, talvez desdenhe nosso parentesco, assim como nós desdenhamos o que nos une ao símio. Porém, mais inteligente que nós e com um conceito dínamo-genético e uma dialética superiores, saberá melhor compreender que tudo na vida se encadeia em séries e em ciclos, que por sua vez se relacionam entre si, e que tudo quanto existe, do átomo à estrela, do infusório ao homem, é concorrente e solidário, que tudo vive e respira, sente, pensa e quer, que tudo muda, modifica-se e aperfeiçoa-se, animado pela mesma vida, pelo mesmo espírito, pelo mesmo dínamo-psiquismo universal.

“Nada pode permanecer invariável em um cosmo que incessantemente varia – diz José Ingenieros –; cada elemento do incomensurável tende a equilibrar-se como todo o variável que o rodeia. Nessa adequação da harmonia do todo consiste a perfeição das partes. O sistema solar varia em função do universo; o planeta em função do Sol que o conduz; a humanidade em função do planeta que habita; o homem em função da sociedade que constitui seu mundo moral. A mais imprecisa nebulosa, a estrela mais brilhante, as cordilheiras e os oceanos, o carvalho e as borboletas, os sentimentos e as idéias, o que conhecemos e o que concebemos, estão em perpétuo aperfeiçoamento. Mesmo a morte é palingenesia renovadora: só nos parece quietude e estabilidade porque suspende funções que em uma parte mínima do real chamamos “vida”.”

Com efeito, a vida e a morte não são mais do que o fim de dois mundos que se interpenetram, modos de viver diferentes, fases da mesma vida, que se sucedem e persistem em continuado morrer e renascer através do

tempo e do espaço, mudança perpétua de formas e personalidades que se encadeiam infinitamente entre si e com outras séries de existências viventes em uma progressão e enlace indefinidos, que ligam a história biológica da Terra à história da vida universal.

“Em razão desta progressão evolutiva – diz Gabriel Delanne –, reconhecemos a necessidade de uma influência que se exerce de forma constante para conduzir os seres e as coisas, das fases rudimentares a estados mais e mais aperfeiçoados.”

Esta influência de que nos fala o autor de *As Vidas Sucessivas* provém indiscutivelmente de uma Causa única, de um dinamismo psíquico superior que abraça e une todas as coisas e seres viventes, todos os dínamo-psiquismos particulares em sua causalidade e movimento proteiforme, causa ativa, eficiente, infinitamente sábia, centralizadora e diretriz das diferentes atividades universais, que se valendo das mesmas contradições que cria e das finalidades particulares indefinidas, realiza a harmonia e a finalidade do conjunto, harmonia e finalidade dínamo-genética que nossa humana inteligência apenas pode conceber de um modo relativo na beleza, na bondade e na verdade alcançáveis com o saber, a perfectibilidade e o progresso do espírito.

No Universo e como causa essencial de sua existência, há, pois, fora de toda dúvida, um Princípio Inteligente, ativo, criador e transformador perpétuo. Assim têm estabelecido, ainda que de diversas formas e sob diferentes nomes, todos os filósofos dialéticos, com exceção, se subentende, dos materialistas, que só admitem a matéria como substância única, como realidade única e ao mesmo tempo causa essencial e determinante da vida e do pensamento, que, em sua dialética amanhecida, não tem existência senão na matéria e pela matéria.

Mesmo Heráclito, o primeiro filósofo que pensou dialeticamente, que teve uma concepção dínamo-genética da vida e do Universo e fez do *chegar a ser* um meio entre o *ser e não ser*, afirmando que tudo passa, que *nada é*, que *tudo chega a ser*, que *nenhum homem se banha duas vezes na mesma água*, concebeu este princípio do movimento, da transformação constante de tudo quanto existe, que imaginou estar no fogo, não em tal ou qual fogo, mas no fogo como elemento essencial, como alma artista, geradora e transformadora de todas as coisas.

Com base nesses argumentos, ampliando a proposição de Ingenieros, podemos dizer que se o homem varia em função da sociedade, a humanidade em função do planeta, o planeta em função do Sol e o sistema solar em função do Universo, este, por sua vez, varia em função do dínamo-psiquismo universal, sob a ação do Princípio Inteligente, ativo, criador e transformador perpétuo, que rege o destino dos seres, valendo-se da atividade dos mesmos seres que cria, que nascem dele e voltam a ele, numa concatenação harmônica e solidária em que as partes, por contraditórias que pareçam, jamais podem ser absolutamente opostas nem estranhas ao Princípio que as une. Da mesma forma, os seres sujeitos à lei iniludível da evolução em virtude de seu poder psicodinâmico, vão ascendendo por gradação lógica para o fim, que é ao mesmo tempo princípio da existência, de onde tudo emerge e para onde tudo volta para confundir-se no mistério – que é ainda para nós – de uma existência em grau máximo de perfeição, se é que este grau supremo é exequível pelo espírito dos seres criados.

“Todos os ramos da árvore da vida – diz o dr. Gustave Geley –, partindo de um mesmo tronco, vão florescer em uma copa comum... As passagens de peixe a batráquio, de réptil a pássaro, de antropopiteco a homem, não têm sido dadas de forma deliberada, voluntariamente.”

Esta passagem de uma forma biológica a outra, esta ascensão progressiva que, de acordo com o citado autor, efetua-se ascendendo do inconsciente ao consciente e sem deliberação por parte dos seres, é a prova concludente do Princípio ativo, inteligente e diretor que postula o Espiritismo; a não existir este Princípio, não vemos a razão lógica dessa gradação ascendente. Este fato, inconsciente e involuntário, de transformação progressiva por parte dos seres, não pôde ser inconsciente e imprevisto para a causa dos seres, ou seja, para o Princípio ativo, que rege seu destino em direção a uma perfectibilidade e progresso incessantes.

A vida é movimento, a evolução é movimento, o progresso é movimento, movimento ascendente, de transformação, de perfeição e eterno rejuvenescimento.

Sob o poder psicodinâmico, seletivo e teleológico dos seres, eles realizam suas adaptações provisórias para passar a outras formas de vida superiores; trabalham com o esforço constante de sua tendência ao melhoramento da vida, seu próprio organismo, modificando-o e aperfeiçoando-o, tanto em sua estrutura como em suas aptidões e

capacidades; condicionam os meios naturais e artificiais ao fim específico ou individual e movem-se constantemente, não apenas por necessidades tróficas e genésicas, de alimentação e reprodução e por influências de ordem exterior, como também por uma força fluente, biocêntrica, por um poder diretor e progressivo que emana do ser, de sua natureza espiritual, e que tende também no grau máximo de evolução biopsíquica, no homem, a um fim espiritual.

Toda a vida é *psique* ou manifestação da *psique* e toda *psique* é atividade intelectual e progressiva, manifestando-se consciente ou inconscientemente.

Leibnitz, o grande filósofo dínamo-espiritualista e sutil dialético, em quem Fontenelle dizia haver muitos grandes homens, aludindo a que além de filósofo era jurisconsulto, matemático, historiador, etc., sustenta que há uma tendência em tudo quanto existe para produzir, modificar-se, uma aspiração a um fim mais ou menos pressentido.

“O porvir – diz Leibnitz – está concebido do presente... Ser é construir, tudo o que não se agita e muda morre, ou, mais exatamente, não existe (*quo non agit nee existit*).

“Tudo caminha, tudo se move, evolui e progride, se não em linha reta, em ciclos espirais, de avanço e retrocesso, de auroras e ocasos, de primaveras e outonos, de vidas e de mortes, que por sua vez recobram nova vida, alvorecem no despertar de novos dias, florescem em novas primaveras, tornam em novos avanços, em novos ciclos de ascensão, e ao somar-se uns aos outros, no suceder dos séculos e no tesouro da vida eterna, acumulam um caudal de perfeição, de espiritualidade, de consciência e de beleza sempre em aumento, até o infinito.”

Mas esta evolução progressiva não procede sempre, como temos dito, de um modo lento e paulatino, como também e finalmente, em cada ciclo evolutivo, por saltos ou mutações bruscas. A evolução, em geral e também em particular, em cada ordem de coisas, tem suas revoluções, suas acelerações e suas rupturas de forma, como resultado do progresso gradual que, ao chegar ao máximo de desenvolvimento cíclico, rompe a resistência das forças que a pressionam e produz mudanças e transformações, não só quantitativas como qualitativas. Cada vez que há mudança no *progresso gradual* produz-se um salto, sem que por isto se

origem descontinuidade no progresso da vida, nem mudanças biopsíquicas essenciais.

Os trabalhos de Hugo de Vries, de Armando Gautier, etc., confirmam no terreno da Biologia, como os de Cope, na Paleontologia, a teoria das transformações bruscas ou por saltos, que concebeu o gênio dialético de Hegel, utilizada por Marx e Engels no conceito materialista da história e que o Espiritismo, com Geley à frente, corrobora no sentido espiritualista da evolução.

Mas entendamos que um salto, ou diferença qualitativa na evolução, supõe dois termos correlatos que servem de conexão entre uma qualidade que morre e outra que nasce, já que esta última não apenas exige uma quantidade *x*, como também uma qualidade anterior e análoga da qual derive. E estas diferentes qualidades supõem necessariamente uma potencialidade substancial que as contenha em latência, as desenvolva e lhes dê sua razão lógica de ser.

Enquanto a quantidade não chega a certo limite, não altera a qualidade, esta se mantém apesar da diminuição ou aumento quantitativo, mas quando a quantidade ultrapassa este limite ou chega a ele, muda a qualidade.

“Assim se explica – diz Hegel – como o grau de temperatura da água é indiferente à sua fluidez. Há, sem dúvida, no aumento ou redução da temperatura da água líquida, um ponto em que o estado de sua coesão muda qualitativamente e no qual a água se transforma em vapor ou em gelo.”²⁷

“Quando na esfera do ser alguma coisa passa ao outro, desaparece. Não acontece o mesmo com a essência. Aqui não temos *outro* verdadeiro, mas somente a diferença, a relação do um e do outro.”, etc.²⁸

A *alguma coisa* de que fala Hegel é algo que existe tal como é, em determinado momento e o *outro* é o que chega a ser, e quando este *o outro* se realiza na *alguma coisa*, o que era anteriormente desapareceu, mas a essência de *alguma coisa* e de *o outro* é sempre a mesma, apesar das mudanças qualitativas.

O nascimento e a morte são exemplos também da evolução por saltos: a gestação é resultado de um processo gradual e o produto da ruptura desse processo, o salto à vida nova, mas a essência humana é sempre a mesma, ainda que as qualidades do novo ser sejam distintas. Com a morte sucede

coisa análoga: a vida de um ser é um processo gradual que se rompe com a morte e dá um salto para uma nova vida, que pode ser diferente em alguma coisa de suas qualidades mas não em sua essência.

A evolução humana tem seus saltos e sacudidas bruscas bem conhecidas, em que o rompimento de um ciclo, como na Revolução Francesa e mais fundamentalmente na Revolução Russa, muda o regime social, sem que por isso mude a natureza humana nem os princípios fundamentais da sociedade.

Mas o certo é que há saltos na evolução e que estes se efetuam em virtude de um processo lento e gradual anterior.

Por outra parte, vemos que nenhum fenômeno se produz na vida senão em virtude de duas forças ou fins opostos e necessários. A lei dos opostos é que determina todo movimento, toda mudança, todo progresso, aquele que tudo modifica e aperfeiçoa. Sem fins opostos, não só não se concebe a evolução, como nem o universo poderia existir, a não ser no repouso absoluto. Cada manifestação da vida é o resultado de uma antinomia; e assim como não há esforço sem resistência, que complemente a ação, tampouco há fim positivo que não contenha seu negativo para um efeito complementar: um homem que quisesse se apoiar no vazio, cairia. Como diz Oliver Lodge, é tão necessário a bigorna como o martelo; e não se pode arremessar uma corda se falta resistência no outro extremo.

“... A inteligência humana tem se apresentado como a luta de duas forças contrárias, do bem e do mal; princípios antagônicos representantes de Deus e do diabo na imaginação das multidões.”²⁹

É tão necessário o bem como o mal; sua contraposição é como a dos sexos: não existe senão para criar, renovar e aperfeiçoar constantemente a vida e a moral dos indivíduos e dos povos. O impulso criador há de se fazer sobre alguma coisa.

Deus mesmo, em sua atividade criadora, não se pode conceber sem esforço e, portanto, sem resistência; é necessário haver forças de atração e de repulsão para manter o equilíbrio do universo, pólos opostos para os mundos, sexos contrários para a geração, bem e mal para a perfeição moral, antagonismos e revoluções para a civilização e o progresso, e, se toda manifestação de vida é manifestação divina, em Deus está o princípio das contradições que movem o mundo.

Mas entendamos que os fins opostos não se podem separar em absoluto: eles convergem sempre para um fim, ou se relacionam para consegui-lo. Não se pode colocar o mal de um lado e o bem de outro e isolá-los em absoluto, porque isto seria anulá-los, assim como não se pode desvincular os sexos sem torná-los estéreis, nem separar os pólos de um mundo sem destruí-los.

Os fins opostos são sempre relativos. Para conhecer-se um homem virtuoso há que vê-lo entre viciados (ou compará-lo com eles), porque só junto ao vício se distingue a virtude. Um homem virtuoso, que vivesse entre homens mais virtuosos, seria um viciado; e um viciado em um meio inferior, demonstraria ter virtude.

Uma coisa é, como disse Platão, “grande e ao mesmo tempo pequena”, “dura e ao mesmo tempo branda”, porque a grandeza como a pequenez, a dureza como a brandura, não existem em si mesmas, mas em relação a seus fins opostos. Deduz-se que a contradição é sempre relativa e que possui, em uma só lei, dois fins necessários, que se complementam na ação para um objetivo determinado.

Em todo esforço há uma resistência, necessária para a ação, e para toda ação uma reação, necessária para restabelecer o equilíbrio ou dar estímulo à vida e ao progresso, assim como para toda tese há uma antítese, que se resolvem em uma síntese: ação, progresso e síntese são diferentes e ao mesmo tempo complementos de seus fins opostos.

Vemos também que na contradição, o fim positivo não difere essencialmente do negativo, que ambos se encontram no mesmo processo da evolução ou se contêm um no outro.

“Quando se diz – escreve Hegel – que o homem é mortal, se considera a morte como algo que tem sua razão em circunstâncias exteriores e assim haveria no homem duas circunstâncias particulares, a de morrer e também a de viver. Mas o acertado é considerar a vida como tal, levando em si mesma o germe da morte, e o finito, em geral, levando em si mesmo sua contradição e, portanto, como suprimindo-se a si mesmo.”³⁰

Assim, por exemplo, quando nós espíritas dizemos que a morte não é senão o trânsito para uma nova vida, um aspecto diferente desta, seu fim oposto e necessário, pensamos dialeticamente, porque dos fins contrários e finitos (vida e morte relativas), suprimindo-se a si mesmos, fazemos a síntese da vida infinita. A vida leva em si o germe da morte e a morte o

germe da vida: tese e antítese resultam em uma síntese que é a vida essencial e eterna com suas necessárias contradições.

Quando Colombo sustentou que indo pelo Ocidente podia-se chegar ao Oriente, formulou um juízo dialético. E aquele que disse que quem entra pela porta do mal sai pela do arrependimento, que conduz à senda do bem, pensou também dialeticamente.

A dialética não está somente nas leis do pensamento, quando pensamos, por exemplo, do mal ao bem ou do finito ao infinito, ou ao inverso; está também nas leis da natureza, na evolução, na incessante renovação dos períodos de tempo e ciclos evolutivos. Vemos como a Terra, indo em direção à noite também vai para o dia e como, seguindo sua elíptica, passa alternadamente do inverno ao verão, por mediação da primavera e do outono.

Fácil é compreender, desde logo, que com esse modo de considerar a vida o espírita chega a ter um conceito mais exato da evolução e, portanto, mais conforme com os ensinamentos científicos e filosóficos do Espiritismo, que não apenas é contrário à concepção estática e mecanicista do universo e da vida, como não é unilateral, porquanto admite a existência real, tanto da matéria como do espírito, nem abriga a pretensão de ser uma doutrina acabada, posta à margem do processo da evolução e da dialética que emprega para a concepção dínamo-genética e do progresso que ele implica.

Com efeito: Kardec, ao término de sua obra magna, prevendo talvez o dogmatismo e o *status quo* da doutrina, escreveu este sábio preceito, digno de ser estereotipado em letras de fogo, para ensinamento dos espíritos quietistas e atrasados, conservadores do que há de menos espírita na interpretação da doutrina:

“O Espiritismo, marchando com o progresso, nunca será superado nem ficará atrasado; porque se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro, em determinado ponto, se modificará nesse ponto e se uma nova verdade se revelar, a aceitará.”

Desenvolvendo este pensamento de Kardec, nele se encontra, implicitamente, a concepção dínamo-genética do Espiritismo, como da ciência e da vida: do Espiritismo, porque se modifica conforme a ciência, que é dinâmica e se renova e progride à base da vida, que, por sua vez, se modifica nas formas, sob a ação psicodinâmica dos seres e em virtude do Princípio ativo e criador.

Assim é que os espíritas, caminhando de acordo com o Espiritismo, com a ciência e com a vida, hão de viver em constante renovação, sacudindo os restos do passado, atizando o fogo do presente, para fundir no cadinho das novas idéias e das ações nobres e heróicas a vida sempre renovada e perfectível do porvir.

Capítulo IV

Conceito dínamo-genético da história

No capítulo anterior desenvolvemos o conceito dínamo-genético da vida, de acordo com o Espiritismo dialético, demonstrando que na natureza tudo está em contínuo movimento, em um constante devir, que nela nada há absolutamente estático, nada isolado ou desvinculado da causalidade universal e do Princípio psicodinâmico que a rege. Deixamos assentado também – e isto o temos feito apoiando-nos nos dados da ciência moderna e na observação direta dos fenômenos físicos, biológicos, sociais, etc. – que a lei de contradição, ou dos opostos, é a condição necessária da evolução e do progresso e que o processo da evolução para formas de vida e condições de existência superiores não se efetua sempre em linha reta e paulatinamente, de acordo com o velho preceito doutrinário: *natura non facit saltus*,³¹ que nos legou o evolucionismo clássico, pela boca de Leibnitz.

De fato, à parte do processo lento e gradual, ou como consequência desse processo, produzem-se mudanças bruscas, que se efetuem quando o máximo de progresso gradualmente alcançado, a maior quantidade de energias acumuladas, rompe as velhas formas ou ciclos evolutivos e muda, como diz Hegel, a quantidade em qualidade ou, como afirma Karl Marx, referindo-se aos fenômenos sociais no trânsito de um sistema de produção a outro, rompe a casca quando o fruto chega à sua madureza, passando, como ele supõe no processo da sociedade atual, do estado de necessidade ao de liberdade, ou como postula Geley, do inconsciente ao consciente.

De acordo com esse mesmo critério dialético espírita, vamos abordar o conceito dínamo-genético da História, que é o mais interessante, para nós, da vida universal em seu grau superior de evolução.

Afirmar o conceito dínamo-genético da História, na época de transição em que vivemos, em que a crise do atual sistema de produção aponta para

o seu fim; em que as inquietações da vida material e espiritual exacerbam os ânimos e aceleram o ritmo dos acontecimentos históricos para um novo ciclo da evolução humana; em que o desenvolvimento técnico e industrial, os portentosos descobrimentos da ciência, a intensificação dos antagonismos econômicos e sociais, as novas concepções filosóficas e ideológicas, etc., renovam os valores humanos e abrem dilatados horizontes às múltiplas atividades do espírito, significa, não só um critério filosófico mais ou menos ajustado à realidade dos fatos, mas a confirmação de uma verdade científica, cuja evidência se manifesta no desenvolvimento dos mesmos fatos.

Mas esta época de transição, por interessante que seja ao valor de nossa tese, não é mais do que um episódio do desenvolvimento humano, que se vem efetuando desde o começo das idades, de ciclo em ciclo e subindo, entre avanços e retrocessos, até alcançar a forma e as condições de existência superiores da atual civilização.

O conceito dínamo-genético da história é o mesmo conceito dínamo-genético da vida, aplicado ao desenvolvimento da humanidade. Esta não é senão a continuação da vida terrestre no máximo de seu desenvolvimento. A história do homem se destaca entre as brumas de um passado milenar que se estende à pré-história e se perde, com o pitecantropo, nos confins da animalidade.

Pela ciência, nada sabemos de sua origem, mas, baseando-nos no princípio de unidade e continuidade biopsíquica, podemos asseverar que o homem, qualquer que seja sua origem e o modo de sua transformação, tendo escalado formas biológicas inferiores e passado por condições de existência também inferiores, não foi um Adão repellido do Paraíso, feito para perpetuar-se em um eterno *status quo*, em uma vida acabada e contemplativa, mas um descendente de antepassados inferiores que sobreveio em constante esforço, de geração em geração, até chegar ao que é hoje.

Ter um conceito dínamo-genético da História, de acordo com o Espiritismo dialético, é considerar o homem não uma criação especial, nem um ser específico, desvinculado de seus antepassados animais, mas continuação da mesma vida, desenvolvendo-se em virtude do determinismo biológico, sob a ação psicodinâmica do espírito, por meio de formas variadíssimas e culminando na espécie que o distingue como tal.

A história da humanidade é a história de seu constante movimento e desenvolvimento, de sua transformação contínua, de seu incessante esforço para ser sempre superior ao que foi e ao que é, sem que jamais obtenha formas ou perfeições definitivas.

O homem viveu sempre uma vida de inquietudes, de desejos nunca plenamente satisfeitos, de sonhos jamais completamente realizados. A necessidade, os instintos, primeiro; mais tarde a ambição, o afã de predomínio ou a ânsia de libertação, as inclinações ou predisposições naturais, a curiosidade, a emulação, etc., incentivaram seu espírito e o mantiveram em constante atividade.

Nas primeiras etapas de sua evolução, o homem moveu-se por impulsos de necessidades próprias da vida animal, sob a pressão das mudanças e transformações operadas na superfície da Terra: as erupções vulcânicas, os terremotos, os dilúvios, as devastações, os afundamentos, os desabamentos das montanhas, a alteração dos períodos glaciais, os perigos, a difícil luta pela existência e, enfim, as anomalias e vicissitudes de seu estado primitivo, determinaram profundas modificações em sua vida, mantendo-o em constante atividade. Estes e outros fatores obrigaram o homem das primeiras idades a emigrar de um ponto a outro, a explorar novas regiões, a buscar vias de comunicação, a abrir os passos obstruídos por barreiras naturais, a relacionar-se e unir-se, a ocupar diferentes atividades, segundo as circunstâncias, os meios e as necessidades ambientes, a assimilar os costumes, a multiplicar e unificar seus esforços e seus conhecimentos, a mover-se, a modificar-se e progredir constantemente.

Frente ao maravilhoso espetáculo que lhe oferecia a natureza, rodeado de espreitas e perigos, mas também de sugestões e encantos naturais, o homem primitivo, impulsionado por necessidades de sua existência, sempre aguilhado por novos estímulos e levado por sua predisposição natural a averiguar o desconhecido, e por seu poder de imitação e adaptação, buscou ampliar o contorno que o rodeava, alargar seu meio circundante, para aventurar-se em empresas não suspeitadas. O troglodita teve que abandonar muitas vezes sua caverna, obrigado por circunstâncias desfavoráveis, por fatores naturais adversos ou por incursões de outros povos, e lançar-se à aventura, a outras regiões, para adaptar-se a novas condições de vida. Os povos nômades ou pastores emigraram constantemente de um ponto a outro (quando não ficaram cativos) e

conviveram com tribos e povos agricultores e marinhos, de costumes, crenças e idiomas diferentes. Os ribeirinhos sentiram-se movidos a ser navegantes e em suas andanças e incursões tornaram-se colonizadores e aprenderam com sua própria experiência a conhecer o mundo em sua extensão ilimitada, e o que primeiro foi um obstáculo à sua expansão e desenvolvimento tornou-se, mais tarde, quando aptos à navegação, um meio favorável que os conduziu a lugares e povos desconhecidos. Ante a imensidade dos mares e dos rios caudalosos, povoados de mistério, de ruídos distantes, de mitos e quimeras obcecantes, abertos a seus desejos de exploração e de conquista, fizeram-se intrépidos, audazes e arriscados e se lançaram à aventura, levados muitas vezes além dos limites imaginados.

O contato de uns povos com outros, a mistura das raças por cruzamento, a influência dos climas e meios, a introdução de crenças e moral diferentes, o intercâmbio, a contribuição recíproca das ciências, artes e indústrias, segundo os povos, lugares e épocas, a aquisição de línguas estrangeiras, a experiência própria e alheia, etc., transformando e aproximando pouco a pouco os homens, fundem seus costumes, modificam seus caracteres étnicos, criam novos tipos, mais semelhantes e perfeitos, assimilam seus hábitos e crenças, multiplicando e aperfeiçoando os conhecimentos e enriquecendo a experiência da espécie.

Cada indivíduo, cada família, cada tribo ou patriarcado, cada povo, império ou nação, por força das circunstâncias, por necessidade ou espontaneamente, por simpatia específica, por reciprocidade afetiva ou por conveniência, em vista de fins ou objetivos comuns, contribuiu para o movimento dínamo-genético da história, realizando a unidade consciente da espécie humana, ainda no meio de suas contradições, de seus interesses particulares, de suas lutas fratricidas e de seus antagonismos de toda classe.

As raças autóctones ou aborígenes que permaneceram isoladas do movimento universal, de toda miscigenação e comércio com os demais povos e raças diferentes, desapareceram ou estão em vias de desaparecer, consumidas pelo seu isolamento e pela falta de nova vitalidade. A humanidade, para subsistir, necessita transformar-se e rejuvenescer-se constantemente, plasmar-se em novas e mais perfeitas formas e receber estímulos de diferentes ordens. Os povos, como os organismos, quando não se movem, se incham, se atrofiam e logo sucumbem aniquilados por sua

própria inércia. Raça alguma pôde se manter pura. A lei de seleção se verifica na síntese dos caracteres opostos que é a criação de novos tipos, fundidos na assimilação ou promiscuidade das forças vitais contrárias.

“Não somente – diz Eliseo Reclus – os isolados têm que temer todo o destino, a causa de seu tímido número e da falta de coesão, como são inábeis para modificar-se; sua apartada vida os faz conservadores.”³²

A humanidade é una e solidária entre si, apesar da variedade de raças, de tipos, de nações, de tribos, famílias, classes ou indivíduos. Qualquer que seja a cor da pele, a conformação de seu corpo, a estrutura de seu crânio, seu idioma ou suas crenças, os homens se reconhecem semelhantes, procriam, misturam-se, entendem-se, unem-se comercialmente e estabelecem relações econômicas, afetivas e espirituais. Todos os homens estão ligados por laços de família, por relações de sociedade ou por vínculos de raça, religião ou nacionalidade, quando não por interesses de classe. A humanidade chega, desse modo, a estabelecer sua filiação, a reconhecer-se una em sua espécie, apesar de suas variedades étnicas e das contradições que lhes são próprias. Daí o enlace dos povos e dos acontecimentos históricos, que se apóia, antes que em causas de índole econômica, em princípios psicológicos e éticos específicos.

O determinismo da história acontece e amplia-se cada vez mais, em virtude das relações necessárias da espécie humana, sem as quais não poderia existir ou subsistir, nem tampouco progredir, porque todo progresso humano é a síntese de muitas experiências e esforços relacionados entre si. Mas essas relações não puderam existir em toda sua extensão até o momento em que a espécie humana não se reconheceu como tal.

Disseminados os homens em diferentes pontos do globo, onde a natureza do solo e do clima favoreceu sua existência, isolados, em muitos casos, de outros povos ou raças diferentes, sem meios de comunicação e de transporte, não podiam estreitar relações nem entrar em contato senão com os povos mais próximos, para irem-se estendendo, com o transcurso dos séculos e das vantagens do progresso, a outras regiões mais distantes até conhecerem sua semelhança e fundirem-se em uma única espécie.

A humanidade não apareceu nem se desenvolveu em determinado lugar, para dali estender-se aos diferentes pontos da Terra: sua aparição foi simultânea e teve diferentes pontos de partida, como o têm os diversos

ramos de uma árvore, não obstante derivar de um tronco comum e conservar nele sua filiação e a unidade de origem.

A civilização pré-histórica teve seu nascimento em todas as regiões habitáveis, tanto da Ásia como da África, Europa ou América. Os rudimentos da indústria e da arte primitiva são tão remotos como a existência do homem e provam que a civilização não começou em determinado ponto como saída de um foco único de inteligência.

Prova esta afirmação o fato de que os rudimentos da indústria e da arte primitivas, instrumentos de pedraria – facas, raspadores, serras pequenas, machados e pontas de flechas de sílex, massas, pedras de fundas, armas e outros utensílios que caracterizam a Idade da Pedra, como também agulha de osso, buris de chifre, etc. – encontram-se em diferentes pontos da Terra. São vistos na zonas temperadas e tórridas, como nas regiões circumpolares: na Ásia Menor, Assíria, Palestina, em Nínive e Babilônia, no terreno onde se erguem as soberbas pirâmides do Egito, no solo da China, enterrados em antiquíssimas camadas geológicas, conjuntamente com fósseis de animais desaparecidos, nas cavernas e grutas que serviram de guarida aos trogloditas, nas galerias subterrâneas, nos depósitos dos antigos lagos da Suíça e da Itália, nos terrenos terciários de Portugal e França, no Brasil, em Montevidéu, nas imediações do Rio da Prata e nos pampas de Buenos Aires e, como nos centros continentais, encontram-se na Polinésia e até na solitária Ilha de Páscoa, em pleno Oceano Pacífico.

Não foram a Caldéia, Egito, China, Índia, nem o antigo México ou Peru, o berço da civilização, como supõem opiniões de sábios e historiadores. A humanidade se moveu em diferentes berços e bebeu em diferentes fontes antes de chegar à história e reconhecer-se em unidade específica. Em toda parte se encontram vestígios de sua existência e de sua atividade. O marco da humanidade primitiva ficou impresso em suas próprias obras, pelo que podemos apreciar da enorme distância que dela nos separa. Por sua vez, os restos osteológicos fossilizados dessa mesma humanidade pré-histórica permitem-nos apreciar as mudanças que se operaram na estrutura do homem através das idades.

Mas não é isto que mais interessa ao nosso objeto, senão compreender, baseados na Arqueologia e na Paleontologia, que a evolução histórica não se reduz a um simples movimento sem modificações profundas nem progresso, sem união entre os fatos e sem finalidade nas intenções. A

simples construção de um machado de sílex implica já em mudança, progresso, uma relação entre o sujeito e o objeto, uma influência do indivíduo sobre a sociedade, a modificação das condições de vida, mediante a ação do espírito sobre a matéria, e na idéia da formação do fato para a realização de um fim, um princípio de causalidade, enfim, cuja série de causas e efeitos pode fazer-se extensiva até o infinito.

A humanidade, em sua evolução incessante, foi-se elevando pouco a pouco, de período em período, entre avanços e retrocessos, a condições de vida mais perfeitas. Seu passado, os vestígios de cada época e de cada civilização marcam, no museu da História, seu avanço gradual e contínuo. “A história dos tempos que não têm história”, mas que se constrói hoje sobre o trabalho humano das primeiras idades, permite-nos traçar a trajetória da evolução e reconhecer o valor das potências espirituais que, tendo passado por formas biológicas inferiores, sobem até as alturas do gênio e ainda mais além. Como diz judiciosamente Ameghino, comparando o trabalho retrospectivo do homem, “então essa reunião do passado com o presente permite conhecer o que foi ontem e o que é hoje e qual é o caminho mais curto que se deve eleger para chegar mais diretamente ao que será amanhã”. Permite também a demonstração científica de que o mundo não foi sempre o que é, contra a opinião vulgar dos misoneístas e conservadores de toda espécie e de todos os que afirmam que é um lugar de expiação, antes que de trabalho, de evolução e de progresso. E aqui vem bem a reflexão mais espírita que materialista de Eliseo Reclus, respondendo à afirmação, um tanto católica, de Lamartine, quando sustenta que “o homem é um Deus caído dos céus”. O autor de *O Homem e a Terra* responde: “Não é um deus caído, porque, pelo contrário, sobe, mas lembra todo um infinito”. E assim é, indiscutivelmente.

Aos primeiros balbucios de sua inteligência, expressos nos rudimentos da indústria e da arte primitivas, sucederam outros de uma indústria e uma arte mais desenvolvidas e adaptados a novos usos e necessidades; o machado rústico foi abandonado por outro cortante e polido, o mesmo acontecendo com outros instrumentos; o cinzel, a flecha e a lança de ponta de pedra afiada, as obras de olaria, os desenhos talhados em pedra, em osso e em marfim, as esculturas e gravações murais, as construções edificadas na pedra viva, as pinturas, como as que se encontram nas grutas de Altamira e Santander, representando a fauna espanhola da época das

renas, os ídolos e estatuas, algumas delas colossais, como as encontradas na Ilha de Páscoa e que se acham no Museu Britânico de Londres, os túmulos, sepulturas da época neolítica, cujas cadeiras de pedra ainda conservam os cadáveres sentados e demonstram o respeito aos mortos que já havia entre os primitivos. Estes e outros vestígios da civilização pré-histórica assinalam um grau mais avançado no desenvolvimento da inteligência do homem. Vem a idade do cobre e o homem aprende a trabalhá-lo e a amalgamá-lo com estanho, dando começo à idade do bronze... Logo vem a idade do ferro e a indústria humana aumenta e se aperfeiçoa consideravelmente; a arte se desenvolve e se estende a objetos de diferente matéria e natureza, as ciências se esboçam nos primeiros descobrimentos e invenções, nas primeiras manifestações plásticas do pensamento. O fogo constituiu uma das primeiras e mais apreciadas conquistas: foi a luz e o calor de suas noites e a alma de sua indústria, como o é ainda na nossa.

Apenas saído do estado primitivo e ainda em seu estágio de afonia, o homem soube prover pouco a pouco seus meios de subsistência e de adaptação a diferentes climas, de seleção e de progresso; soube servir-se da inteligência e das mãos, antes que da modulação das palavras, para fazer-se compreender. Assim, impulsionado por fatores de diferentes naturezas, lançou-se a conquistas mais atrevidas; domesticou os animais mais dedicados e úteis à sua pessoa; construiu meios de condução; ao trenó sucedeu o carro de rodas, à balsa a piroga, e ao caiaque a galera e outras embarcações mais perfeitas. Com a experiência dos séculos, aprendeu a conhecer as enfermidades e a distinguir as ervas e minerais medicinais dos nocivos, dando assim origem à medicina e à terapêutica, a preparar as peles para confeccionar roupas e calçados e a servir-se delas como tapetes e mantas, a fiar, a tecer e a construir os primeiros teares. O sentimento estético despertou no homem, como despertara o sentimento moral e religioso, e a primeira coqueteria humana exigiu adornos para o embelezamento de um e outro sexo; e ao mesmo tempo em que satisfazia uma necessidade pessoal, própria da inclinação do espírito para o belo, serviu de incentivo às atrações sexuais e de certo modo à idealização do amor. Daí o uso de plumas, pedras e metais preciosos que deram origem à ourivesaria e a outras diferentes artes. Os refúgios naturais foram abandonados pouco a pouco por moradias mais seguras e menos expostas

aos mil perigos que assediavam o homem, até alcançar as mais variadas formas arquitetônicas e as diferentes cidades, de acordo com as exigências de cada meio e com os avanços do progresso.

Os diferentes meios naturais criaram também diferentes atividades, atitudes e gêneros de trabalho, meios de alimentação e de vida, influenciando nas idéias e nas concepções dos indivíduos e dos povos.

Os agrupamentos humanos, determinados em primeiro lugar pela união dos sexos e o sentimento afetivo da família, foram logo ampliados pelas relações econômicas e pela necessidade do esforço comum para realização dos diferentes fins sociais. Assim se formaram as tribos e clãs primitivos, o matriarcado, o patriarcado, em seguida os povos, depois os impérios e as nações, sob diversos sistemas de governo, como diversas foram as relações sexuais e econômicas.

Quando os povos passaram à História, já possuíam um princípio de civilização e estavam vinculados entre si por relações comerciais ou de família, quando não padeciam uns sob o domínio de outros ou sob o peso do tributo que se lhes impunha. A história não menciona qualquer povo absolutamente incivilizado. Em todos havia organização, uma indústria, uma arte e uma ciência, por incipientes que fossem, desenvolvidas, dentro, subentende-se, de seus respectivos meios geográficos e das necessidades e aptidões próprias de cada um.

Apenas assomam os primeiros albos da História, aparecem os povos civilizados trazendo a herança milenar dos esforços acumulados, sabe Deus à custa de quantas milhares de gerações e de compostos étnicos e grupos de civilizações diferentes. Os historiadores são incapazes de pôr-se de acordo para relatá-los segundo a ordem cronológica e limitam-se a referi-los pelo testemunho dos monumentos em ruínas; mas de sua antigüidade, na ordem de sua aparição à vida civilizada, nada sabem e nada podem saber com certeza, porque eles tomam como princípio o que não é senão continuação.

O princípio da civilização egípcia perde-se na noite dos tempos: a História assinala-a quando o Egito aparece como nação civilizada e com um grau de desenvolvimento e cultura superiores. E não aparece isolada, mas simultaneamente com outros povos em um grau avançado de civilização e estreitamente relacionada com eles.

O mesmo pode dizer-se da Caldéia, Fenícia, Índia e China, povos civilizados que têm diferente origem e que, como a Armênia, se arrogam o direito de ser os primeiros da história. Nenhum deles nasceu e floresceu com absoluta independência e sem a influência e contribuição de outros povos civilizados.

As civilizações maia e asteca do México e a inca do Peru nasceram em seu meio e não há razão para supô-las como de origem asiática, já que a antigüidade do homem na América remonta a épocas pré-históricas, tanto ou mais remotas quanto a do chamado Velho Mundo, ainda que não se possa considerar-se isolado e sem relações entre si.

Cada centro de civilização ou simples agrupamento humano estendeu o seu raio de ação até o limite que lhe foi possível, exercendo uns sobre os outros influências recíprocas, tanto em seu crescimento como em sua decadência e decomposição. Cada povo contribuiu na história com o aporte de sua indústria e de seu comércio, com seus meios de transporte e de comunicação, com seus conhecimentos científicos e artísticos, ao desenvolvimento e crescimento da humanidade para a civilização e o progresso.

Aqueles que, por seu maior desenvolvimento e inteligência e por seu maior poder dominador, adquiriram domínio sobre os outros, absorveram sua vitalidade e suas energias e chegaram a culminar na história, reunindo, no ciclo de sua evolução, os esforços de muitos povos e de muitos séculos. Assim, da antiga Caldéia data a história da Astronomia. Diz-se que foram os caldeus que fizeram as primeiras observações astronômicas e disputaram com os egípcios a glória de haver impulsionado as artes e as ciências, observaram o curso dos astros, criaram a astrologia, descobriram o movimento dos planetas do Ocidente e do Oriente, dividiram o ano em 365 dias, 5 horas e alguns minutos, descobriram a excentricidade da órbita dos cometas e inventaram os relógios solares.

Os fenícios foram os primeiros a domar os mares e a impulsionar a navegação e o comércio, enlaçando os diferentes povos até onde chegaram suas embarcações e mercadorias; percorreram o Mar Vermelho até Ofir (hoje Málaga) e pelo Mediterrâneo se estenderam até Tarsis, cidade situada na desembocadura do Guadalquivir. Depois de alguns anos de navegação, voltavam a seu país carregados de metais e pedras preciosas, de marfim e outros produtos. Do Líbano traziam o cedro para a construção de

embarcações e do Egito as velas e as cordas. Extraíam riquezas do sul da Espanha. Fundaram colônias em Chipre, Sardenha, Rodes, Sicília, Grécia e mais tarde a famosa Cartago e viveram confundidos com os povos da Ásia Menor, da África e da Europa, próximos ao mar. Navegantes intrépidos, penetraram o oceano e deram a volta na África, saindo pelo mar Vermelho e voltando pelas colunas de Hércules (hoje Estreito de Gibraltar). A eles se deve o descobrimento da púrpura, que vendiam aos príncipes de outros povos, como o invento da escrita, cujo alfabeto os egípcios copiaram (ainda que estes se atribuam o invento) e, segundo a tradição, levou Cadmo à Grécia.

Os egípcios fizeram progressos em Astronomia, Geometria e Arquitetura; suas construções e monumentos foram colossais, suas pirâmides, pagodes, esfinges, obeliscos, etc., indicam um espírito paciente e um desejo manifesto de perpetuidade; acreditavam na eternidade da vida humana e na transmigração da alma.

Suas múmias estavam preparadas para a viagem eterna e para afrontar a sanção da justiça divina. O egípcio foi um povo agricultor e navegante: a ele se deve, entre outros povos, o cultivo do trigo. Sua navegação estendeu-se pelo Mar Vermelho até as costas meridionais da Ásia e da África. Trouxe da Índia grandes riquezas e dela copiou suas leis, ou com estas aperfeiçoou as suas e adquiriu muitos de seus conhecimentos. Recebia ébano, marfim e ouro da Etiópia como tributo; e da Fenícia importava ornamentos e pedras preciosas que ostentava em seus templos.

Os egípcios, como outros povos civilizados, apresentam-se na História com um grau de cultura superior: junto a eles foram estudar grandes homens da Grécia, como Pitágoras, Platão e Sólon. Do Egito diz-se que Pitágoras tomou seu sistema da metempsicose e Moisés as leis e a sabedoria que logo serviram para legislar junto ao povo hebreu. Aristófanes, o gramático; Teócrito, o poeta; Licofonte, o célebre comendador; o grande crítico Aristarco; Maneton, o historiador; Hiparco o matemático, etc., beberam nas fontes da sabedoria egípcia.

Os egípcios conquistaram a Etiópia e toda a Ásia Menor, penetraram na Índia, dominaram a Escítia,³³ a Armênia e a Capadócia e estenderam sua civilização até o Cólquida ³⁴ de onde fundaram colônias. Estenderam seu império desde o Ganges até o Danúbio, mas sofreram, por sua vez, a

influência e o jugo dos etíopes, assírios, persas, gregos e, por último, dos romanos, que fizeram do Egito uma província.

A Grécia aparece em um plano superior de progresso e de cultura, assimilando a seus próprios esforços os dos demais povos civilizados que a precederam no processo da História; destaca-se entre eles por sua legislação, por suas instituições, pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento das artes, a maior extensão de suas colônias e seus conhecimentos científicos e filosóficos; foi um foco de luz que se irradiou para todas as direções e marcou, pode-se dizer, todas as veredas do conhecimento humano. O espírito desperta na Grécia para a vida artística e ideal e começa a ter consciência de sua existência e de que nasceu para elevar-se a alturas infinitas. A concepção dínamo-genética da vida e da História nela aparece, pela primeira vez, na dialética de Heráclito, e se eleva a uma concepção mais espiritualista na de Sócrates e seu discípulo Platão.

Os elementos étnicos que compunham a Grécia eram diversos: uns semibárbaros e outros civilizados e provinham de diferentes pontos; o selvático e o montanhês se confundiram com o ribeirinho de diferente origem, e o lavrador com o navegante e o mercador: uniram-se por conquistas sucessivas aos pelasgos,³⁵ autóctones, tribos procedentes dos altos vales de Épiro, e aos jônios, dórios e eólicos, vindos da Ásia Menor.

Aí está o porquê de os povos helênicos, apesar de constituírem uma unidade na História, terem tido diversas características e desenvolvido tão diferentes atividades. A influência colonial do Egito e da Fenícia contribuiu enormemente para o seu desenvolvimento; dos egípcios tomaram suas leis e sua religião; a eles devem o culto de Júpiter, Juno, Minerva, Ceres, Vênus, Vulcão, Netuno e Apolo, representações da força e do poder, da natureza feminina, da ciência, da agricultura, do fogo, da água, do amor e da arte, respectivamente; dos fenícios adquiriram o alfabeto e o desenvolvimento da navegação, das artes e do comércio, e dos caldeus aprenderam a Astronomia; mas superaram a todos, colocando-se na vanguarda da civilização.

Os gregos estabeleceram colônias e feitorias em todo o Mediterrâneo e se estenderam pelo Mar Egeu até penetrar no Helesponto e confundir-se com os povos do Mar Negro.

A Grécia, como diz Redway, teve um povo “mais espalhado do que concentrado”; e mais do que pela unidade econômica e geográfica, sua

civilização deve-se às instituições sociais e políticas, ao desenvolvimento de harmoniosa linguagem, à filosofia, ao aperfeiçoamento da arte e à sua religião.

Foi um povo em que, pela primeira vez na História, aparece a luta de classes; a desigualdade econômica e social despertou os proletários e deu origem a conflitos entre ricos e pobres: prova de maior consciência de humanidade e maior desenvolvimento dos princípios do direito e da justiça. Essas lutas motivaram o aperfeiçoamento da legislação grega. Assim como Drácon, símbolo das leis ferozes, chamadas draconianas, representou o partido “dos melhores”, Sólon e Licurgo foram os defensores dos pobres contra a escravidão a que os submetiam os ricos.

O ciclo histórico que marca a civilização grega abarcou maior extensão no mundo antigo, maior progresso e cultura e uma concepção mais elevada do espírito humano em sua ascensão individual e social. Declinou sob o domínio dos macedônios e a Grécia terminou convertida em província romana.

Um novo ciclo se abre na História: Roma empunha o cetro do mundo; reúne todos os centros civilizados conhecidos até então, em um grande império, que muda várias vezes sua estrutura política e estende suas conquistas até a Bretanha, a Gália e a Albânia, dilatando os horizontes do mundo antigo. Nasceu a vida civilizada, segundo se diz, das cinzas de Tróia, quando Enéas e outros troianos, fugindo do incêndio e do extermínio, arribaram nas praias da Itália e fundaram uma colônia, sobre a qual haveria de levantar-se mais tarde, com o apoio de elementos diversos, a senhora do mundo.

Nada há isolado e descontínuo no processo de evolução humana: o movimento incessante da História se une em seus ciclos evolutivos, como nos acontecimentos sociais e nas relações com diferentes grupos étnicos, e o que no conceito vulgar parece término, no conceito dínamo-genético é continuação, princípio renovado de uma civilização mais fecunda que leva em si os germens de novas e mais criativas civilizações.

Os romanos não foram um povo isolado e sem conexão com outros povos: tinham estreito parentesco com os pelasgos e os gregos, como os deuses de sua mitologia tinham seus correspondentes nos da mitologia grega.

Em razão de seus diversos focos de civilização e de cultura, de indústria e de comércio próprios de cada povo, que carreavam um enorme caudal de riquezas em impostos e tributos e em sábias colaborações, Roma, a par de opulenta e soberana, foi a escola do cosmopolitismo e a que fez conceber o ideal da unidade humana.

“Roma não parecia uma só cidade, mas uma confederação de várias vilas, cada uma das quais se unia a outra confederação; podia chamar-se latina com os latinos, sabina com os sabinos, etrusca com os etruscos e grega com os gregos. O romano tinha em todas as partes parentes e irmãos, pela língua, como pelo culto. A cidade que um dia haveria de ser a “Cidade Eterna” gozava igualmente de um privilégio positivo: nela se encontravam mais raízes gregas do que em qualquer outro dialeto da Itália Central. O caráter da população romana, múltiplo pela linguagem, as tradições e as raízes, explica as instituições duplas que nela se desenvolvem, uma ao lado da outra.”³⁶

Para dominar o movimento de tão heterogêneo e vasto império, os romanos necessitaram de grandes exércitos, de ingentes recursos e de contínuas guerras, umas de conquista e outras de dominação. Eis por que a arte da guerra foi sua arte predileta.

Os romanos cultivaram as letras, as artes plásticas e a eloquência, seguindo o exemplo e os ensinamentos dos gregos.

A consciência cívica do cidadão se elevou com o advento da República e o Direito Romano foi um progresso para aqueles tempos.

A escravatura teve, sob o Império Romano, seus mercados e comerciantes, mas também seus inimigos decididos. A figura de Espártaco é o símbolo da emancipação dos escravos.

À medida que se avança no processo da História, nota-se a mudança que se vai operando na consciência dos homens até o ideal de justiça.

Diante dos protestos dos patrícios e dos ricos usurários, devido à lei que proibia reduzir os pobres à escravidão por dívidas, Sêrvio Túlio respondia: “A natureza criou livres os homens; a lei deve corrigir o erro da sorte que lhes tirou a liberdade”.

Sob o Império Romano, em plena corrupção e feroz despotismo, aparece o Cristianismo com sua doutrina de amor e de justiça que frutificaria mais tarde, não nas igrejas, mas na consciência dos homens.

O Estoicismo tomou grande impulso entre os romanos e contribuiu para suavizar os costumes e as leis. Sêneca, o filósofo estóico, teve o valor de dizer que “todos os homens, inclusive os escravos, estão compostos dos mesmos elementos, com os mesmos sentidos e a mesma razão, saídos do mesmo princípio supremo, semelhantes entre si e originariamente iguais”.

Tudo que uma potência ganha em extensão, perde em força; e Roma não pôde escapar desta lei: à medida que avançava em conquistas e crescia em ambições, ia diminuindo em virtude e em poder. Perdeu o equilíbrio de suas forças, gastou-se em guerras e em revoltas internas, sangrou suas províncias e corrompeu os seus costumes e instituições; às intrigas e ódios dos patrícios e plebeus sucedeu a fraqueza de seus príncipes, o relaxamento de seus chefes e imperadores e Roma sucumbiu ao empurrão dos *bárbaros*, para dar começo a um novo ciclo da evolução humana.

Uma nova era começa na História com o desaparecimento do velho Império Romano e a introdução de novos elementos étnicos, assim como pela influência da nova religião que acabou por ser aceita pelos germanos a exemplo de Constantino I.

A civilização desenvolvida no Mediterrâneo e contornos estendeu os horizontes de seu mundo a outros países, onde outras raças e civilizações se movimentavam ao impulso de análogas necessidades e aspirações.

Assim, de ciclo em ciclo, em seu movimento dínamo-genético, a humanidade avança na história e se estende em todas as direções, desenvolvendo diferentes atividades e transformando-se incessantemente.

A ciência faz progressos consideráveis e se debate contra o obscurantismo das religiões, enquanto estas guerreiam entre si pelo domínio espiritual e temporal do mundo. Copérnico ensina a redondeza da Terra; Galileu, embora pondo sua vida sob perigo, prova-a à luz da ciência; Colombo confirma-a com o descobrimento da América e Magalhães, seguindo as pegadas e inspirações de Colombo, dá a confirmação final.

Marco Pólo penetra na Mongólia e na China, estuda suas leis e seus costumes e revela ao mundo as fantásticas riquezas e a profunda sabedoria do Oriente. Vasco da Gama cruza o Cabo da Boa Esperança e chega à Índia, deixando aberta uma nova via à navegação e ao comércio.

O mundo se alarga; os oceanos abrem-se à intrepidez dos navegantes; o comércio e a indústria aumentam consideravelmente. Novas cidades, novos centros manufatureiros, novas colônias e mercados, novos contatos

e misturas raciais, novos focos de civilização e de cultura, novas conquistas e lutas e enfim, novos e mais dilatados campos de ação aparecem no cenário do mundo.

Na Idade Moderna se elevam, com o Renascimento, os avanços das civilizações passadas: é o ressurgimento das ciências, artes e letras, elevadas a um maior esplendor e brilho, que deu ao mundo grandes homens de ciência, célebres músicos e pintores, poetas excelsos e, enfim, literatos e navegantes não menos célebres. Jamais qualquer época até então assistiu a tão magnífico despertar do espírito humano.

Depois da sombria Idade Média, aparecem as luzes desta nova civilização, apoiada nos grandes descobrimentos geográficos e astronômicos e no despertar da consciência religiosa, adormecida pelos erros e a prepotência de uma religião ensoberbecida por conquistas realizadas a sangue e fogo (não obstante ter triunfado pelo Evangelho) antes e depois das Cruzadas. Foi esta a idade que viu prostrar-se o velho Galileu aos pés de frades ignorantes e inquisidores para retratar-se da verdade que sustentava; a que enviou à fogueira Giordano Bruno por sustentar princípios de justiça e de verdade: foi a idade da Reforma e da conquista da liberdade religiosa.

Na Idade Moderna desperta o sentimento da unidade humana. O humanismo se aplica, então, a todo o humano, isto é, a tudo que enobrece e eleva o homem: condensa tudo de mais nobre e belo que há na civilização greco-romana.

A imprensa tipográfica multiplica o pensamento como “o milagre dos pães e dos peixes” e as luzes do pensamento se espargem pelo mundo e penetram nas classes “inferiores”.

Seguem a esse progresso o invento da máquina a vapor; Papin e Watt iniciam a nova era da mecânica industrial; com Stephenson, a locomotiva vence os velhos meios de locomoção e de transporte; com Fulton, o navio a vapor cruza, rápido, os mares e facilita com vantagem o intercâmbio e a correspondência dos povos e nações.

A técnica e a indústria se aperfeiçoam e mudam os meios e sistemas da produção e modificam, no tempo, as relações econômicas e sociais.

A Astronomia faz progressos notáveis: o antigo sistema de Ptolomeu é modificado por descobrimentos geniais de Copérnico, Kepler, Newton e Laplace e com eles mudam, fundamentalmente, as concepções do mundo, deixando para trás teorias e doutrinas atrasadas.

O Século 17/18 assinala um novo ciclo no processo da História. A face política e etnográfica do mundo muda notavelmente. Os progressos materiais e espirituais dos séculos passados somam-se a este e a humanidade que sofre e pensa já não pode conter-se nos velhos moldes da Idade Média e séculos subseqüentes.

Novos estados somam-se aos existentes e uns lutam contra outros pelo domínio das colônias, expostas à avidez de aventureiros e de reis insaciáveis; as guerras sucedem-se no afã de riquezas e de predomínio.

Apesar dos progressos alcançados, as classes pobres não haviam conseguido melhoras apreciáveis em sua liberdade e condições de vida: à escravidão, não de todo extinta, havia sucedido a mais abjeta servidão; o antigo amo foi substituído pelo senhor feudal. Uma classe intermediária, a burguesia, já desenvolvida em virtude dos progressos da técnica e da indústria, ergue-se contra os direitos feudais, ajudada pelos camponeses e proletários.

Os grandes filósofos e pensadores franceses do Século 16, Voltaire, Rousseau, Diderot, D'Alembert, etc., exaltaram os ânimos dos povos, pondo de manifesto a corrupção da nobreza e do clero. A Revolução de 1789 derrubou o velho regime feudal e proclamou os direitos do homem. Foi o triunfo da igualdade política, erroneamente interpretada, sobre a base da desigualdade econômica.

O antagonismo entre a burguesia e o feudalismo não explicava tudo: existia outro mais profundo e universal, que dividia a humanidade em duas classes economicamente opostas, a possuidora e a dos pobres, os ricos e os produtores, cujos primeiros conflitos assinalamos na Grécia e mais tarde em Roma.

Nesta ligeira exposição de fatos históricos seguimos o desenvolvimento humano através das idades, de século em século, e vimos as mudanças que se haviam operado em todas as ordens da vida; pudemos apreciar que, assim como o homem, considerado como espécie, tem antecedentes biológicos e se encadeia na vida animal, seguindo a série retrospectiva de seus antepassados, a sociedade atual possui antecedentes históricos aos quais está ligada por diferentes formas de sociedade, até perder-se nos grupos mais distantes da pré-história; que, em virtude do determinismo da história, os fenômenos se ligam uns aos outros, em perpétuo movimento, sem descontinuidade, indo sempre do mais simples ao mais complexo, do

particular ao geral, do individual ao coletivo, em uma progressão relativa ao grau de progresso anterior, não obstante os estancamentos parciais e os aparentes retrocessos.

Isto prova, de pronto, que a evolução humana não vai em decadência e que, como diz Oliver Lodge, “o homem está dando os primeiros passos no caminho que há de seguir de ora em diante”.

Temos observado também que os povos da antigüidade, longe de permanecer independentes e sem relação de continuidade nem influências recíprocas, viveram relacionados entre si em constantes lutas, subjugando-se uns aos outros, fazendo pagar tributos, unindo-se ou escravizando-se, escalando as raças ou famílias, mudando os produtos do solo e da indústria, estabelecendo colônias, que passavam de umas para outras mãos, destruindo e construindo cidades e impérios, introduzindo costumes novos, modificando ou assimilando crenças, copiando ou imitando o alheio, aprendendo uns de outros suas ciências, artes, indústrias e sistemas filosóficos e elevando-se em busca de maior perfeição. Este mesmo ou análogo processo vem-se verificando no curso da História, até nossos dias, ainda que com maior complicação e alargamento, à medida que as relações humanas se ampliam e se tornam mais complexas.

Vemos, pois, que na História como no universo, tudo se move e se transforma em constante renovação, que nada é permanente e igual a si mesmo em dois momentos históricos distintos, que tudo chega a ser, mudando perpetuamente de lugar e de tempo, de quantidade e qualidade, que a História não se repete nem se detém, nem há nela dois fatos idênticos que possam ser transplantados a diferentes meios e épocas, com idênticos resultados; vemos, enfim, que tudo se modifica sem cessar, nos indivíduos e nos povos, no material e no espiritual, elevando-se de umas formas a outras mais perfeitas, de um progresso a outro maior, que resume os progressos anteriores.

Em nosso conceito dínamo-genético da História, vemos o homem em constante atividade, jamais satisfeito com seu estado, suas conquistas nem com os progressos alcançados, sem ocupar lugar definitivo, lutando sempre, acionando contra as condições desfavoráveis do meio, buscando novas e mais cômodas adaptações, aperfeiçoando as indústrias, as artes e as ciências, penetrando o desconhecido, esquadrinhando as causas dos fenômenos que o rodeiam, inquirindo a razão das coisas, inventando,

descobrimo, aprofundando os problemas mais abstratos, avançando, enfim, em todos os sentidos, impulsionado por necessidades materiais e pelas inquietações do espírito: isto é, transformando-se sem cessar e elevando-se em asas do progresso sem limites.

Mas esse movimento progressivo não se realiza mecanicamente e apenas em virtude dos fatores materiais. A sociedade não é um mecanismo, senão um dínamo-psiquismo que põe em movimento os elementos da vida material e para o qual cada indivíduo contribui com suas idéias, sentimentos e ações; há um caudal de progresso material e espiritual que se vai somando ao progresso adquirido. O homem não é um veículo que a necessidade empurra sempre “por trás” e “ao acaso”, como sustentam os mestres do materialismo histórico (Engels); leva em si mesmo a força motriz e diretora de suas decisões, capaz de dominar as forças materiais da história, de reagir contra o meio, contra a estrutura econômica, e traçar novos rumos à sociedade.

O Espiritismo dialético, em seu conceito dínamo-genético, considera os fenômenos históricos em seu movimento causal, encadeando-se uns nos outros segundo suas ordens e estas ordens entre si. Mas, por razões de ordem científica e filosófica, evidenciadas nos fenômenos biológicos e psíquicos, rechaça a causalidade cega que impulsiona a evolução histórica ao acaso.

“A idéia da evolução – diz Lodge – implica necessariamente a de tempo, a do progresso e até certo ponto a do esforço. Nada há estático na evolução... a evolução implica a idéia de avanço segundo um desejo, um plano preconcebido, que não nos parece completamente claro na execução e que, por força, há de encontrar em seu caminho os obstáculos naturais e os fracassos temporais.”³⁷

Se há progresso no desenvolvimento da humanidade, este deve, necessariamente, obedecer a uma lei, em virtude da qual os fenômenos históricos se encaminham até um fim cada vez mais elevado e este fim, indefinido, reclama também, necessariamente, uma direção. E se não existe progresso, coisa que nem o materialismo histórico pode negar, ainda que o pretenda, nem finalidade, nem, por conseguinte, direção, o mecanismo (e também o fatalismo) histórico se impõe. Mas o progresso é evidente, e a sociedade não é um mecanismo, nem os homens são simples engrenagens que se movem apenas sob o impulso de forças exteriores.

Não há, é verdade, na sociedade humana, uma finalidade de conjunto, nem poderá haver enquanto os interesses e as aspirações não sejam comuns; e, embora esta afirmação pareça um tanto paradoxal, a direção da sociedade não depende da sociedade, mas dos indivíduos e coletividades cujas ideologias revolucionárias vão na vanguarda do progresso moral e social e acabam por se impor à consciência dos povos. São as tendências particulares que, ao separar-se das tendências gerais e, portanto, conservadoras, traçam a direção à sociedade. E quando essas tendências se generalizam e triunfam nos fatos, fazendo-se por sua vez conservadoras, outras, intérpretes de novas necessidades e com uma visão mais avançada do progresso, nascem e impõem nova direção, e assim, de ciclo em ciclo, a humanidade eleva-se para formas cada vez mais perfeitas.

A lei de evolução, em todas as ordens da vida e da sociedade, consiste em ir do simples ao composto, do particular ao geral, do indivíduo ao social e não o inverso.

Na humanidade houve relações, enlacs, influências e determinismo, mas não houve coordenação de propósitos para um fim social comum, conscientemente deliberado. A visão desse fim é individual e, por afinidade ideológica, coletiva, e se deve aos indivíduos moral e intelectualmente mais capacitados, cuja acuidade leva-os além dos horizontes alcançados pela maioria.

A humanidade não evolui senão pela lei dos opostos: todo esforço necessita de uma resistência, que é o limite contrário e necessário da ação e do progresso. Quando duas civilizações ou regimes sociais chocam-se entre si e triunfa um deles, este se apropria do outro e ambos se misturam e interpenetram e o resultado é outra civilização ou outro regime, diferente dos dois, que assinala um novo ciclo na história. Assim, por exemplo, nossa sociedade está constituída por duas classes antagônicas, que polarizam as classes intermediárias, na medida em que se intensifica a crise do sistema: capitalistas e proletários lutam, os primeiros por conservar seus privilégios a expensas dos segundos; estes por emanciparem-se dos primeiros. Como a lei de evolução é a lei do progresso e como o capitalismo, em virtude de seu grande desenvolvimento – que já chega ao máximo – vai acumulando os elementos materiais e morais de sua própria destruição, triunfará inevitavelmente o proletariado.

Mas esse triunfo não consistirá na sobrevivência e predomínio de uma classe sobre a outra, e sim no desaparecimento das classes, porque ao desaparecer o capitalismo, desaparece também o proletariado, e o regime resultante, o socialismo, não é um regime proletário, mas uma sociedade de produtores e de homens política e economicamente iguais.

Aqui acontece como quando se misturam duas cores, o preto e o branco, por exemplo: o resultado não é um nem outro, mas a cor cinza, que os funde.

Cada um dos ciclos em que se encadeia o processo da História resume os esforços e progressos dos ciclos anteriores e agrega, ao caudal dos séculos, seus próprios esforços e progressos.

O processo histórico de cada civilização, o ciclo evolutivo, apresenta certa analogia de crescimento e decadência, mas não pode ser equiparável ou tomado como exemplo, nem sequer em seus detalhes ou fatos particulares para aplicá-lo aos diversos regimes de sociedade ou diferentes civilizações, porque se trata de épocas e estados de desenvolvimento diferentes.

Estabeleçamos um exemplo entre o processo histórico da humanidade e o que segue a trajetória de uma espiral dilatando cada vez mais o raio de suas curvas e veremos que nenhuma delas, em sua totalidade nem em parte, é exatamente igual e que, assim, não podem ser transportadas umas ao lugar de outras sem alterar a ordem da evolução. E o mesmo acontece com os ciclos da evolução humana: estes diferem uns dos outros, em virtude de seu movimento dínamo-genético, da característica de cada época e do avanço que uns vão somando aos outros, conforme a lei de progresso. O ciclo evolutivo, sob o regime feudal, difere fundamentalmente dos diferentes regimes anteriores, como do regime atual. Aplicar à sociedade socialista o mesmo critério que ao sistema capitalista, ou buscar exemplos neste para aplicá-los naquela, é o cúmulo da cegueira, própria dos espíritos atrasados.

Se é certo que o socialismo nasce e se desenvolve no seio do capitalismo, como uma consequência necessária de seu sistema de produção e distribuição da riqueza social, com ele não guarda qualquer semelhança. Mesmo herdando o fruto de seus esforços e a enorme riqueza acumulada no curso de muitos séculos, com o apoio de outras civilizações, sua organização econômica e política, sua justiça e sua moral igualitárias diferem fundamentalmente das do regime capitalista.

Desenvolvemos até aqui o conceito dínamo-genético da História de acordo com o Espiritismo dialético e em concordância com o desenvolvimento dos fatos históricos, demonstrando que nada há de estático nem isolado na evolução humana, que tudo concorre para um fim de progresso e aperfeiçoamento, sem que nenhum fato nem forma de civilização passados possam ser aplicados ao presente e ao porvir, posto que a vida é renovação e transformação perpétuas.

Todavia esta verdade não é acessível aos espíritos superficiais e conservadores, que se aferram às velhas formas do passado, ao quietismo vulgar ou religioso, não obstante fazerem-se passar, em muitos casos, por evolucionistas ou pretender um evolucionismo teórico e acomodatório que está muito longe de ser expressão fiel dos fenômenos biológicos e históricos. À frente da história não vêem-se senão acontecimentos isolados e descontínuos, séries particulares sem encadeamento entre si: cada ciclo da evolução histórica, cada povo, civilização, é, nesse critério, um todo acabado, sem conexão nem união com os demais povos ou civilizações; cada época tem sua história à parte, independente, sem causalidade nem determinismo que a ligue a épocas anteriores e subseqüentes. A evolução se efetua em círculos: uma civilização é uma humanidade descontínua que nasce, se desenvolve, chega ao seu apogeu, decai e fenece na estrutura formada, com seus símbolos e seus costumes, sem se entrosar com outras, mas que podem ser transplantadas a diferentes épocas.

Ainda há quem creia na restauração dos velhos impérios, na volta do Messias ou no regresso ao comunismo primitivo. Frente aos problemas sociais, são conservadores e misoneístas, quando não pragmáticos da pior espécie, posto que buscam, nas formas e acontecimentos passados, aparentes analogias com os fatos ou instituições presentes, com o fim de reprimir todo esforço de renovação, de conter toda tendência revolucionária que anule privilégios e garanta aos povos algum melhoramento econômico e social. Fundando-se neste pragmatismo da História, trazem para comparação fatos passados que, longe de servir de ensino e emulação às novas gerações, para avançar no caminho do progresso, resultam em anacronismos, sem aplicação lógica na época presente e que diferem fundamentalmente das épocas passadas.

A esta espécie de pragmáticos pertencem muitos espiritualistas modernos, que recitam os versículos da Bíblia ou as palavras dos santos

católicos, quando não aludem com fidelidade evangélica às doces parábolas de Jesus, enquanto dão as costas ou anatematizam os que, sem repeti-las, seguem o exemplo de sua vida.

Para estes critérios anquilosados, tomados dos velhos pergaminhos, a História se repete periodicamente, sem sair do círculo vicioso em que eles se encerram. Frequentemente se lhes ouve dizer que a humanidade foi sempre o que é; que a sociedade não pode mudar o sistema; que as coisas não são o que têm que ser; que cada um ocupa o lugar que lhe corresponde na natureza e na sociedade, que, enfim, tudo nela está na mais perfeita ordem, na mais completa harmonia.

Os que assim falam ou escrevem, sábios ou ignorantes, materialistas ou espiritualistas, qualquer que seja sua crença ou escola, expressam um critério vulgar, um conceito falso da vida e da história. Esquecem que nenhuma coisa é absolutamente idêntica a si mesma em dois momentos distintos: que o homem de ontem não é exatamente igual ao de hoje, nem o de hoje será igual ao de amanhã e que o mesmo indivíduo muda constantemente de físico, situação, idéias e até de personalidade e também no curso da evolução espiritual – de personalidades.³⁸ Esquecem, por outra parte, que a harmonia do universo nada tem de estática; que é, pelo contrário, movimento, perfectibilidade, equilíbrio de forças e de formas sucedendo-se umas às outras em atitudes diversas, renovando-se e transformando-se sem cessar.

O universo, na quietude eterna, na inércia, sem atividade, sem impulsos, sem forças dinâmicas e diretrizes, não seria harmônico. A harmonia do céu está no movimento perpétuo dos astros, em suas atrações e repulsões, no encadeamento de seus sistemas, na proporção de suas distâncias, de seus pesos e volumes.

A vida é harmonia porque é movimento, renovação e perfectibilidade.

A harmonia social não existe senão no tempo: está-se realizando.

Não negamos que a história pragmática, equiparando alguns fatos passados com os do presente, possa deduzir ensinamentos para o futuro, mas estes somente têm um valor positivo quando os fatos, que se mostram como exemplo, servem de estímulo ao progresso e de experiência para os casos análogos (já que não são iguais), em que os indivíduos ou os povos se superam a si mesmos, ao meio e às condições deprimentes em que vivem e não quando servem para sua estagnação ou submissão.

A distância que separa o homem atual do homem primitivo é enorme, e foi percorrida graças aos contínuos esforços do mesmo homem.

Muitos crêem – ou pelo menos fazem supor com seu conceito estático da evolução – que a humanidade chegou à madureza; que já não são possíveis novas transformações na estrutura social, novas modificações morfológicas e psíquicas na espécie humana, novas mudanças nas idéias e concepções do mundo, novos horizontes na ciência. Os egoístas e temerosos crêem, como diz Lodge, que “o melhor é resguardar-se nas posições adquiridas e põem-se ao abrigo de muralhas artificiais como em uma concha protetora”.

Ante tal atitude, cômoda e cética, pareceria que o mundo tivesse esgotado suas energias, que o homem já não fosse capaz de discorrer, de avançar, de abrir caminho em meio a correntes reacionárias e conservadoras que escoram o velho edifício social, que defendem a sangue e fogo os interesses criados, os anacronismos de toda classe.

Mas não é assim: o progresso é uma lei ineludível; e essa atitude negativa e atrasada, contra os que ostentam idéias de renovação e de progresso, obedece mais a uma convenção ideológica, a uma situação acomodatória e ao grito de reação dos que se afogam no caos da sociedade que fenece, presos aos privilégios e interesses materiais.

“Em todos os campos de atividade – diz Ingenieros –, o desejo de perfeição impõe deveres de luta e de sacrifício; e o que diz, ensina e faz, desperta a hostilidade dos quietistas. Não enfrentam esse risco os homens moralmente envelhecidos; renunciaram à sua própria personalidade, entrando nas filas, marcando passo, vestindo o uniforme do conformismo. Se são capazes de um esforço, será sempre contra os ideais da nova geração, unindo-se em defesa dos interesses criados e sentido-se respaldados pelo complexo aparelho coercitivo da sociedade.”

Capítulo V

Continuidade biopsíquica; Crítica ao materialismo dialético

Expusemos nos capítulos anteriores as considerações pertinentes ao conceito dínamo-genético da vida e da história, sem entrar em explicações e raciocínios críticos fundamentais e deixando alguns dos pontos enunciados sem elucidar. Agora é o momento de entrarmos nessas considerações, a fim de precisar mais nosso ponto de vista do Espiritismo dialético.

Dizíamos ao tratar da vida que a descontinuidade morfológica não implica em descontinuidade biopsíquica, isto é, o fato da série de determinadas formas biológicas terminar em um ciclo de evolução não significa que a vida psíquica desenvolvida nessas formas desapareça com elas. E o que dissemos a respeito dos gêneros, espécies, etc. é aplicável igualmente aos indivíduos, cuja essência biopsíquica persiste através de todas as mudanças e transformações.

O dínamo-psiquismo, de conformidade com o meio natural e geográfico, trabalha as formas, as condições e dirige o processo de seu desenvolvimento, segundo convém à existência e ao fim de cada ser; constrói e desenvolve os organismos de acordo com as leis que regem cada gênero, espécie, etc. e realiza as adaptações provisórias, selecionando e aperfeiçoando os meios de subsistência. As formas passam, se metamorfoseiam, se restauram ou desaparecem definitivamente, e a vida, que é psiquismo em sua essência, se manifesta por meio delas, sob diversos aspectos e diferentes graus de evolução e de aperfeiçoamento.

Leibnitz sustentava que a *mônada*, o elemento simples imaterial, que constitui a parte essencial de todo ser vivente, está dotada de *apetición*, isto é, de uma tendência, de um esforço para passar de uma *percepção* a outra, de um estado inferior a outro superior, sob a ação do espírito.

Em todo ser vivente (e pelo fato de ser tal) há um elemento substancial psicodinâmico, que permanece essencialmente idêntico, apesar de sofrer modificações e estar sujeito à lei de evolução e de perfectibilidade. Só evolui, modifica-se e progride o que existe essencialmente na identidade de um ser através das formas biológicas, das personalidades e aquisições obtidas.

A evolução não tem o poder de mudar a essencialidade das coisas; supõe, pelo contrário, uma causa essencial, sem a qual não se concebe qualquer desenvolvimento progressivo. O movimento e o tempo por si sós não criam o que não existe. Só evolui aquilo que possui existência potencial ou em desenvolvimento. Não se passa do não-ser ao ser, nem da quantidade à qualidade, senão em virtude de uma existência e uma qualidade análogas anteriores, de uma causalidade substancial que as contém, as desenvolve e as modifica, tendo por base uma mesma lei, um mesmo princípio inalterável.

O *ser*, dialeticamente considerado, é a manifestação da essência, que muda no *não ser* (no que será) mediante o *chegar a ser* ou *devir*; a essência é o que não muda, o invariável, o eterno, o que é imanente nas coisas e nos seres viventes: é o *ser*, o *não ser* e o *chegar a ser*, sempre idêntico a si mesmo, apesar de suas mudanças de forma, de quantidade e qualidade. Daí que o ser (a existência material das coisas) seja manifestação cambiante e passageira da essência, como o é na realidade a matéria.

Apresenta-se aqui, como diz Hegel, o ser imediato das coisas, por assim dizer, como uma faixa sob a qual se oculta a essência. “Ademais – acrescenta –, quando se diz que “todas as coisas têm uma essência”, entende-se que não são verdadeiramente tais como se mostram sob sua forma imediata. E não se tem esta realidade das coisas indo simplesmente de uma qualidade a outra e de uma qualidade à quantidade e reciprocamente, mas descobrindo nelas um elemento permanente: e este elemento é a essência.”³⁹

Este elemento essencial do ponto de vista biológico é o que perdura através de todas as transformações e metamorfoses dos seres e o que as

rege e as encaminha até formas superiores, porque leva em si todas as potencialidades necessárias de seu desenvolvimento e aperfeiçoamento.

A larva difere anatômica e fisiologicamente do inseto perfeitamente desenvolvido, mas o inseto provém da larva e, cada vez que se repete a metamorfose, esta se efetua de maneira idêntica; prova que por meio destas transformações, não só existe um encadeamento de causas e efeitos, um puro fenomenismo, como também uma causa essencial, um dinamismo psíquico, contínuo, que as dirige de acordo com um plano consciente ou inconscientemente idealizado, sem o qual não poderia repetir-se o mesmo fenômeno.

Por meio das mudanças subsiste a lei, como dizia Sócrates, completando a dialética de Heráclito; e por meio dos fenômenos, existe a essência ou a sua causa essencial.

Não se pode conceber qualquer transformação ou mudança morfológica fundamental sem uma causa essencial persistente, sem continuidade biopsíquica, sem um elemento organizador e diretor que leve em si mesmo, potencialmente, as possibilidades de suas futuras metamorfoses.

“Como – pergunta o doutor Geley – o réptil, antepassado da ave, *teria podido adaptar-se a um meio que não era, nem poderia ser o seu, senão depois de passar da forma réptil à forma pássaro?*”

Sem dúvida que tal mudança não pôde efetuar-se em virtude da “necessidade”, porque o réptil não tinha necessidade de voar nem por “acaso”, porque o acaso não pôde fazer o milagre de transformar um réptil em ave, nem muito menos porque a matéria tivesse desejos de criar asas e voar. Este fato reclama uma causa essencial, um poder psicodinâmico que opere de acordo com um fim, uma continuidade biopsíquica que condicione o organismo, ainda que à força de ensaios e tentativas, à nova forma de vida.

“À concepção da evolução dirigida por assimilação dos fatores externos, o testemunho do inseto – diz o citado autor – opõe suas transformações e suas metamorfoses formidáveis, por assim dizer espontâneas, em uma crisálida fechada, retirada, em grande parte, da ação dos fatores externos.”

“À concepção da evolução contínua e ininterrupta por *assimilação funcional*, o testemunho do inseto opõe-se pelas suas transformações e metamorfoses, por suas alterações progressivas ou regressivas durante a vida larval, como a crisálida, sobretudo, com o incrível fenômeno da

histólise, reduzindo a maior parte dos órgãos a uma massa amorfa antes das transformações iminentes.”⁴⁰

O resultado destes fatos (como de outros análogos, produzidos em certas espécies de moluscos e crustáceos) é que tais metamorfoses, necessárias para a morfologia do inseto perfeito, reclamam “um princípio diretor, inalterável e imanente”, isto é, a continuidade biopsíquica, através das formas e qualidades passageiras.

A causa essencial da evolução não está, pois, na influência do meio exterior, nem nas reações da matéria orgânica frente a esta, mas em um dinamismo psíquico biocêntrico independente, superior e diretor da matéria orgânica.

A Biologia moderna, e por extensão a Psicologia e a Filosofia, reivindicam para o espiritualismo científico este princípio essencial da vida, sobre a base dos fenômenos biológicos melhor estudados e compreendidos, princípios que Leibnitz entreviu na concepção da mônada e que Claude Bernard adiantou na “idéia diretriz”.

“Há que reconhecer iniludivelmente – diz Alberine – uma virtude centrífuga no organismo. A vida contém, além das forças conservadoras e estáticas, uma força fluente, finalista, dinâmica.

“A adaptação implica seleção de estímulos. Portanto, o valor há de se medir, não em função dos entes que atuam sobre o organismo, mas de acordo com um processo orgânico teleológico.”

Pauly sustenta que a transformação e, por decorrência, a evolução, deve-se a um *esforço íntimo e volitivo de adaptação*. Enquanto que para Noegeli, além do plasma nutritivo, idêntico para todas as espécies, existe o ideoplasma especificado, no qual se manifesta *uma tendência evolutiva interna com todas as capacidades, todas as potencialidades de transformação e de aperfeiçoamento*.⁴¹

A ideoplastia, considerada em biologia como uma hipótese, evidente e necessária, é um *fato experimental* em Metapsíquica, fato que somente a prevenção de espíritos dogmáticos e atrasados nas ciências pode negar.

Não nos referimos aqui à ideoplastia no sentido da objetivação das formas do pensamento, como são as de objetivos sem vida ou imagens fortemente pensadas; falamos da materialização ou ectoplasmia no sentido espírita.

Com efeito, estes fenômenos ectoplasmáticos têm sido observados milhares de vezes por sábios eminentes, desde sua gênese até seu completo desenvolvimento, nas formas ou seres completos, como também em membros incompletos ou partes do organismo; não se trata de formas fantasmais, mas de membros e de seres que gozam de vida e, neste último caso, de pessoas reais que têm sensibilidade, consciência, vontade e inteligência, que se movem, caminham, pensam, discorrem e têm uma personalidade própria característica, pode-se-lhes pesar e medir, sentir o pulsar e auscultar o coração, fotografá-las e submetê-las aos mais ousados experimentos.

Diante deste fato formidável, desconcertante e incômodo, um de tantos em que se apóia o Espiritismo, não se pode negar, sem negar arbitrariamente o fato mesmo, a existência de um poder ideoplástico, de um princípio psicodinâmico organizador e diretor que, extraindo o ectoplasma do corpo do médium, constitui seu organismo somático. E ainda que este organismo tenha uma existência efêmera, o que não acontece com o ser real, que momentaneamente o anima, o qual, tendo existido no mundo da matéria e desaparecido no mundo etéreo, volta à vida material e se manifesta objetivamente, materializando-se por alguns instantes e logo se desmaterializando, para voltar a materializar-se quantas vezes lhe seja possível e necessário.

Embora a existência material ou encarnação do homem se realize em virtude de um procedimento e de um processo biogenético diferenciados, nem por isso a influência do espírito sobre a matéria orgânica deixa de ser a mesma.

Tomando por analogia uma série de materializações e outra de encarnações do mesmo espírito, vê-se que, em um como em outro caso, existe a continuidade da vida psíquica.

“A grande lei de continuidade – diz o naturalista Alfred Russell Wallace – verifica-se em todos os reinos da natureza e é, segundo a teoria espírita, perfeitamente aplicável ao espírito humano, que progride indefinidamente.”

Os dialéticos do materialismo histórico citam em favor da descontinuidade biopsíquica e contra a perfeição e progresso dos seres, o desaparecimento de certas espécies de vegetais e animais. Para eles, que não admitem outra existência real que a da matéria e suas formas

passageiras, é cômodo afirmar a descontinuidade da vida e do aperfeiçoamento espiritual. Em sua dialética, tudo se move e se transforma em virtude de um suposto determinismo cego, que impulsiona *por trás* e ao *acaso* (segundo Engels) o movimento universal. O mundo, a vida e os seres, marcham sem um objetivo final: a sociedade é como uma nave que tem velas e motor, mas carece do timão e da bússola. Em tal conceito, há processo e evolução, mas não há progresso nem finalidade. Há causalidade fenomenológica, mas não causalidade substancial, determinante e diretriz, isto é, há causas que são fenômenos e que por sua vez produzem fenômenos, sem saber como nem por quê, nem para quê e que logo desaparecem após tê-los produzido, mas não causa essencial e persistente, que produza, selecione, evolua e dirija os fenômenos para um fim de aperfeiçoamento e progresso.

A aspiração teleológica ou telética, isto é, a tendência ou aspiração para um fim de superação material, espiritual e moral, constantemente renovado pelo poder psicodinâmico do espírito, é, segundo Nicolas Bukharin, uma “falácia”.

“Na realidade – diz este teórico do marxismo –, quando se fala de propósitos “inerentes” a alguma coisa, supõe-se simultânea e tacitamente a existência de uma força interna extremamente delicada e inescrutável à qual deve atribuir-se o delineamento da finalidade.”⁴²

Este raciocínio, apesar da tautologia, é muito natural, quase uma trivialidade.

Mas sigamos o citado autor, em sua pregação contra a “falácia” da teleologia imanente:

“... Não obstante – diz –, não é difícil examinar os fatos correspondentes se considerarmos todo o processo evolutivo em conjunto, ou seja, não só as formas e espécies (animais, plantas, povos, porções orgânicas da natureza) que sobreviveram, como também as que foram destruídas. É exato que este tão comentado processo efetuou-se com todas as formas? Não. Mamutes já existiram, agora não existem mais; em nossa memória o búfalo morreu; e, em geral, podemos dizer que uma multidão infinita de espécies vivas de todas as classes desapareceram. Com os grupos humanos ocorre o mesmo. Onde estão os incas e os astecas que viveram na América? Onde está o sistema social assírio-babilônico? Onde, a civilização de Creta? E a antiga Grécia? Onde está a velha Roma, governanta do mundo? Todas estas

sociedades desapareceram, sua existência pertence ao passado. Mas alguns da multidão inumerável sobreviveram e se *aperfeiçoaram*.

“O progresso, portanto, significa que, por assim dizer, contra dez mil combinações desfavoráveis para o desenvolvimento, temos uma ou duas favoráveis” (...) “Mas nossos amigos, os teleologistas imanentes, não olham o reverso da medalha: não consideram os inúmeros exemplos de destruição.” (obra citada).

Seguindo o raciocínio materialista de Bukharin, podemos acrescentar que apenas as formas vegetais, animais e da sociedade humana que ele cita, são argumentos para negar o progresso e a finalidade, se considerarmos que, além dos sobreviventes que ele illogicamente reserva para a “perfeição”, todas as espécies viventes hoje e as que virão, além das sociedades presentes e futuras, desaparecerão um dia com ou sem o planeta em que habitam.

Do ponto de vista materialista, claro está, não pode haver perfeição indefinida, progresso nem finalidade. Tudo é acidental na vida (ainda que Bukharin negue o acidente), tudo é passageiro na evolução. E assim sendo, perguntamos: onde está esse poder superior do homem que, segundo o marxismo, chegará a domar a natureza e a dominar as forças da história?

Quando pensamos que se inventou uma dialética “superior” para ensinar-nos que a matéria cega, à força de dar voltas e indo ao “acaso” tirou inteligência de sua cegueira, consciência de sua inconsciência absoluta, vontade de sua inércia e que, tendo existido de toda sua eternidade passada, sem pensamento, sem sentimento e sem idéias, um dia se organiza sem saber como nem por quê, nem para quê, e se faz pensadora, idealista, materialista, espiritualista, deísta e atéia, socialista e burguesa, filósofa e forma hipóteses para explicar-se a si mesma, para saber se existe e por quê existe, se estuda, se afirma e se nega, se analisa e conclui afirmando com o materialismo histórico que o que há de mais excelso, de maior, mais perfeito e mais belo – o espírito humano com suas potencialidades, com sua finalidade, seu progresso indefinido e sua aspiração de perfectibilidade –, é uma mentira, uma ilusão, o terrível pesadelo produzido por uma combinação de “reflexos” no cérebro material; que todas as ânsias, inquietações espirituais, o desejo de superação moral e intelectual, os anseios de justiça, de bondade e de beleza, se fundiram um dia e para sempre no não ser, no nada, quando a

Terra tenha chegado ao ocaso de sua existência ou o “acaso” deixe de combinar a vida e a inteligência com elementos químicos e... quiméricos; quando pensamos em tudo isto, nos perguntamos se semelhante doutrina pode ser um incentivo para a vida.

E para isto necessitávamos de uma dialética que abriga a pretensão de ter sido posta com a cabeça para cima em oposição ao idealismo hegeliano?

Proteste-se quanto se queira, mas os que qualificam o materialismo histórico de fatalista, em certo sentido, têm razões de sobra. Em Filosofia é uma verdadeira desgraça ainda que em Sociologia coincida, por “acaso”, com as justas aspirações do proletariado.

Bukharin não tinha necessidade de perguntar o que aconteceu com as espécies e civilizações passadas para negar a finalidade e a continuidade do progresso; bastava-lhe, para suas finalidades materialistas, deixar assentado que todos os seres e instituições desaparecem. Com isto não teria, tampouco, destruído a tese finalista e progressista sustentada pelo Espiritismo.

A continuidade biopsíquica não implica continuidade morfológica, e o progresso humano não supõe a permanência de raças, de povos nem de sistemas ou formas sociais. As formas passam e desaparecem, a vida psíquica permanece essencialmente a mesma; é ela que se aperfeiçoa e progride e dá perfeição e progresso relativo às formas que cria e desenvolve, e quando estas chegam ao máximo de seu desenvolvimento, desaparecem ou se fundem em outras, sob a ação psicodinâmica do ser vivente que as trabalha para a realização de um fim específico ou que transcende o limite da espécie. O fato de que tenham desaparecido o mamute, o búfalo e outras espécies animais ou vegetais não prova que a vida psíquica que animava essas formas se tenha extinguido com elas.

Para o materialista sim, porque para ele a vida de um ser não é mais que um composto químico, um complexo celular, uma coordenação de centros e modos de funcionar do cérebro. A forma específica não é mais que “uma condição de equilíbrio da substância química”, segundo Le Dantec. Mas, como diz Dastre, a idéia de referir a forma – e conseqüentemente a organização – à composição química não nasceu na mente dos químicos nem dos fisiólogos.

“Os fatos provam – diz o dr. Gustave Geley – que as moléculas constitutivas do complexo orgânico não têm especificidade absoluta; que

sua especificidade relativa resulta do molde dinâmico ideal que as condiciona, que converte a substância visceral, muscular, nervosa, etc. e lhe atribui uma situação e uma função definitivas.”

O Espiritismo dialético considera toda forma material em estado de movimento; na evolução tudo é trânsito para atingir formas e qualidades novas, tudo está em perpétuo vir a ser, sem nunca ser coisa perfeita, definitivamente acabada; o que é, transforma-se infinitamente no que será. Mas, diferentemente do materialismo dialético, considera o universo material e todas as formas dos seres objetivos, animados de um dinamismo biopsíquico que não muda em sua essência. O que muda e se transforma são as formas e as qualidades, não a essência íntima das coisas: muda a semente da planta, adquirindo formas e qualidades diferentes, mas o dinamismo psíquico da planta, sua essência vital e suas potencialidades preexistem e perduram através de todas as transformações. A lagarta se transforma em crisálida para chegar a ser mariposa; mas nada poderia demonstrar que esses três aspectos formais da vida não correspondem a um mesmo ser ou o que existe nele de essencial não permaneça através dessas transformações.

Dizer que uma coisa *é e não é* ao mesmo tempo ⁴³ é um contra-senso, um artifício de linguagem, quase um *sofisma*: em primeiro lugar, porque na concepção dialética não há um mesmo tempo para estados diversos e sucessivos; a mudança de uma coisa em outra exige sucessão de tempo e não um instante de tempo. Em segundo lugar, porque o que muda é o que persiste na mudança, isto é, o que *é*, e desde o momento que *é*, não deixou de ser.

Se dizemos que um homem mudou é porque reconhecemos implicitamente que é o mesmo homem, pois do contrário não diríamos tal coisa. Aplicar o raciocínio de Heráclito, de que A é A e não é A *ao mesmo tempo*, é, como dissemos, um sofisma: equivale a sustentar que um homem no mesmo instante são duas pessoas diferentes, algo mais obscuro do que o mistério da trindade.

Os materialistas dialéticos, seguramente, não se referem com este raciocínio a um possível caso de bilocação ou desdobramento da personalidade, que não entra na estreita moldura de sua dialética.

Pode-se dizer de uma árvore, por exemplo, que muda constantemente suas moléculas, modifica-se em sua forma, que apresenta aspectos diferentes, cresce, desenvolve-se, floresce, frutifica, envelhece e pode

alterar algumas de suas qualidades não essenciais, mas isto não significa que seja e não seja ao mesmo tempo a mesma árvore, nem sequer em tempos diferentes, porque nela há algo de típico, de essencial que, apesar das modificações sofridas, mantém-se idêntica a si mesma. É sempre a mesma árvore, genérica, específica e individualmente.

A identidade não se pode achar senão na diferenciação: quando se quer estabelecer identidade, comparam-se dois ou mais aspectos relativamente diferentes de uma coisa essencialmente igual. Se quero estabelecer a minha identidade, através das modificações de minha vida, recorro aos diversos aspectos e circunstâncias que ela me oferece e vejo que, embora sendo o mesmo indivíduo, a personalidade de quando era criança guarda diferença com a idade jovem e ambas diferem daquela que atualmente me caracteriza. Mas me reconheço em todas elas e tenho consciência de que sou o mesmo indivíduo, sempre idêntico a mim mesmo. E essa consciência que tenho de minha individualidade e de minha identidade, tenho-a também a respeito das demais coisas e pessoas fora de mim.

O materialista, que crê não ser mais do que um montão de matéria mal organizada, não pode nem tem o direito de afirmar sua identidade; pois sendo o *eu* o resultado da matéria em movimento e renovando-se esta por completo muitas vezes em sua vida, cada renovação completa é um indivíduo diferente, resultando, ao final, quase uma humanidade em formação. Com esta teoria por norma, fácil é evitar toda responsabilidade e todo compromisso e dar as costas ao senhorio, ao alfaiate, etc., toda vez que vêm cobrar, alegando “dialeticamente” que já não se é a mesma pessoa...

A circulação da matéria no organismo humano (como nos demais seres) é um fato indiscutível, e se conservamos nossa individualidade espiritual, nossa identidade, é porque esta não se acha à mercê de mudança da matéria, do corpo instável que se renova incessantemente no curso de nossa vida.

Toda mudança na vida supõe algo perdurável, que lhe é essencial e que leva em si as potencialidades para futuras transformações e aperfeiçoamentos. As espécies, como os indivíduos, podem desaparecer e deixar nos fósseis apenas vestígios de sua existência, mas a vida psíquica que os animava persiste em outras espécies próximas, em outras

individualidades, sem deixar de ser a mesma vida, o mesmo dinamismo, a mesma essência.

“Da mesma forma que a unidade consciente, a alma, o eu, persiste em meio às modificações incessantes da matéria corporal, assim, em meio às transformações do universo e da incessante renovação de suas partes, subsiste o Ser imutável, que é a alma, a consciência, o *eu* que anima, que lhe comunica o movimento e a vida.”⁴⁴

Mas, como, dirão os materialistas, pode existir alma, espírito, consciência etc. “sem sujeito”, isto é, “sem cérebro”?⁴⁵

Tal é a objeção dos materialistas, para quem o espírito e seus atributos não são mais do que o resultado do funcionamento cerebral.

Nós afirmamos que *sim*, que pode existir espírito, consciência e pensamento sem cérebro e os fatos nos dão razão.

Já citamos numerosos casos de indivíduos que têm vivido e pensado normalmente com o cérebro feito farinha, cortado no bulbo ou convertido em tumor ou em água, fatos que destroem por completo a mitologia das localizações cerebrais (com a qual se pretende negar a unidade espiritual do ser), como também os fenômenos que consultam ao Espiritismo em sua dupla abordagem anímica e espírita, que são mais concludentes e provam que o espírito, a consciência, o pensamento, podem existir e se manifestar sem cérebro, porque não é este que o cria nem o que o produz.

Mas há mais ainda: todo ser que vive, pensa (pensa a seu modo) porque a vida é pensamento em ação, é espírito que anima, poder seletivo e avaliador, é tendência a um fim em concordância com a espécie e com o meio.

A matéria em suas múltiplas e variadas formas vitais não é criação, mas manifestação de vida. A vida psíquica alenta tanto o homem como o infusório.

O vivo tem, segundo Hans Driesch, “base histórica”, vale dizer, memória, capacidade de coordenar sensações e idéias.

Seguindo o raciocínio vulgar de Bukharin, poderíamos dizer com ele que “um bolinho não pensa” e que “uma pedra não persegue qualquer objetivo”, mas isto em nada beneficia o materialismo, já que o raciocínio supõe que para que exista pensamento e tendência finalista é necessário que a matéria esteja animada de vida e psicodinamicamente organizada. Por outra parte, se não houvesse na natureza finalidade de conjunto,

tampouco poderiam conceber-se finalidades particulares absolutamente desvinculadas entre si, porque isto equivaleria a negar unidade à natureza e à vida. A finalidade, tanto nos seres como no universo, implica em contradições e conflitos sem os quais nada poderia existir.

Bukharin, para estabelecer uma linha divisória entre os demais animais e o homem e demonstrar que apenas este é capaz de objetivos (mas objetivos que se neutralizam e anulam nas contradições do conjunto social, segundo o materialismo dialético), cita o seguinte raciocínio de Marx:

“A aranha executa operações semelhantes às do tecedor e a abelha envergonha mais de um arquiteto na edificação de suas celas de cera. Mas o que distingue à primeira vista o pior arquiteto da melhor abelha é que aquele edifica a cela em sua cabeça antes de edificá-la em cera. Ao começar o processo de trabalho já se lhe representa idealmente o resultado. O trabalhador não executa somente uma mudança de forma das matérias naturais: realiza nelas um fim, que ele conhece e ao qual tem que subordinar sua vontade. Esta subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos, requer uma vontade adequada que se manifeste com atenção.”

Cabe perguntar como Marx sabe que a aranha constrói sua teia sem antes idealizá-la e sem saber para quê a faz, de que entomologia tirou que a abelha, ao elaborar a cera com que constrói suas celas, só executa uma mudança de forma das matérias naturais e ignora, diferente do homem, o fim para que as constrói. Que razões de índole científica e filosófica há para negar à aranha e à abelha, em um processo de trabalho mental e material análogo, o que se concede ao homem? Absolutamente nenhuma.

A pretensão do homem de ser exclusivamente capaz de inteligência e de raciocínio foi rejeitada pela ciência. Os animais não atuam sempre automaticamente nem em virtude de um instinto cego: possuem também consciência, inteligência, vontade, reflexão e discernimento, embora, certamente, em grau menor que o homem. Não vamos comparar o trabalho humano com o dos demais animais construtores, aquele incomparavelmente superior, renovado e aperfeiçoado incessantemente; mas o certo é que não há entre o homem e os animais diferença essencial, em sua atividade psíquica nem em sua atividade construtiva. O instinto, o automatismo e o hábito se acham no homem mesclados com a inteligência, a vontade e o discernimento e, ainda que estes se sobreponham àqueles,

não os suprimem em absoluto; o mesmo se dá no animal, coordenado com a sua espécie, suas necessidades, modo de vida e embora inferiormente, a inteligência, a vontade e o raciocínio se acham misturados com o instinto, o automatismo e o hábito.

O poder inventivo é consideravelmente superior no homem, mas não é nulo nos animais.

Ignoramos até que ponto os animais construtores são capazes de inovar e aperfeiçoar suas obras; mas é certo que a abelha não veio ao mundo com a colméia perfeitamente formada e que se o “instinto” pôde muito em sua formação, algo pôde também a vontade, a inteligência e a experiência.

A aranha tampouco nasceu com uma ciência infusa e completa; a natureza providente proveu-a de seu instinto peculiar, mas sua experiência agregou alguma coisa ao instinto.

Não temos observado se a aranha modifica e aperfeiçoa a sua obra; mas tivemos mais de uma vez a curiosidade de saber se é o puro instinto ou hábito o que a guia e para isso cortamos um fio de sua teia em construção e vimos a aranha parar seu trabalho e pôr-se em observação; e em vez de continuar tecendo, dirigir-se à malha cortada, soldá-la e seguir depois em sua obra. Isto demonstra que nela há idéia, inteligência, vontade e exato conhecimento da obra que realiza e do fim para que a realiza.

Movam-se os raminhos de um ninho em construção e se verá como o pássaro o abandona ou o destrói para construí-lo de novo.

É bem conhecida a previsão das formigas, não só em juntar alimentos para o inverno, como em colocar o seu celeiro ao abrigo de possíveis contingências e, às vezes, quando são perseguidas, formam-no entre as raízes das árvores ou sob os muros das casas, para maior segurança. E a abelha sabe também para que constrói suas celas, como o melhor arquiteto constrói uma casa e talvez melhor do que este, que muitas vezes ignora quem a habitará e para quê habitará.

Os que leram *Recuerdos Entomológicos*, de Enrique Fabre, terão visto a manifestação constante do espírito da natureza, os casos de previsão, vale dizer, de finalidade, de cada inseto, de cada molécula viva, como diz Flammarion.

“Recordemos, como exemplo – diz ele –, o *sphet*, inseto himenóptero, que constrói no subsolo várias habitações e põe um ovo em cada uma delas, depois de haver depositado uma vítima, paralisada mas não morta.”

O caso do *sitaris*, citado por Bergson, é mais notável ainda.

“O *sitaris* deposita seus ovos na entrada das galerias subterrâneas que uma espécie de abelha constrói, a *anthophore*. A larva do *sitaris*, depois de uma longa espera, espreita a *anthophore* macho quando sai da galeria, se engata nele e permanece unida até o vôo nupcial. Neste instante aproveita a ocasião para passar do macho à fêmea e espera tranqüilamente que esta ponha seus ovos. Então salta sobre o ovo, que lhe servirá de sustento no mel, devora o ovo em alguns dias e instalada na casca, sofre sua primeira metamorfose.

“Organizada agora para boiar sobre o mel, converte-se em ninfa e mais tarde em inseto perfeito. Tudo ocorre como se a larva do *sitaris*, desde sua eclosão, soubesse que a *anthophore* macho sairá da galeria primeiro; que o vôo nupcial lhe proporcionará o meio de cavalgar sobre a fêmea; que esta o conduzirá a um depósito de mel capaz de alimentá-lo quando se haja transformado e que até esta transformação ela terá devorado pouco a pouco o ovo da *anthophore*, conseguindo ao mesmo tempo alimentar-se, sustentar-se na superfície do mel e exterminar o rival que nasceria do ovo. E tudo ocorre, igualmente, como se o *sitaris* soubesse que sua larva saberá todas essas coisas.”

Não há porque enfatizar aqui exemplos desta índole, quando a natureza inteira os oferece prodigamente em todas as ordens da vida. Até as próprias plantas têm inteligência, poder seletivo e engenhosidade, inventiva e previsão de seu fim específico.

Todo mundo sabe que a semente que cai sob a planta (pelo menos muitas delas) está exposta a perecer absorvida pelo tronco ou abafada pela sombra. Para evitar isso, certas plantas constroem maravilhosos sistemas de disseminação, de propulsão e de condução aérea que arremessam a semente ou a conduzem ao meio propício onde a fertilidade da terra e a luz do Sol permitam o seu desenvolvimento. Exemplo desta engenhosidade e previsão é a sâmara ou *hélice aérea* da arce, a bráctea da tília, as *molas explosivas* do eufórbio ou rícino, a *máquina das peneiras* do cardo e mil outros sistemas engenhosos.

“Quem não tenha praticado um pouco de Botânica – diz Maeterlinck – não pode acreditar no dispêndio de imaginação e de engenho que se faz nesse verdor que regozija nossos olhos. Olhai, por exemplo, a bonita copa de semente da anagalide vermelha, as cinco conchas da balsamina, as cinco

cápsulas com disparador do gerânio, etc. Não deixeis de examinar, se tiverdes ocasião de fazê-lo, a cabeça comum da dormideira que se encontra em todos os herbanários. Há nessa boa cabeça uma prudência e uma previsão digna dos maiores elogios. Sabe-se que encerra milhares de sementes negras sumamente pequenas. Trata-se de disseminar essa semente o mais habilmente e o mais longe possível. Se a cápsula que a contém se fendesse, caísse ou se abrisse por baixo, o precioso pó negro não formaria mais do que um monte inútil ao pé do caule. Mas não pode sair senão por aberturas feitas sobre a casca. Esta, uma vez madura, inclina-se sobre seu pedúnculo, “esparge ao menor sopro de ar e semeia, literalmente, com o gesto mesmo do semeador, a semente no espaço”.

“Falarei das sementes que prevêem sua disseminação pelos pássaros e que, para tentá-los, se encolhem como o agárico, o zimbro, o serval, etc., no fundo de um envoltório açucarado. Há aí tal raciocínio, tal inteligência das causas finais que ninguém se atreve a insistir por temor de renovar os erros simples de Bernardino de Saint-Pierre. Sem dúvida, os fatos não se explicam de outra maneira. O envoltório açucarado é tão desnecessário à semente como o néctar, que atrai as abelhas, o é para a flor. O pássaro come o fruto porque é doce e engole ao mesmo tempo a semente que é indigerível. O pássaro voa e devolve pouco depois tal como a recebeu, a semente desembaraçada de sua vagem e pronta para germinar longe dos perigos do lugar de origem.”

Podemos acrescentar a estas lições da natureza animada, tão magistralmente descrita pelo autor de *A Inteligência das Flores*, outros exemplos não menos instrutivos para a verdade que sustentamos, como por exemplo a flor do *nepenthes*, que abre e fecha suas pétalas alternadamente e oferece ao viajor, nos países quentes de onde é originária, a água que acumula em sua concha; e a dionéia-pega-moscas que, com o mecanismo de suas folhas duplas, unidas por uma articulação coberta de pelos eriçados e untada de mel, agarra os insetos, afoga-os entre suas folhas e volta a abrir-se depois de terminada sua obra.

Se subimos na escala zoológica, vemos que os atributos do espírito se desenvolvem e se elevam gradualmente na medida em que se aproximam do homem, que não é mais do que uma manifestação superior da mesma vida psíquica. Inteligência, razão, discernimento, consciência, vontade, predisposições ou inclinações teléticas, apenas se diferenciam por

gradações nos diferentes reinos, em diferentes formas específicas, em diversas ordens e modalidades de vida.

Sem dúvida, o ser humano, antes de ser o que é, passou por diferentes formas biológicas inferiores. Destas formas diferentes, de graus biológicos inferiores, conserva seus instintos e hábitos: há nele uma herança psicológica ancestral que não provém do sangue de seus antepassados geradores, mas de seus diversos modos de ser específicos, enlaçados uns nos outros através de uma ampla e progressiva evolução. O homem leva em sua natureza anímica, em desenvolvimento, tudo o que virtualmente há na alma dos animais; e estes guardam, potencialmente, ou em um grau inferior de desenvolvimento, o que há de essencial na alma humana.

Em todos os seres há faculdades latentes, e nos mais próximos do homem, disposições, atitudes inteligentes, noções ou uma preformação mental para elas, que se confundem com o que uma ciência incompleta acreditara ser só do domínio humano. Nada há de descontínuo na natureza e, por conseqüência, o homem não difere essencialmente dos demais animais, nem sua inteligência e demais faculdades psíquicas deixam de ter relação de continuidade com as dos seres que lhe estão mais próximos.

Quem não conhece as manifestações de inteligência, estética e de moralidade (de justiça, altruísmo e solidariedade, em muitos casos) citadas por naturalistas da importância de Darwin, Wallace, Brehm, Espinas, Agassiz, Haeckel, etc. e as que diariamente oferece a natureza viva à observação direta?

Os cachorros, cavalos, elefantes, macacos, todos os animais enfim, que estão próximos do homem ou mais familiarizados, dão a prova evidente de que não há qualquer diferença entre eles e nós e se nos damos ao trabalho de penetrar em sua alma e em sua inteligência, podemos encontrar faculdades análogas, atitudes e um destino que se vincula ao nosso próprio destino.

Quem não conhece as experiências de Krall, em Elberfeld, feitas com seus cavalos *Muhamed*, *Zarif* e *Hans*, em que estes inteligentes animais chegaram a conversar com seu dono por meio de um alfabeto convencional, usando golpes que este, com uma paciência e um amor sem iguais, lhes ensinou e que além disso aprenderam a fazer cálculos aritméticos, até a extração de raízes quadradas e cúbicas? ⁴⁶

Quem não conhece as não menos interessantes experiências de Duchâtel com o cachorro escocês *Rolf* que, como no caso anterior, aprendeu a expressar-se por meio do alfabeto e a fazer cálculos aritméticos, respondendo por meio de golpes com uma de suas patas, da mesma forma que a cachorra *Jela*, sua companheira, e de *Lola*, filha do primeiro, ensinada pela senhorita Kindermann, autora do livro *Contribuição ao Estudo do Pensamento e da Linguagem dos Animais*? E quem não conhece o não menos surpreendente caso do cachorro *Zou*, educado em linguagem e em cálculo pela senhora Borderieut, diretora da revista *Psychica*, e com o qual fizeram experiências Flammarion, Quenisset, etc?

Muitos outros casos de inteligência e de reflexão e até de atitudes artísticas e manifestações de ordem moral poderíamos citar com respeito aos animais, tais como o macaco, o elefante, o urso, etc., considerando-os como parentes próximos à vida psíquica que nos anima, demonstrando que esta é essencialmente contínua, ainda que (morfológica e gradualmente) diversa em suas manifestações.

Em todos os seres há um dinamismo psíquico essencial, um poder seletivo e diretor, uma tendência constantemente renovada e um mediador plástico que adapta as formas orgânicas a novas necessidades da vida em seu constante aperfeiçoamento: potências todas do espírito para alcançar formas e qualidades superiores.

Vemos, pois, que a vida psíquica respira em todos os seres e se manifesta de diversos modos e em diferentes graus de desenvolvimento; que a consciência, a inteligência e a vontade, como a reflexão, o discernimento, a imaginação e a tendência finalista (dentro de cada espécie e modalidade de vida), não são patrimônio exclusivo do homem, porque estão na mesma essência do psiquismo (em potência ou em diversos graus de desenvolvimento) no espírito que anima o universo. Vemos que, apesar das contradições necessárias para o movimento dínamo-genético do Universo e da vida, há em tudo uma solidariedade imposta no encadeamento de existências, na dependência dos seres e na concorrência dos esforços que se realizam em virtude de uma previsão que abarca os fins particulares e os une a um fim geral.

Nada há, pois, absolutamente, descontínuo na evolução biopsíquica; apenas a aparência das formas materiais, transitórias, pode fazer supor tal descontinuidade. Só os materialistas, para quem essas formas materiais em

si mesmas e em suas mudanças constituem a única realidade, podem negar a continuidade da vida psíquica, a finalidade e o progresso indefinido. A passagem do ser ao não ser, deste ponto de vista, não é, para eles, chegar a ser, mas deixar de ser, posto que no indivíduo que morre, na espécie que desaparece, na civilização que se destrói e na vida que termina com o planeta, o devir consiste, em última análise, na morte de tudo quanto existe, na ruína de todo o criado e, por conseqüência, no mais acerbo pessimismo. Esforços, atividade, lutas, sacrifícios, inventos, progressos técnicos e industriais, ciência, filosofia, arte, imaginação, consciência, inteligência e vontade, anelos, inquietações espirituais, afetos, esperanças, ideais, tudo enfim o que palpita, alenta, pensa e trabalha, se converte em pó no conceito materialista da vida e da história. Daí que careça de sentido a afirmação de Thalheimer, de que “o socialismo repousa efetivamente sobre as conquistas que no campo da técnica herda do capitalismo, aumentando-o até o infinito”.⁴⁷

Se assim fosse, ter-se-ia que admitir o progresso econômico e social indefinidamente e a eternidade do planeta em que vivemos.

Alguns marxistas, forçados pelos descobrimentos da ciência, tratam de conciliar as concepções da moderna biologia com os velhos conceitos do materialismo. A este respeito escreve Georgi Plekhanov:

“Convém acrescentar que nos meios naturalistas modernos e muito particularmente entre os neolamarckianos observa-se uma rápida difusão da teoria da matéria animada, considerada por alguns como em oposição direta ao materialismo, mas que não representa, na realidade – se for compreendida de maneira justa –, senão a tradução na linguagem naturalista moderna da teoria materialista de Feuerbach, da unidade do ser e do pensar, do objeto e do sujeito.”⁴⁸

Se há conciliações que equivalem à derrota de uma das partes em conflito, esta é uma delas e no caso que nos ocupa, o materialismo, seja o de Feuerbach ou de Büchner, fica eliminado pela reação da parte contrária.

Quando se admite a *matéria animada*, admite-se também, implicitamente, que está animada por alguma coisa, vale dizer, que *obedece* a um princípio psicodinâmico. A simples enunciação do termo matéria animada implica o raciocínio deste princípio anímico e atribui à matéria um papel passivo, de obediência ao princípio que a anima. Admitindo que este princípio é uma propriedade inerente à matéria, há que admitir que cada átomo tem uma

alma de sua exclusiva propriedade, porque quando se afirma que a matéria é animada, ou se denomina simplesmente matéria animada e se considera o princípio anímico inerente a ela, se lhe concede tacitamente todos os atributos da vida psíquica. Logo, quando os átomos ou moléculas formam um corpo, fazem-no em virtude de um acordo mútuo ou obedecem a outras disposições anímicas? E quais são as disposições alheias à vontade de cada átomo? Como todas estas partículas de matéria animada com uma alma particular, que circulam no organismo em uma corrente contínua, se arranjam para formar este organismo mutante e que, por sua vez, tem uma alma constante como elas?

Se Plekhanov, por razões muito lógicas e compreensíveis, encontra-se preso aos velhos moldes do materialismo, a nova teoria que propicia não lhe permitirá, certamente, uma situação filosófica muito cômoda.

Todo sistema animista que se aplique aos seres vivos em particular ou ao universo em geral e que considere com Stahl a alma como princípio de ação dos fenômenos vitais, independentes da matéria ou co-existindo com ela, deixa de ser exclusivamente materialista, porque o materialismo interpretado sem subterfúgios nem ambigüidade exclui todo princípio anímico que não seja resultante de uma combinação físico-química e do funcionamento orgânico: a alma, o espírito, a vida, etc. são compostos químicos e orgânicos complementados com os reflexos exteriores.

Marco Aurélio dizia: “Representa-se o mundo como um só animal composto de uma só matéria e com uma só alma.”⁴⁹

Esta concepção hilosoista do filósofo estóico, tampouco pode servir ao teórico marxista para conciliar os velhos postulados do materialismo dialético com as luzes que a Biologia moderna arremessa em favor do espiritualismo científico, a não ser que um dia a ciência descubra o cérebro material do mundo que, em virtude da sinergia de suas partes, produza uma alma universal como efeito.

Se Plenajov, em vez de recorrer a Feuerbach houvesse consultado Anaxágoras,⁵⁰ possivelmente teria encontrado um refúgio digno à conciliação que propicia e que não só faria progredir o materialismo dialético, pondo-o em sintonia com a teoria da matéria animada, como o faria conceber a possibilidade de um mundo espiritual, ainda que interpretado equivocadamente do ponto de vista materialista, como veremos mais adiante.

Esta grandiosa concepção da matéria, que transcende os seus próprios limites, quando considerada como substância energética, ordenadora, diretriz e intelectiva em seu estado essencial superior, Anaxágoras expõe do seguinte modo:

“A matéria é eterna, infinita e variável em seus elementos. Nada nasce: nada morre em absoluto. O que existe se mistura e se separa; se confunde e ou se distingue. O nascimento é uma composição; a morte, uma decomposição. Entre a matéria bruta e a matéria-força há uma infinidade de gradações intermediárias. Existem estados tão sutis da matéria que para nós resultam incorpóreos ou espirituais: a estes estados chamamos forças. Todos os estados da matéria se interpenetram e coexistem. Há uma força sutilíssima, incorpórea, pensante e ativa, que cria e tudo coordena. Esta força é o *intelecto*.”

“Ela põe ordem quando o caos existe; é causa formadora e não conhece repouso. Para ela não há o impossível, passado nem futuro; há somente presente. Está em nós e por ela somos o que somos, nos movemos e pensamos. É a alma do mundo e se infiltra em todas as almas particulares (ou em todas as formas de almas particulares). Ainda que em todos os seres seja idêntica a si mesma, atua de diferente maneira e com diversa intensidade, segundo o organismo que se tenha forjado.

“Quando os corpos se desagregam, seu intelecto permanece sempre integrado ao intelecto total.”

Esta concepção do universo está perto do Espiritismo que se confunde com a concepção psicodinâmica ou do dinamismo psíquico universal que sustentamos e que tão magistralmente sintetizou Gustave Geley em sua notável obra *Do Inconsciente ao Consciente*. Nenhum espiritista recusaria aceitar esta concepção material-espiritualista de Anaxágoras, claro, substituindo o termo matéria (por impróprio) por substância, posto que a matéria não é, em última análise, senão a forma grosseira da substância energética que enche o cosmo e se manifesta em diferentes graus e modos.

A matéria indestrutível é um postulado da velha Física, que considerava o átomo como substrato da matéria em sua simplicidade e incorruptibilidade.

A matéria não é, aos olhos da ciência e da filosofia modernas, a fonte geradora das forças universais, como postulou o materialismo, mas uma condensação da energia cósmica, uma representação das forças dinâmicas,

que dão a sensação da realidade material, realidade que se desvanece ante o olhar penetrante do químico e do físico modernos.

Durante 100 anos, desde Dalton, acreditou-se na indestrutibilidade do átomo, considerado como substrato da matéria, e o que não foi mais do que uma hipótese, teve a virtude de servir de fundamento a toda a filosofia do século 19 e foi o cavalo de batalha dos velhos campeões do materialismo, não menos que dos monistas e positivistas. Os mesmos espiritualistas, não podendo ultrapassar os limites da ciência experimental, apoiavam seu raciocínio na indestrutibilidade do átomo, buscando fora da matéria a força que a movia e organizava; e esta hipótese da força extrínseca, por mais que tenha sido burlada, partindo da simplicidade do átomo, tinha, de acordo com os postulados da ciência, todo o peso da lógica: pois, não podendo a matéria, isto é, o átomo material, exteriorizar força de si mesmo (porque em tal caso não seria simples, inalterável) tinha-se que supor a força como propulsora externa, emanada de uma substância imaterial interatômica e não uma propriedade da matéria como pretendia a filosofia materialista.

Necessitava-se, para destruir este erro, que a ciência se elevasse na escala das formas materiais até chegar progressivamente ao estado radiante ou quarto estado da matéria, descoberto por William Crookes, e prosseguir a série dos descobrimentos: raios catódicos, raios X, rádio e demais corpos radiativos (que, em última análise, todos são) e chegar com Gustave Le Bon à dissociação do átomo (isto é, à construção da matéria em sua base atômica) considerado desde então como condensação de energia.

Chegados até esta altura dos conhecimentos científicos, a origem dinâmica da matéria já é um fato que não se discute. Faltava, sem dúvida, conhecer de modo positivo a natureza da energia atômica: mas hoje o método de análise de Einstein confirma a teoria elétrica da matéria, sustentada por eminentes químicos e físicos, e demonstra que esta não é mais do que uma das formas ou modos de manifestar-se a energia cósmica. O átomo está constituído totalmente de eletricidade positiva nos prótons que figuram no núcleo, e de negativa nos elétrons que o rodeiam.

Segundo o doutor Isnardi, um de nossos mais destacados físicos, na moderna teoria do átomo não figura a matéria como substrato de qualquer propriedade específica, quer dizer, de nenhuma propriedade material.

“O que denominamos tal – diz – não pode definir-se de forma precisa, nem possuímos, a respeito, uma teoria que a diferencie de outros

elementos, tais como o campo eletromagnético em nossa imagem do mundo físico. Nesta imagem, os únicos substratos são a eletricidade positiva e negativa: mas já algumas teorias ensaiaram reduzi-los a um fenômeno mais geral que os compreendesse.”⁵¹

“A energia estática de uma carga elétrica – diz o eminente físico Oliver Lodge – explica a massa e o aspecto material de um elétron. Uma liberação de energia deve ser provocada pelo desaparecimento ou dissolução de matéria, e com o emprego de uma energia apropriada *é provável que pudesse reconstruir-se a matéria...*” (idem, s/nº).

“Para obter – continua ele – uma representação ou uma imagem física do processo, vemo-nos obrigados a atribuir ao éter do espaço a única existência substancial e fundamental que haja no universo material, e devemos tratar de resolver e explicar todas as coisas com a ajuda desse éter.”⁵²

O conceito da origem etérea da matéria foi intuído por muitos pensadores antes que a ciência o estabelecesse; já em 1900 o físico Larmor o expôs, antecipando-se ao futuro da Física e da Química:

“A matéria está constituída pelo éter e nada mais do que pelo éter.”

O princípio da conservação da matéria, formulado por Lavoisier: *Nada se cria e nada se perde*, teve em Gustave Le Bon seu primeiro contestador, que ao formular sua teoria da dissociação do átomo escreveu na abertura de sua obra *Evolução da Matéria* esta proposição contrária: *Nada se cria e tudo se perde*. Segundo este sábio, a matéria se dissolve no éter *sem retorno*. O universo material, ao dissociarem-se os átomos pela radioatividade dos corpos, acabaria um dia por desaparecer no éter, de onde procede. Era, em verdade, desalentadora esta teoria para a ciência. Mas novos descobrimentos no domínio da Física e da Química vieram valorizar as palavras de Oliver Lodge, que vamos, de propósito, sublinhar:

“... e com o emprego de uma energia apropriada, *é provável que se pudesse reconstruir a matéria.*”

Esta reconstrução do universo material de que falava Lodge em 1925 está se efetuando perenemente: a energia que irradia dos corpos retorna novamente ao átomo material mediante procedimentos naturais que a ciência ainda não pôde penetrar. Mas estes procedimentos não podem ser eventuais nem mecânicos. Neles, como judiciosamente afirma J. W. T.

Masson, existe um segredo que está mais além da Física e que na realidade é metafísico.

Que o átomo esteja constituído de éter, já que em última análise a eletricidade não é senão um de seus diversos movimentos, e que este seja a única realidade substancial e fundamental do universo material, isso não explica, todavia, a desintegração e reintegração e constante rejuvenescimento dos elementos materiais. O éter, diremos, parodiando Moleschott, no que à força se refere, não é um Deus que dá impulso, antes, o recebe das forças que atuam sobre ele; é um meio imaterial cuja rigidez supera a do aço e ao qual se pode imprimir movimentos com uma velocidade de propagação 300 mil vezes superior à de uma bala de canhão; é um agente que se pode fazer vibrar, desviar e medir à vontade, sem que por isto se possa isolar.

“Ignoramos – diz Gustave Le Bon – a natureza das *forças* capazes de condensar uma parte do éter que enche o universo de átomos.”

Há, pois, forças que atuam sobre o éter e essas forças não podem ser senão inteligentes, ou seja, devem atuar sob a direção de agentes espirituais e volitivos que por sua vez obedecem a um Princípio Espiritual superior.

Ainda que se admitindo volição aos elétrons, estes não poderiam desintegrar-se e reconstruir-se perpetuamente, senão de acordo com um plano harmônico e universal. Este incessante processo de criação e renovação exige uma Vontade e Poder criadores, uma Inteligência Suprema, um Intelecto, como diz Anaxágoras, que atue segundo um plano harmônico sobre a energia proteiforme que preenche e move o universo.

A ciência moderna já respondeu a esta exigência filosófica pela boca de seus mais fiéis servidores, dando satisfação às célebres palavras de Zola:

“Se Deus existe, a ciência acabará por descobri-lo.”

e fixou também este alentador princípio sobre o dinamismo espiritualista:

“Tudo se cria, se transforma e rejuvenesce perpetuamente nas diversas formas ou movimentos da substância energética, obedecendo à criação incessante de um Poder criador.”

A esse Poder criador, razão de ser do Universo, Lakhowsky chama *Universão*, que, segundo ele, seria “a promatéria imaterial que criou a matéria...”, “o único que assegura a continuidade interastral, o segredo vivo

do movimento dos astros no vazio absoluto, que, sem ele, seria idêntico ao nada e à morte”.

“O *universão* – diz Lakhowsky – está em toda parte. A cada passo, a cada minuto, encontramos provas de sua presença, que por ser silenciosa não é menos efetiva. O universo material e a vida são fenômenos muito instáveis. Basta uma variação de temperatura para dissociar a matéria, reintegrando os íons e os elétrons ao seio do *universão*, de onde voltam em seguida a ser expulsos pelas ondas cósmicas para formar outras combinações materiais e outros organismos vivos.”⁵³

Aplicando a análise crítica às conclusões de Lakhowsky, e sem desconhecer o elevado interesse que sua teoria de ondas cósmicas tem para o conceito dinâmico e espiritual do Universo, vemos, no entanto, que ela não satisfaz as exigências filosóficas a que os fatos dão lugar. E, com efeito, o autor do *universão* permanece na metade do caminho por prevenção, talvez, contra o velho conceito teológico de Deus: atribui às ondas cósmicas o poder ilimitado de criar a matéria, expulsando do seio do éter os íons e elétrons, para a reconstrução dos átomos e as considera como a razão última da existência do Universo. Mas se os elétrons, mesmo concedendo-lhes a volição, são incapazes por si mesmos de associar-se e formar o equilíbrio atômico que dá existência à matéria em suas múltiplas e variadas formas e de atuar de acordo com um plano único de vida e inteligência, não vemos como as ondas cósmicas, que riscam o éter em todas as direções, têm frequência e longitude diversas, possam acomodar-se a um plano único e universal sem um Princípio criador diretor. A radiação cósmica possivelmente seja a causa formal, o veículo abastecedor de energia radiante que constitui os átomos, mas não a causa eficiente e essencial, nem a razão última do Universo. Ademais, ou melhor dizendo, no começo e no fim de tudo, está a Causa Suprema e a razão de tudo que existe.

O *universão* não é senão um conceito mais ampliado do éter dos físicos, a que Lakhowsky concede os atributos de Deus. O homem, porém, não faz caso: de fato existe uma substância imaterial que dá origem à matéria, que cria esta matéria, a reconstrói e rejuvenesce.

“O Deus do Universo – diz o notável físico Roberto A. Millikan – está trabalhando constantemente. As últimas revelações da ciência indicam que nos espaços interestelares estão se formando átomos mais pesados de

hidrogênio. Este hidrogênio, de algum modo está se enchendo de energia radiante que constantemente escapa das estrelas. Esta hipótese não é atéia, senão bem teísta. Existe algo mais além daquilo que não compreendemos. Em alguma parte do Universo continua ainda um procedimento de formação de elementos pesados, como ouro, platina e rádio e de elementos mais leves. Sabemos, hoje, dentro de pequenos limites de certeza, que todos os elementos se formaram originalmente do hidrogênio. Com o descobrimento da radiação cósmica, temos indicações de que está em marcha ainda o mesmo processo de formação.”

Eis como a hipótese de Deus, a ponto de ser desterrada pelos positivistas da filosofia, por inútil, faz-se necessária à ciência moderna, para a compreensão e explicação do Universo e do processo de sua formação. Sua idéia de um Criador ativo, razão de ser de tudo quanto existe, converteu-se em um postulado da ciência, contra o velho dogma materialista que sustentava a indestrutibilidade da matéria e atribuía a esta o poder de transformar-se a si mesma e de criar a vida e a inteligência, mediante procedimentos químicos e mecânicos. Estamos já no deísmo científico, afirmado pelos mais recentes descobrimentos da Física.

Mais um passo em nossa investigação e nos encontramos no espiritualismo científico, reclamado pelas mesmas ciências físicas e naturais, para a interpretação e melhor compreensão do Universo e de seus agentes *misteriosos*. Adentrando ainda mais na busca de dados científicos, encontraremos a tão menosprezada metafísica identificada com a ciência. E chegaremos, por último, ao metapsiquismo e ao Espiritismo como a expressão mais acabada da espiritualidade do Universo.

Se a fama mundial de que goza merecidamente o professor Millikan, por ter sido o primeiro a isolar e medir a velocidade dos elétrons e descobrir as radiações cósmicas, lhe dá autoridade científica para tirar conclusões das experiências e estudos de sua especialidade, não a tem menos o professor Eddington, da Universidade de Cambridge, por seus trabalhos de astronomia, bem conhecidos do mundo científico e intelectual e sua avançada teoria do espaço e do tempo. Esse ilustre astrônomo e pensador afirma que “se sustentamos que deve haver uma base física para tudo, a ciência moderna pode demonstrar nosso equívoco”; “que os novos princípios da ciência convidam a fazer interpretações espirituais do universo”.

“A vida, o espírito e a consciência – diz por sua parte Oliver Lodge – não pertencem à região material; sejam o que forem em si mesmos, são completamente diferentes da matéria e da energia e, sem obstáculo, valem-se da matéria e a dominam.”

Eis, sintetizados nesta ligeira exposição, os resultados e conclusões a que conduzem os mais recentes descobrimentos da Química e da Física, que coincidem, em um todo, com os da biologia, da psicologia experimental, do metapsiquismo e, em síntese, com os do Espiritismo que, aberto a todos os movimentos revolucionários, tanto na Filosofia como na Sociologia, que tendam ao progresso integral da humanidade, não teme jamais ser desmentido em seus fatos nem em seus princípios, porque a verdade, se assim é e ainda que suscetível de aperfeiçoamentos infinitos, não pode desmentir-se a si mesma. Entre duas teorias opostas, ou uma delas é falsa ou ambas contêm elementos de erro e de verdade: neste último caso, a conciliação é possível e significa um verdadeiro progresso no terreno da ciência e da filosofia.

O materialismo possui, sem disputa, um aspecto da verdade, perfeitamente conhecido dos espíritas, por serem muitos deles homens de ciência, mestres nas diferentes ciências físicas e naturais e terem contribuído tanto ou mais que muitos materialistas para o engrandecimento destas ciências. O Espiritismo possui o outro aspecto da verdade, absolutamente desconhecido e ridiculamente negado pelos materialistas dialéticos.

O Espiritismo não nega a realidade objetiva do mundo material: não é o subjetivismo de Kant, nem o idealismo absoluto de Platão, ou o de Berkeley, nem sequer o idealismo objetivista de Hegel, pois a idéia de Deus não pode objetivar-se senão em uma substância que lhe é peculiar e da qual é a alma, o dinamismo psíquico que a molda, lhe dá forma, vida e inteligência.

O ideoplasma divino, isto é, a realização objetiva do mundo, exige, para ser compreendido, uma substância plasmática que dê forma e conteúdo à idéia. A idéia abstrata, materializando-se no vazio absoluto, no nada, é inconcebível. A matéria é uma realidade, mas não toda a realidade.

O Espiritismo é perfeitamente conciliável com o materialismo-espiritualista de Anaxágoras, em perfeito acordo com os mais recentes descobrimentos e conclusões da ciência, tanto da Química e da Física, como

da Biologia, da Psicologia e da Metapsíquica, pois, tanto um como outro admitem diversos estados de uma substância única, negam a impenetrabilidade absoluta da matéria e sustentam a existência de estados da substância, intermediários entre o espírito e a matéria propriamente dita; afirmações estas que o Espiritismo confirma experimentalmente nos fenômenos de aporte, materialização e desmaterialização e nos de desdobramento da personalidade ou bilocação e também de desencarnação, em que o corpo etéreo ou semimaterial (perispírito) é visto e, em mil casos, fotografado.

“Se, certamente – diz Léon Denis –, os sistemas envelhecem e passam, as fórmulas se gastam; mas a idéia eterna reaparece sob formas sempre novas e mais ricas. O materialismo e o Espiritismo são aspectos transitórios do conhecimento. Nem a matéria nem o espírito são o que acreditavam as escolas do passado, e talvez a matéria, o pensamento e a vida estejam unidos entre si por laços estreitos que começamos a entrever.”⁵⁴

Que dizem os materialistas dialéticos a este respeito? Pensaram na possibilidade de existência do espírito como causa substancial, inteligente e diretriz dos fenômenos e da vida? Sequer consideraram a possível realização de um processo de síntese que concilie o espiritualismo científico com o materialismo científico, com as verdades que cada um deles contenha? Ou reafirmam (como os católicos na infalibilidade de seus dogmas) o exclusivismo da doutrina materialista? Que opinião científica têm do Espiritismo, não como “religião”, que não é, senão como ciência e como filosofia? Acreditam, acaso, que pode ser certo o que tantos homens de ciência, em todas as latitudes do globo e há mais de três quartos de século vêm afirmando no terreno dos fatos? Ou seguem sustentando infantilmente (como alguns pobres de espírito) que estes sábios, por serem “burgueses”, estão interessados em sustentar uma “mentira religiosa” para deter o avanço da revolução proletária? Ou que são sábios íntegros e equilibrados quando aproximam as brasas ao braseiro materialista e não o são quando afirmam fatos que desmentem parte de suas doutrinas?

Para conhecer a opinião *científica* (a mais recente, sem dúvida) dos materialistas dialéticos a respeito do Espiritismo e dos espíritas, basta abrir a obra de Thalheimer, *Introdução ao Materialismo Dialético*, pág. 36 e ler o que transcrevemos:

“Na atualidade observa-se um ressurgimento do Espiritismo, isto é, da crença nos espíritos, que no fundo não se diferencia em nada das crenças das tribos da África do Sul. Junto a estas formas rudimentares existem outras mais refinadas, impossíveis de se distinguir à primeira vista, mas que têm parecida semelhança com o conceito dos homens primitivos, segundo o qual as almas dos mortos possuem uma existência fora do corpo e influência sobre a vida humana. Em épocas como a que vivemos, em que a burguesia européia acha-se colocada frente à ameaça da revolução proletária, a religião é-lhe um meio de tranquilizar seus temores, um apoio no momento em que vê abrir-se o abismo ante seus olhos.”

Quanta pobreza de entendimento! Que estreiteza de vista a destes homens, defensores zelosos de um grande ideal, mas que vêem inimigos por toda parte!

Quando se lêem semelhantes estupidezes, ao lado de outras coisas tão justas e sensatas, vem à mente a história daquele louco, que concordava com tudo, menos com a idéia obcecante de sua loucura. Felizmente não há obsessão nem loucura que sejam eternas e o Espiritismo se imporá como uma medicina mental aos espíritos enfermos de materialismo agudo, assim como se impõe o socialismo e como se têm imposto todas as verdades.

Enquanto afirmamos nossa profunda convicção em um novo ideal de justiça e de espiritualidade, cujos horizontes se estendem para além do limite que o materialismo assinala à vida, e longe de ser um obstáculo ao processo da revolução que há de transformar a sociedade atual em outra mais justa e humana, nos consideramos seus propulsores e anelamos, como objetivo, uma sociedade sem explorados nem exploradores, sem senhores nem escravos, sem oprimidos nem opressores.

O Espiritismo não é uma *religião de selvagens*, é um ideal superior que só conhecem os que o estudaram sem prevenção: longe de ser um atraso para o progresso social, é o estímulo, o atrativo maior do homem, tanto para a emancipação individual como para a emancipação social. Nosso conceito dínamo-genético da vida e da história contribuirá para uma ampla compreensão de sua doutrina.

Capítulo VI

O determinismo histórico e a lei de causalidade espírita

Falar do determinismo histórico é falar do desenvolvimento humano no tempo e no processo lógico da história, das relações sexuais, afetivas, econômicas e sociais; é considerar a humanidade e suas instituições, povos, civilizações, estados, classes e indivíduos encadeando-se uns nos outros e renovando-se sem cessar, movendo-se no processo de seu desenvolvimento, que lhe dá unidade histórica.

As relações humanas são de movimento e união: não há na história qualquer ato que se possa considerar isolado, que não provenha de uma causa e não produza um ou vários efeitos que, por sua vez, são causa de outros fatos e assim sucessivamente.

Os fenômenos históricos, ainda em seu encadeamento causal, dentro de suas respectivas categorias (fenômenos psicológicos, morais, econômicos, políticos, etc.) não podem considerar-se como séries de fatos desvinculados entre si, porque tais séries não existem, a não ser encadeadas em outras de diferente origem e natureza, e todas estas séries de fenômenos análogos ou diferentes confundem-se no determinismo histórico e formam a trama complexa da história humana, da qual apenas se conhecem e se apreciam as causas fenomenológicas que nem sempre são as causas essenciais.

Nem todos os fatos que o homem realiza, como ser físico ou ser intelectual e ainda menos como ser moral, caem no domínio da história e nem todos os fatores que determinam a sua personalidade, seu caráter, suas atitudes e atos, correspondem à história considerada como disciplina particular. Considerada como disciplina geral, tampouco abarca todo o conteúdo espiritual do homem; mantém-se no campo restrito do conceito naturalista, histórico e filosófico. A humanidade progride: dia a dia melhor

se conhece, descobrem-se fatos que dão base a novas ciências, muitas das quais estão intimamente relacionadas com o homem e lançam luz sobre a sua origem e sua natureza, sobre a vida e o Universo.

A história só se ocupa dos fenômenos ou acontecimentos particulares mais destacados, dos fatos típicos, singulares e coletivos ou, melhor dito, da síntese de determinadas séries de fenômenos, não sempre conhecidos em suas causas essenciais. Ocupa-se também do indivíduo, mas não considerado isoladamente (e menos ainda em sua causalidade espírita, que desconhece), senão como ser social, desenvolvendo-se historicamente. Mas, apesar disto, conheça ou não esta causalidade, que vincula o indivíduo, como ser espiritual, a seu passado e o predispõe ao futuro, o determinismo histórico rege a humanidade e nele se encadeiam e influem os indivíduos, segundo seu próprio determinismo.

Falar de causalidade espírita é falar da continuidade do espírito humano, do processo de seu desenvolvimento no curso de existências que se sucedem através do tempo e do espaço, nos quais o espírito está sujeito ao seu próprio determinismo, do qual é causa eficiente e essencial. Das infinitas séries causais individuais que se relacionam entre si, surge a trama moral e espiritual da história (que se circunscreve e transcende os limites do humano), da qual só é dado ao espírita, por extensão ao espiritualista reencarnacionista, apreciar, ainda que hipoteticamente, as conseqüências deduzidas dos fatos concretos, que o profano ou empirista atribui a causas imediatas ou que, por oposição às causas transcendentais, que não entende, chama *reais*.

Como as séries infinitas da causalidade espírita se ligam ao determinismo histórico e neste se comportam?

Esta importante questão não foi até agora, que saibamos, sequer mencionada pelos filósofos e escritores reencarnacionistas, sendo, não obstante, seu esclarecimento de grande interesse para a interpretação espírita da história, dos princípios sociológicos que emanam do Espiritismo e para se saber da influência do determinismo histórico sobre os indivíduos, bem como aquela que estes, em virtude de sua própria causalidade, exercem na marcha e direção dos acontecimentos.

Os que desconhecem o determinismo da história, ainda que sejam grandes psicólogos e moralistas, não estão habilitados de todo para assinalar rumos à humanidade, porque ao ignorar a união dos

acontecimentos e das leis históricas que os regem, ignoram também a direção social que devem traçar ao homem na confusão de interesses e correntes ideológicas encontradas, com vistas a melhores formas e condições de vida.

As leis morais são, é certo, essenciais para alcançar uma finalidade social e atuam no processo lógico das formas econômicas e sociais, impulsionando-as para outras superiores. De pouco vale que saibamos que a justiça é boa, se não sabemos como há de realizar-se, na base de que leis e antecedentes históricos temos de afirmar seu advento, nem em virtude de que processo e procedimentos há de chegar a sua realização.

As ideologias revolucionárias são as forças propulsoras e as diretrizes, mas necessitam condicionar os fatos e estes não se condicionam a caprichos, senão dentro do processo lógico que lhes traçam as leis históricas.

Os que, por outra parte, desconhecem a causalidade espírita, ou lei moral que rege a evolução do espírito, não compreendem todos os fatores que intervêm no processo histórico, nem suspeitam das causas psicológicas transcendentais que em grande parte o determinam, nem a razão moral que move os indivíduos no impulso revolucionário ou conservador.

Vemos, pois, que enquanto uns desconhecem as leis da história, outros ignoram as do espírito: uns negam o valor do determinismo histórico, considerando o espírito humano como um ente estranho, impermeável às suas influências, capaz de a elas resistir *arbitrariamente*; outros, com não menos arbitrariedade, negam o espírito (e com ele sua causalidade moral), ou o subordinam às forças materiais da história. Os primeiros não admitem (e se o fazem é por mera concessão doutrinária) a unidade dos fatos na vida humana: consideram os indivíduos como agentes completamente independentes uns dos outros, se não em suas relações afetivas e circunstanciais, nas históricas e nos interesses e aspirações sociais; afirmam que cada indivíduo está ligado ao seu “karma”, mas o supõem desligado da humanidade; não levam em conta o meio social no qual o espírito se desenvolve; impõem-lhe normas morais quase sempre contraditórias, quando não, contrárias às mesmas leis da evolução; pretendem que o homem se supere apartando-se dos deveres e direitos sociais e dos combates da vida, onde se põe à prova o valor moral e ideológico de cada um; põem os homens *bons* de uma lado e os *maus* de

outro, como se o mal e o bem fossem princípios absolutos e estivessem sempre por cima das circunstâncias e das condições sociais; não levam em conta o clima, nem o temperamento, nem os atavismos, nem o meio ou a educação; não respeitam qualquer condição para exigir que os indivíduos sejam humildes e bons, mas respeitam e defendem o regime social que os faz maus. Se admitem a lei de causalidade espírita, não é para explicar, dentro de uma hipótese científica e racional, o grau de evolução moral e espiritual dos seres humanos, mas para justificar situações econômicas e sociais, favorecendo com suas conclusões pseudofilosóficas todas as situações vantajosas, mesmo as obtidas à base de crimes, vícios e explorações iníquas.

Os segundos, por sua vez, fazem do homem um mero produto fisiológico, mesológico ou econômico (conforme os casos), ou o complexo deste e de outros fatores externos.

O homem está, neste caso, sujeito a um ou a vários determinismos fatalistas: ou é o determinismo fisiológico, ou o determinismo psicológico (psicologia social), ou o determinismo econômico (marxismo), ou o determinismo histórico (conceito materialista da vida e da história), ou é o rançoso fatalismo determinista teológico. Em qualquer destes determinismos, o homem carece de espontaneidade e de autonomia individual (relativa, entenda-se) e não exerce qualquer influência diretriz na marcha dos acontecimentos históricos.

Ao individualismo histórico de Ranke, de Paul de Sant-Victor, de Carlyle e de Emerson, que exaltava o valor do *homem gênio* na direção dos acontecimentos históricos, opõe-se o materialismo histórico, com o valor anônimo das massas movidas apenas pelo impulso do fator econômico.

Para Marx e Engels, a história da humanidade é a história da luta de classes, que repousa na base econômica da sociedade e não na consciência dos indivíduos, como se suprindo a consciência dos indivíduos pudesse existir luta de classes. A humanidade, em tal conceito, não se movimenta essencialmente senão por necessidades materiais (as necessidades de ordem espiritual dependem daquelas, são suas derivadas); não persegue qualquer finalidade; o fator essencial da evolução humana não radica no homem, em nenhum princípio de justiça inerente à sua natureza psíquica, não está na causalidade eficiente e teleológica (no espírito), que leva em si mesma o poder virtual de modificar sua existência e aperfeiçoá-la,

condicionando os meios a seus fins, a suas necessidades materiais e espirituais, ou adaptando-se às condições naturais do meio social já estabelecidas, com a tendência ou predisposição a melhorá-las. No conceito marxista, o fator essencial do determinismo histórico é a economia; o modo de produção material de uma época determina o seu modo de pensar: ciência, filosofia, religião, ideologia, são reflexos da economia, seus epifenômenos, seus derivados.

“O método de produção das coisas materiais da vida – diz Marx – estabelece geralmente o processo social, político e espiritual da vida. Não é a consciência dos homens que determina o seu modo de existência, senão que, pelo contrário, sua consciência (a natureza dela) é determinada por sua existência social.”⁵⁵

“São as necessidades da produção – dizia Lafargue, na polêmica com Jaurès – que conduzem a humanidade e não a idéia de justiça, consciente ou inconscientemente.”⁵⁶

“Se somos comunistas é porque estamos convencidos de que as forças econômicas da produção capitalista *arrastam fatalmente* a sociedade para o comunismo.”⁵⁷

Vemos, pois, que neste determinismo materialista da história, o material determina o espiritual, a sociedade determina o indivíduo, este não é senão o produto da sociedade, assim como neste mesmo conceito, o espírito é um produto da matéria. Bukharin, um dos modernos teóricos do materialismo histórico é, neste caso, mais explícito que Marx: a matéria, diz, é a “mãe do espírito”. No que se refere à paternidade, o marxismo ainda não disse a sua última palavra.

O materialismo histórico, queira-se ou não, é um determinismo fatalista, cuja força motriz da história é o fator econômico: nele, o cego (a matéria), dirige o que vê (o espírito); o acaso supre a consciência e a inteligência, o poder psicodinâmico teleológico das forças revolucionárias individuais e coletivas. E dizemos determinismo fatalista porque, como ressalta Lafargue, as forças econômicas da produção capitalista *arrastam fatalmente* a sociedade ao comunismo; porque, como sustenta Marx, no conflito dos interesses pessoais, as vontades e os propósitos se entrecrocaram e se anulam, e o que resulta é algo que ninguém quis nem desejou. Engels, por sua vez, ao colocar o *acaso* (conceito anticientífico) como a causa essencial e determinante *atrás* e fora do homem e em frente,

suprindo toda causa diretriz, vemos que o processo histórico, obedecendo à necessidade cega, é determinismo fatalista, por oposição ao fatalismo teológico, que é também, por lógica, determinista e que, diga-se de passagem, – ainda que não estejamos com ele – tem a vantagem de saber aonde vai e o que quer...

Nós não estamos com o individualismo nem com o fatalismo histórico, seja este último de Santo Agostinho ou de Marx.

Sem negar ao fator econômico a sua importância como causa motriz do processo histórico, mas sempre respondendo ao grau de consciência dos indivíduos e dos povos e sem negar, por outra parte, o valor histórico de homens geniais que (como Lênin, neste momento de transição) ⁵⁸ traçam novos rumos à humanidade, sustentamos que os indivíduos – os indivíduos moral ou intelectualmente mais evoluídos – são os que no curso da história traçam à humanidade o caminho a seguir, de acordo com sua tendência finalista que, se possui uma base nas necessidades econômicas, tem outra mais essencial no psiquismo humano, nas necessidades espirituais que radicam na consciência e na mente do homem. A humanidade não muda nem progride senão em virtude das idéias e ações individuais (e, por afinidade, coletivas) que tendam, por lei da mesma evolução, a separar-se da idéias e ações gerais.

O processo da história (as mudanças deste processo) está determinado, em última instância, pela ação conjunta de indivíduos afins sob a direção dos mais capacitados, que são os que traçam os novos rumos à sociedade, e não a sociedade que dirige os indivíduos, ainda que desta, de sua estrutura econômica e social, tomem a base da direção.

O elemento individual e, portanto, psíquico-moral, desempenha um papel preponderante na marcha da sociedade.

Se no processo da sociedade capitalista – que já toca em seu fim, não interviessem, decisivamente, forças morais e espirituais, continuaria, como judiciosamente diz o doutor Emílio Troise, polarizando-se a riqueza por uma parte e a pobreza por outra e a nova sociedade socialista não aconteceria.

Marx e Engels, estudando o processo da economia capitalista, estabeleceram, desde 1845,⁵⁹ o fim deste regime quando a socialização dos meios de produção alcançasse um determinado grau de desenvolvimento que impedisse o avanço das forças produtivas.

A genial previsão de Marx se cumpre, mas não por essencialidade ou virtude ilimitada do fator econômico, que necessita, por sua vez, ser explicado pelo fator homem (vale dizer, pelo fator psíquico-moral) que é o que cria a economia e condiciona-a às necessidades individuais e sociais, segundo o modo de ser moral dos homens. O desenvolvimento dos meios de produção (e a produção) é questão de economia; mas as condições de trabalho e a distribuição da riqueza social são questões de moral, e quando o trabalho e a distribuição de riqueza devem ser relativamente igualitários, ou seja, eqüitativos, é questão de maior consciência e de maior compreensão da justiça e não de mero determinismo econômico.

Se pode afirmar-se que o modo de ser moral dos homens depende da economia, com melhor fundamento científico se dirá que a economia (o seu modo de ser, no que se refere à condição humana de trabalho e à distribuição da riqueza) depende do modo de ser moral dos homens.

Segue-se que se há um determinismo histórico, este não está absolutamente sujeito ao fator econômico, posto que no processo da história intervêm fatores de natureza distinta e, essencialmente, o fator homem, sem o qual não há economia social.

“Se bem que – como diz E. Bernstein – no presente se encontram os germens da regra que se desenvolverá no futuro, ela não pode ser determinada de forma precisa e ainda quando isso fosse possível, serviria para predizer a tendência do desenvolvimento, mas nunca o desenvolvimento mesmo”. E isto, ao lado de outros fatores imprevistos (ou desconhecidos), deve-se a que na marcha da história há forças psíquicas e morais que, ainda dentro da mesma trajetória do movimento, podem traçar-lhe diferentes direções. Eis a razão pela qual os homens que perseguem ideais de emancipação econômica e social devam confiar mais nas forças espirituais, em seu valor moral e em suas idéias, do que no cego determinismo econômico, por si mesmo necessitado de direção e finalidade.

“O que move o homem são as forças de seu espírito”, mas estas forças não são de todo alheias à sua vontade.

As forças do espírito – não bem conhecidas e mesmo assim negadas pelos partidários do materialismo histórico –, são as defendidas pelo espiritualismo científico e as que, neste caso, tratamos de explicar no que

chamamos de causalidade espírita ou lei de causa e efeito, que se manifesta no homem, consciente ou inconscientemente.

A sociedade humana (como o Universo) não é um mecanismo determinado pela suposta essencialidade do fator econômico; é um dinamismo no qual forças espirituais têm um papel principal e causalidade própria, descoberta na subconsciência de cada indivíduo e em fatos que escapam, muitos, ao domínio da História, que a ciência hoje começa a investigar por meio do fenomenismo espírita e que Marx e Engels não podiam conhecer em seu século no qual o materialismo estava em seu começo, em luta com o teologismo e com a filosofia hegeliana. Sem ser, porém, idealistas absolutos, sustentamos com Hegel que a história progride para o melhor, animada por um espírito sempre renovado em suas infinitas formas de pensamento ou de personalidades, capaz de conciliar no tempo e por meio de seus conflitos as contradições e antinomias, na síntese dos opostos.

As qualidades e categorias das coisas, sua função e suas relações causais é o que as ciências empíricas e experimentais conhecem; não lhes é possível transcender esse limite da realidade. A história, do ponto de vista objetivo, não pode descobrir mais do que fatos, causas fenomenológicas e relações causais, mas a lei geral e complexa, como sua causalidade essencial, se lhe escapa. Acima das ciências empíricas e experimentais, ou fundamentando-se nelas, está a ciência indutiva e por sua vez dedutiva, a ciência do espírito, que descobre por trás do fenômeno o ser ou essência verdadeiros.

O mundo fenomenal não se explica por si mesmo, mas em virtude de leis e de princípios essenciais.

Para ter-se conhecimento cabal das coisas em particular e do Universo em geral, há que se remontar do fenômeno ao númeno ou princípio substancial, do visível ao invisível, da forma à idéia, da matéria ao espírito, acrescentando a lei que os rege, a unidade e a forma, ao verdadeiro conceito gnosiológico, tanto na História como no universo.

O conhecimento do todo sem o das partes ou o das partes sem o do todo não constitui o verdadeiro e cabal conhecimento: a síntese reclama uma análise prévia e a análise supõe a síntese. Os que pretendem conhecer a sociedade sem conhecer o indivíduo estão em condições análogas àqueles que pretendem conhecer o indivíduo sem conhecer a sociedade.

Do ponto de vista da dialética espírita, o conceito dínamo-genético da história apresenta dois diferentes aspectos: se, por uma parte, vemos o processo da evolução humana sucedendo-se em seu determinismo, encadeando-se, transformando-se e desenvolvendo-se progressivamente, por outra, vemos que os indivíduos vêm e se vão, sucedem-se uns aos outros, que as gerações desaparecem e outras ocupam o seu lugar. A sociedade humana não é mais, deste ponto de vista, que multiplicidade de existências individuais que se enlaçam simultânea e sucessivamente umas nas outras em uma corrente contínua de seres que aparecem e desaparecem, trabalham, movimentam-se, estudam, inventam, pensam, desvelam-se, amam, odeiam, esperam, contradizem-se e lutam entre si, aperfeiçoam-se e progridem, movidos e estimulados uns pelos outros, por suas próprias inclinações e pela mesma vida que os força a ir adiante.

Cabe aqui perguntar de onde vêm e aonde vão os seres que aparecem e se desenvolvem na Terra. O materialismo responde que vêm do pó e ao pó voltam. O Espiritismo já respondeu cientificamente, sobre a base dos fenômenos metapsíquicos, a esta interrogação e, embora seja instrutivo, não é aqui o lugar de explicações sobre o valor comprobatório destes fenômenos. Mas podemos afirmar, fundamentando-nos no já exposto, que o homem não apenas é um produto fisiológico desenvolvido em determinado meio geográfico ou social; que, se seu corpo tem origem na fusão dos elementos paternos, assim não é seu espírito que o anima e lhe dá personalidade.

Para o conceito espírita da vida, a alma transcende o limite da existência terrena: preexiste ao nascimento do corpo e subsiste à sua destruição. A evolução do espírito não se limita ao período de tempo compreendido entre a vida e a morte, mas se desenvolve em existências sucessivas e em diferentes personalidades, através do tempo e do espaço. Eis por que cada espírito humano, no conceito reencarnacionista, possui seu próprio determinismo, sua causalidade psíquica e moral e seu processo evolutivo que termina, por assim dizer, em cada existência, para começar outra nova; e todos esses processos individuais se unem uns aos outros e renovam-se sem cessar, seguindo ao mesmo tempo o determinismo da história.

Assim, nesta incessante renovação da humanidade e de seus valores morais e espirituais, cada ser que vem ao mundo engendra sua própria causalidade no determinismo histórico, e no conjunto de todas as séries

causais se forma um determinismo mais amplo, que une o mundo espiritual com a humanidade.

Uma vez no plano terreno, o espírito não fica somente vinculado à matéria e sujeito às suas leis e necessidades, como também ao determinismo da história, dentro do qual deve evoluir e desenvolver o curso de sua existência. Mas o determinismo da história depende da direção que lhe tracem as novas influências individuais que serão tanto ou mais benéficas à humanidade quanto mais elevados moral e espiritualmente forem os indivíduos e a atividade que desenvolvam. Se a estrutura econômica e política da sociedade, o meio social, a educação, etc. exercem influência sobre os seres que sobrevivem no desenvolvimento histórico, estes, por sua vez, com sua influência pessoal e também coletiva, transformam constantemente, ou de súbito, a estrutura econômica e política da sociedade, o meio e a educação e dirigem o determinismo histórico até fins cada vez mais elevados e mais justos.

Temos, pois, resumindo, que o indivíduo está relacionado com a família, esta com o povo, o povo com a nação, a nação com a humanidade, esta com a Terra e a Terra com o universo. O homem, como tal, se desenvolve historicamente na sociedade humana e, como espírito, se desenvolve cosmicamente, por meio de múltiplas existências materiais ou etéreas.

“Nossas existências – diz Léon Denis – se desenvolvem e os acontecimentos se sucedem sem relação aparente, mas a justiça imanente penetra do alto sobre nós e rege nossos destinos, seguindo um princípio ineludível pelo qual tudo se encadeia em uma série de causas e de efeitos. Seu conjunto constitui uma harmonia, que o espírito isento de preconceitos, iluminado por um raio de sabedoria, descobre e admira.”⁶⁰

Os espiritualistas não-dialéticos não pensaram nestes dois aspectos da evolução, nem buscaram o modo de encadear o processo do espírito, como ser individual, preexistente e de certo modo independente da sociedade humana, e sua dependência desta, uma vez aprisionado em seu dinamismo e no processo da História. Eis por que se desinteressam dos problemas sociais, julgam as situações individuais como puramente derivadas da causalidade espírita (*karma*), sem qualquer dependência com o regime social, e pretendem, arbitrariamente, a elevação moral do espírito, sem ter em conta as condições econômicas e sociais em que este se desenvolve e olham o fator econômico como coisa desprezível, indigna de ser

considerada entre as coisas do espírito, como se não guardasse qualquer relação com seu desenvolvimento.

Os que sustentam esse falso conceito da lei de causalidade espírita afirmam, fundando-se em meras hipóteses, que a situação econômica e social dos indivíduos está predeterminada por outras da mesma natureza, mas realizadas inversamente, isto é, que as situações econômicas e sociais vantajosas (bem ou mal adquiridas nesta vida) são a compensação de realidades inferiores vividas em existências anteriores, e que as situações econômicas e sociais inferiores da existência atual são conseqüência de outras situações vantajosas, mal empregadas em existências anteriores. Daí que este mundo seja para uns lugar de expiação e, para outros, lugar de prova, a que Deus os submete, confiando-lhe a riqueza e a posição vantajosa para que façam bom uso delas junto a seus semelhantes. Eis por que, também, a desigualdade econômica e social, a existência da sociedade à base de crimes e de exploração, de classes exploradas e exploradoras, de déspotas e poderosos, de miseráveis e famintos é, em tal conceito, a condição necessária para o progresso do espírito e, por dedução, todo esforço no sentido de eliminar esse regime é contrário às leis divinas e, em particular, à lei de causalidade espírita.

Tudo isto, à parte do conjectural e do absurdo nas conclusões, cheira mais a igreja do que a Espiritismo; a religião do que a filosofia científica.

Esse deus familiar e confidencial dos ricos, que os fez depositários e administradores da riqueza social, nada tem a ver com o Deus-espírito, inteligência e natureza que o Espiritismo admite e que jamais fez concessões privadas e fora de ordem natural a nenhuma de suas criaturas. Cada um se apropriou da riqueza como pôde e soube, mas sempre às expensas ou em detrimento dos demais.

Admitindo-se este ponto de vista causal ter-se-ia que admitir também que a situação econômica e social dos antigos escravos e dos servos da Idade Média não apenas está historicamente explicada, como também espiriticamente justificada, porque para que os escravos e servos fossem tais, em existências anteriores tiveram que ser amos e senhores feudais e estes, por sua vez, que na mesma época assim atuaram, com todo o seus despotismo e opressão, ficam também justificados e, pela mesma lógica, tiveram que ter sido anteriormente servos e escravos. Por sua vez, o burguês de hoje tem que ser, necessariamente, o servo de ontem e o

proletário de amanhã, que passará a ser, por lei desta artificiosa causalidade, o burguês de depois de amanhã. Se se admite, pelo contrário, que a desigualdade econômica teve um princípio, há que se admitir também que deve ter um fim, e que a lei de causalidade não se baseia precisamente nas condições econômicas e sociais, nem que estas são de uma necessidade imprescindível para que ela se cumpra.

Ninguém demonstrou (nem o poderá sem falsear a verdade), nem o Espiritismo ensina tal coisa, que a determinada condição moral corresponde determinada condição econômica e social, que os sofrimentos ou gozos morais guardem relação com a riqueza ou a posição social. Tampouco alguém demonstrou, nem o Espiritismo ensina, que a elevação do espírito seja proporcional à quantidade de riqueza ou à função social dos indivíduos nem, muito menos, que a riqueza material compense os sofrimentos morais nem as boas ações do espírito. Não se pode considerar, do ponto de vista espírita, a riqueza como um prêmio, nem a pobreza como um castigo, porque a riqueza dá satisfações materiais e poucas vezes satisfações morais, e a pobreza costuma enriquecer o espírito. São abundantes os pobres felizes e os ricos desgraçados: os primeiros, ricos de alma e de consciência; os últimos, minguados de sentimentos, moralmente pobres. Se as condições econômicas e sociais vantajosas correspondessem ao merecimento do espírito, todos os ricos e os poderosos, só pelo fato de serem assim, viveriam contentes e felizes, isentos de enfermidades e de sofrimentos morais, originados pela própria riqueza.

Tudo isto prova que as condições morais não guardam relação com as situações econômicas e sociais, que estas são circunstanciais para o espírito e de nenhum modo necessárias para sua evolução moral, em um grau superior desta evolução.

O espírito humano passa por condições de vida materiais determinadas por causas que nem sempre criou e que ainda podem ser variáveis em uma existência, sem que em nada intervenha sua causalidade moral. Em qualquer destas condições ou fora, econômicas e sociais (em uma sociedade sem classes), pode realizar esta causalidade.

A desigualdade de bens materiais ou de posições sociais não corresponde à inteligência, aos sentimentos, à moralidade, às aptidões, nem a qualquer das qualidades espirituais do homem. Em uma família onde estas

qualidades são diversas e em diferente grau de desenvolvimento, todos sentam-se à mesa, habitam sob o mesmo teto e vivem do esforço comum.

Deste falso conceito da lei da causalidade espírita, que vimos refutando, tiram seus partidários a conclusão lógica, seu ponto de partida e que expressa, além disso, a imobilidade e o espírito conservador, próprio das religiões positivas, mas não o conceito dínamo-genético que corresponde ao Espiritismo: *cada um, dizem, ocupa o lugar que lhe corresponde na sociedade.*

A acompanhar semelhante conclusão, teríamos, por exemplo, que o verdugo, quando executa uma vítima, e a mesma vítima que perece sob o fio da guilhotina (ou de outra maneira), ocupam, do ponto de vista espírita (!) o lugar que lhes corresponde, como igualmente o militar que, no campo de batalha, ordena o assassinato em massa e os soldados que executam sua ordem, o capitalista que amontoa milhões à custa da fome e da miséria dos povos, etc., tudo se justifica com este insano critério, tudo está em perfeita harmonia, em qualquer instante da vida e da História. Os únicos que, para estes atrasados do moderno espiritualismo, não ocupam o lugar que lhes corresponde, são os que não se conformam com este regime de explorações, de injustiças e de crimes, os que protestam contra ele e se esforçam por fazê-lo desaparecer em prol de uma nova e mais justa sociedade: para estes, não rege a lei de causalidade; por isso, são os combatidos com ingenuidades e tolices.

O que Heráclito dizia de um rio, podemos aplicar também à sociedade; é uma corrente contínua na qual ninguém ocupa um lugar estável e definitivo: o espírito que nela se entrosa é arrastado, mas pode, em virtude de seu próprio esforço, colocar-se na vanguarda dessa corrente, acelerar seu ritmo, imprimindo-lhe, dentro de seu processo lógico, a direção que convém aos fins sociais da humanidade, assim como pode lutar contra a corrente ou deixar-se levar por ela como peixe morto ou atordado pelo calor de falsas ideologias.

Quando, em boa lógica espírita, se quer explicar a lei de causalidade ou lei moral de causa e efeito, não há que argumentar justificando o que é pelo que foi, ou supomos pôde ser, senão tomando o que é (sem justificá-lo), como continuação do que foi em razão do que deve ser, de acordo com uma finalidade sempre renovada e perfectível. Não há que se buscar causas hipotéticas que derivam de existências anteriores e que se supõe

produzirem a fome e a miséria, senão as causas morais que as façam desaparecer.

Sustentar, do ponto de vista espírita, que o homem deve adaptar-se ao meio social, conviver com os interesses criados, com o egoísmo, as vilezas, os prejuízos e imoralidades e não combater as injustiças sociais, os males da sociedade, nem tratar de aliviar as dores e as misérias de seus semelhantes, suprimindo as causas imediatas que os produzem, dizer que cada um ocupa o lugar que lhe corresponde na sociedade e, por dedução, que há que deixá-lo nesse lugar; assegurar que o que sofre é porque fez sofrer anteriormente aos demais e necessita de sofrimento (com a conclusão lógica de que há que deixá-lo ou fazê-lo sofrer) para purgar o mal feito; dar por originários de existências anteriores todos os males, todos os abusos, desmandos, crimes, desigualdades e iniquidades que se contemplam no mundo, tratar de justificá-los e pensar que a sua condenação é contrária ao espírito e à moral da doutrina espírita, significa mais do que uma falsa interpretação, uma falta de lucidez na consciência dos que assim crêem e supõem.

Se os espíritas sustentassem semelhante monstruosidade moral, a sociedade, pelo menos a parte sã, teria razão suficiente para encerrá-los em um manicômio e só passariam por sensatos na opinião interessada dos poderosos, dos egoístas e dos velhacos, e o Espiritismo não serviria senão para justificar todas as infâmias e garantir o gozo de uns à custa da desdita e da dor dos demais.

Para refutar semelhante absurdo, partamos, antes de tudo, de que uma lei sábia põe um véu no nosso passado para deixar-nos atuar no presente de modo que a lembrança do que fomos não estorve nossos esforços para chegar ao que devemos ser, nem nos coloque em condições de inferioridade uns frente aos outros.

Ignorando, pois, nosso passado, mal podemos justificar nossas situações presentes, nem sujeitar-nos a elas. Mas, se, por indução, partimos do que somos para poder presumir o que fomos, não temos o mesmo direito de deduzir *a priori*, o que ignoramos ter sido, o que somos ou temos necessariamente que ser em um determinado momento de nossa existência. Quando raciocinamos *a posteriori*, partindo de um fato conhecido, como é nossa existência atual, há razões poderosas para persuadir-nos, não só do que somos, como do que podemos e devemos ser,

de acordo com nosso conceito ideológico da vida e com a lei de evolução progressiva.

Se um homem, por exemplo, me faz um dano, posso, por indução, hipoteticamente, concluir que este dano deve ter uma causa anterior e um efeito posterior, mas não posso partir da causa que desconheço para justificar o efeito conhecido, não posso supor que este dano tenha necessariamente uma causa anterior originada por um ato anterior meu, posto que, na ordem moral, nada nos autoriza, nem o Espiritismo nos ensina, a crer na série *infinita* de causas e efeitos, porque bem pode acontecer, e por minha parte estou moralmente convencido de que assim acontece, que muitas de nossas ações, de situações boas ou más, de nossos sofrimentos e de nossas alegrias, têm uma origem imediata nesta existência. E isto já é motivo para não se cair na simplicidade de atribuir a todas nossas ações e situações sociais uma causa remota que, por sua vez, viria encadeada em uma série de causas infinitas.

Embora aplicando este mesmo raciocínio ao princípio de causalidade espírita e admitindo o conceito simplista de que toda ação ou situação humana presente tem um antecedente causal em existências anteriores e um efeito seguinte como conseqüência moral da mesma ação ou situação, nada provaria que, necessariamente, o mal deva emendar-se com o mal, a injustiça com a injustiça, a ofensa com a ofensa, porque a lei de causalidade espírita não é *unilateral*, mas *bilateral*, isto é, que um dano recebido pode ser corrigido por quem o faz, com um bem equivalente, sem necessidade de sofrer o mesmo mal causado. E isto é precisamente o que ensina a doutrina espírita, que opõe o amor ao ódio, o perdão à ofensa, que difere essencialmente do “olho por olho e dente por dente” de Moisés e da moral vingativa, quando não, fatalista, das religiões.

O mal não é, pois, a conseqüência necessária de outro mal, e o espírita não tem o dever de respeitá-lo nem a ele submeter-se.

Se um homem está se afogando, por exemplo, não seria razoável nem de bons espíritas entrar em averiguações se essa é a situação que, de acordo com suas ações passadas, lhe corresponde ou se é ou não merecida; nosso dever moral é tratar de salvá-lo. Do mesmo modo, se este mesmo homem sofre privações, dores, enfermidades, misérias ou injustiças causadas pela avareza, o egoísmo e a prepotência que propicia o regime econômico e social e a lei que o ampara, não deve dirigir-se a ele e dizer: sofre!,

agüenta!, cala-te!, submete-te!, humilha-te!, porque isto é a conseqüência de análogas faltas cometidas em existências anteriores, mas dirigir-se aos causadores de todos esses males e reprovar sua conduta, fazendo-os compreender que seus atos atuais e seus procedimentos iníquos terão conseqüências fatais no futuro. E não somente isto, como também tratar de suprimir as causas imediatas de todos os males, vale dizer, o regime que os provoca.

Não é, pois, olhando para trás, mas para frente, que se deve conduzir o espírita. Suponhamos que uma pessoa se apresentasse a um desses simplistas que pretendem justificar todos os males do presente pelas ações do passado e lhe pedisse emprestada uma quantidade de dinheiro para sair de uma situação apertada e que, quando este fosse pedi-la, tal pessoa lhe dissesse: – Amigo, eu nada lhe devo; você ainda está pendente de uma dívida comigo. – Como? Diria o simplista. – É a coisa mais natural do mundo, diria o favorecido; ocorre que em nossa existência anterior eu lhe emprestei uma quantidade de dinheiro maior do que você me devolveu. E agora, para saldar a conta, você deve devolver-me o resto.

Claro que o simplista não ia ficar muito de acordo; e, sem dúvida, essa é que é sua lógica, muito boa para a sustentação de todas as maldades e pilhérias e, especialmente, para fazer frente aos nossos credores.

Por outra parte, o fato de não opor resistência ao mal, às injustiças e crimes sociais (supondo que estes resultem benéficos), implica egoísmo e cálculo utilitário por parte de quem, tendo consciência da lei de causa e efeito, a eles se submete passivamente. Pois se todos esses males elevam espiritualmente o que os suporta com mansa resignação, ao contrário, prejudicam seus autores, que terão mais tarde que sofrer suas conseqüências e, neste caso, a submissão e a humilhação são duas vezes condenáveis, porque fazem, no presente, vítimas desgraçadas e, no futuro, carrascos.

Com esta moral, falsamente espírita, tende-se a fomentar duas classes de egoísmos e ambições criminais, quando o lógico e concordante com a doutrina espírita é ensinar e estimular o contrário. Pois se devemos nos submeter às imposições do mal, com toda certeza, para nos elevarmos mais tarde à custa dos sofrimentos futuros que causamos aos outros com nossa submissão humilhante, mais nobre, mais meritório e também mais justo é que nos elevemos sem que nada se tenha para sofrer no futuro por culpa

de nossa submissão, indiferença, falta de valor e de integridade moral, para repudiar o mal e ensinar a defender o bem.

A rigor, na sociedade, ninguém ocupa o lugar que lhe corresponde, senão o que se conquistou, muitas vezes às custas da ignorância e da debilidade dos outros. De fato, todos ocupamos um lugar (ainda que seja momentâneo), mas de direito ninguém ocupa o que deveria. O lugar que cada um ocupa na sociedade não está necessariamente prefixado; é acidental, momentâneo, um instante passageiro e fugaz de nossa evolução; está condicionado, não apenas pela causalidade moral de cada indivíduo, como pelo determinismo histórico e por uma infinidade de fatores que o homem não dirige; muda incessantemente e pode e deve mudar sob o impulso de nossa vontade, de nossas idéias e de nossos esforços, mesmo dentro das contradições existentes; e o conjunto das vontades, das idéias e sentimentos individuais afins e dos esforços combinados, pode imprimir à sociedade um novo giro, fazê-la capaz de conceber uma ideologia superior e de desaparecer com muitos dos males e injustiças sociais.

Não devem cegar-nos nem embaraçar-nos as posições fortuitas, circunstanciais e passageiras, nem sempre necessárias ou justas, porque a justiça não se cumpre em um instante de nossa evolução, mas no progresso sempre perfectível de nosso espírito. *Lançados como flecha ao espaço, com um fim ideal sempre renovado e sem solução de continuidade em nosso estágio, não ocupamos jamais um lugar preciso na escala infinita de nossa evolução.* E é por isso que estamos muito longe de ocupar o lugar que nos corresponde no mundo, e creio que jamais o faremos definitivamente. Mas há sim um lugar que está em nossa consciência, em nossa consciência de homens e de espíritas, que é o que assinala nossa ideologia e que devemos ocupar em todo momento, elevando-nos acima de todas as baixezas humanas, de todos os convencionalismos, de todas as circunstâncias acomodatórias e de todos os interesses egoístas, para ter a liberdade e o valor de dizer nossa verdade, sem ambigüidades nem distorções, mas também sem ódios e sem rancores para ninguém, *considerando que as posições ou classes não constituem categorias de ordem moral* e que o mal, no humano, depende sobretudo da falta de compreensão e de capacidade para o bem. Façamos como o médico filantropo que, se combate as enfermidades, é só com o propósito de curar os enfermos. Esse é o lugar

ideal que, de acordo com a doutrina espírita, nos corresponde ocupar, nós que temos nos nutrido em seus sábios e nobres ensinamentos.

Acreditamos ter demonstrado que o determinismo histórico e a causalidade espírita se interligam e confundem, em suas ações e reações, na marcha ascendente da humanidade; que, na História, o essencial são as forças espirituais, o dínamo-psiquismo humano; que as forças morais, exaltadas nas consciências dos indivíduos, são, em última instância, as que, em cada ciclo da evolução histórica e mediante um processo ideológico sobre a base do processo econômico, imprimem a direção à sociedade, até formas mais perfeitas de convivência e de justiça social; que a vida, considerada historicamente, é uma corrente contínua, que arrasta homens e coisas, povos e civilizações, encadeando-os entre si em um torvelinho de forças dinâmicas, materiais e espirituais, que se atraem e se repelem, acionam e reagem, contradizem-se, misturam-se e complementam e concorrem para um fim que é, em definitivo, o aperfeiçoamento e o desenvolvimento integral do espírito humano em sua ascensão eterna através do espaço e do tempo.

Partindo de formas biológicas e estados sociais inferiores, o homem eleva, pouco a pouco, a sua dignidade de ser consciente e socialmente livre, chegando, por fim, a dominar os fatores morais, a condicionar a vida e dirigir as forças da história, saltando por cima das contradições que cria, em direção a um fim social, conforme a maior justiça e o bem comum da sociedade.

Os que lutam decididamente por este fim, os denodados, os forjadores na bigorna da dor e das novas ideologias desse novo mundo de amor e de justiça, mostram ter chegado à dignidade de seres conscientes, amantes da liberdade e da igualdade humanas, porque, em vez de colocar seu ideal na ociosidade ou em oposição ao progresso social, colocam-se com ele na vanguarda das idéias emancipadoras e são os verdadeiros propulsores do socialismo em construção, sobre cujas bases, assim acreditamos, se edificará com mais vigor o Espiritismo Científico.

Notas

¹ A partir da década de 1930 os fenômenos do Espiritismo passaram a ser chamados de *paranormais*.

² Pequena mesa, de três pés, diante da qual a pitonisa fazia o oráculo. (N.T.)

³ “Nada existe na inteligência que antes não tenha passado pelos sentidos”. (N.T.)

⁴ *Do Inconsciente ao Consciente*.

⁵ Frenologia: teoria que estuda o caráter e as funções intelectuais humanas com base na conformação do crânio. (N.T.)

⁶ *Enciclopédia Internacional de Cirurgia*, págs. 583-584, tomo V, de Asthurs. Tradução espanhola por D. Creus Y Manso, 1886.

⁷ É possível conciliar a unidade do *eu* com a pluralidade funcional das células que constituem os centros cerebrais, subordinando, subentende-se, aquela ao poder unitário psicodinâmico, centralizador e diretor do espírito. Todo homem, como diz Fredrich Myers, é ao mesmo tempo unitário e infinitamente complexo; herda de seus antepassados um organismo múltiplo, colonial, polizóico e por acaso polipsíquico em grau extremo; mas também com uma alma ou espírito absolutamente exequível à nossa análise, que rege e unifica esse organismo; alma que tem sua origem em um meio espiritual ou metaetéreo e que mesmo quando encarnado em um corpo, permanece em comunicação com esse meio e retorna a ele depois da morte do corpo. (*A Personalidade Humana*, pág. 28).

⁸ Planta de cheiro nauseante. (N.T.)

⁹ *A Personalidade Humana*, págs. 146 e 163.

¹⁰ *Hipnotismo e Espiritismo*, pág. 16.

¹¹ O autor deste livro pode corroborar este fato com a sua experiência pessoal: tendo perdido uma perna, conserva a sensação constante de sua existência e mais de uma vez, esquecendo a falta do dito membro, reagiu a uma sensação de prurido, de pressão ou de dor, levando a mão ou o pé da outra perna ao lugar onde havia a sensação. E é curioso que nunca tenha podido localizar no coto estas sensações que sentiu diferentemente nas diversas partes do membro amputado, até ter a certeza da distância e do lugar exatos onde as percebia. É significativo, por outra parte, que tendo sofrido uma ferida profunda no dedo grande da perna amputada, sintia no

mesmo lugar a sensação característica da pressão e adormecimento dolorosos que sentiu durante 30 anos e que persiste ainda quatro anos depois da amputação. Também assinalo que não poucas vezes, distraído, busque com insistência a perna para vestir a calça ou calçar o sapato e mais de uma vez sucedeu firmar o coto pensando firmar o pé.

¹² *O Materialismo Atual*. Veja-se também *Matéria e Memória*.

¹³ Ver J. Patrascoiu: *Psicologia*.

¹⁴ Ver a revista *La Luz del Porveni* (Barcelona) ou o número de *La Idea* mencionado.

¹⁵ Conviria que os materialistas dialéticos, que ainda seguem parafraseando Sorel ou apoiados por Feuerbach, meditassem sobre estes fatos, em vez de negá-los por espírito de sistema: eles lhe diriam qual é o “ser real”, o “sujeito e o objeto” e se a entidade psíquica, o *eu* espiritual, pode ou não desvincular-se do corpo e ser tão real, ainda que não tão material como este.

¹⁶ Conhecida também como Parapsicologia.

¹⁷ Ver também, *As Vidas Sucessivas*, do mesmo autor.

¹⁸ O autor refere-se à obra *A Propósito da “Introdução à Metapsíquica Humana”*, que teve o objetivo de refutar as teorias de René Sudre em sua obra *Introdução à Metapsíquica Humana*. (N.E.)

¹⁹ Ciência filosófica porque estuda e resume em sua vasta filosofia todos os princípios filosóficos relacionados com o ser e o pensar, e filosofia científica porque repousa em fatos experimentais e de observação, partindo da Psicologia e da Metapsíquica e estendendo-se às ciências em geral e, por conseguinte, considerado em suas relações e projeções com as ciências particulares.

²⁰ O Espiritismo não considera o espírito absolutamente independente de toda forma de matéria, nem tem a pretensão de saber o que é a matéria nem o espírito em sua essência; considera-os em suas manifestações e estabelece as diferenças que são próprias de cada um. As manifestações dos espíritos vão sempre acompanhadas de formas sutis que, como já temos indicado, chamam-se corpo etéreo, perispírito, etc.

²¹ Camille Flammarion, *Urânia*, pág. 101.

²² Gibelinos: adeptos do imperador do Sacro Império Romano Germânico e adversários do papa, na Itália do Século 12 ao 14. (N.T.)

²³ *Evolução Biológica e Espiritual do Homem*, págs. 17 e 45.

²⁴ *O Grande Enigma*, pág. 37.

²⁵ *O Homem Primitivo*, pág. 89.

²⁶ Esta consideração do autor de *O Grande Enigma* é oportuna: demonstra que a evolução não é sempre ascendente, que o progresso tem seus avanços e retrocessos. (*)

(*) A tese espírita é afirmativa quanto à evolução contínua do ser, conforme sustenta o autor Porteiro em toda sua obra. (N.T.)

²⁷ *Lógica*, tomo II, pág. 150.

²⁸ *Idem*, tomo II, pág. 156.

²⁹ Oliver Lodge: *Evolução Biológica e Espiritual do Homem*.

³⁰ *Lógica*, tomo II, pág. 64.

³¹ *A natureza não dá saltos* (N.T.)

³² *O Homem e a Terra*, tomo I, pág. 81.

³³ Escítia, região da Ásia Antiga. (N.T.)

³⁴ Cólquida, região da Ásia Ocidental, parte da atual Geórgia. (N.T.)

³⁵ Pelasgos, primitivos habitantes da Grécia e dos países vizinhos, anteriores aos helenos. (N.T.)

³⁶ Julio Michelet, *História Romana*, pág. 130.

Idem. – Reclus, *El Hombre y la Tierra*, pág. 443.

³⁷ *Evolução Biológica e Espiritual do Homem*, pág. 43.

³⁸ Ver *As Vidas Sucessivas*, de Albert de Rochas, sobre regressão da memória.

³⁹ *Lógica*, tomo I, pág. 159.

⁴⁰ *Do Inconsciente ao Consciente*, págs. 55 e 56.

⁴¹ Ver a interessante obra, já citada, do dr. Gustave Geley.

⁴² *Materialismo Histórico*, pág. 10.

⁴³ Este raciocínio é empregado pelos partidários do materialismo dialético para demonstrar a mutabilidade das coisas, mas padece do defeito que assinalamos.

⁴⁴ Léon Denis, obra citada.

⁴⁵ Ver Nicolas Bukharin, obra citada.

⁴⁶ “Uma manhã – narra Krall a Maurício Maeterlinck – cheguei à cavalaria para lição de aritmética de Hans, que logo começou a dar golpes com a pata. Deixei-o fazer e fiquei estupefato ao ver uma frase inteira, uma frase absolutamente humana, sair letra por letra da unha do animal: “Albert bateu em Haenschen”. Outra vez escrevi sob o seu ditado: “Haenschen mordeu Kama”. Como um filho a um pai, sentia o desejo de pôr-me a par dos pequenos acontecimentos de cavalaria”.

Em outra oportunidade, *Zarif*, em vez de resolver um problema, expressou: “Estou cansado”. O mesmo Maeterlinck conta em seu livro *O Hóspede Desconhecido*, ter submetido *Muhamed* e *Zarif* a pequenos problemas aritméticos cuja solução lhe foi dada.

Estas experiências foram submetidas ao controle de eminentes homens de ciência, entre eles os professores de Psicologia e Fisiologia da Universidade de Berlim, senhores Stumpf e Nagel e a sábios de renome, tais como o doutor Edinger, eminente neurólogo de Frankfurt; o professor Berecka, do Instituto Pasteur, de Paris; William Mackenzie, de Gênova e o doutor Ferrari, professor de neurologia da Universidade de Bolonha.

Destas experiências e resultados dão conta os *Anais de Ciências Psíquicas* (1912-13), *Arquivos de Psicologia da Suíça Românica* e a revista *Psyche*. Ver a obra de Gabriel Delanne: *Reencarnação*.

⁴⁷ *Introdução ao Materialismo Dialético*, pág. 44.

⁴⁸ *Questões do Marxismo*, pág. 27.

⁴⁹ *Livro IV*, Art. 40.

⁵⁰ Filósofo grego, 428 a.C.

⁵¹ *La Matéria. Verbum* nº 70, pág. 301. Revista do Centro de Estudantes de Filosofia e Letras de Buenos Aires.

⁵² *A Matéria e a Energia*, nº 1, Revista de Ciências e Letras da Universidade de Concepción, Chile.

⁵³ *O Segredo da Vida*, pág. 156.

⁵⁴ *O Grande Enigma*, pág. 14.

⁵⁵ *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Prefácio.

⁵⁶ *Conceito Materialista da História*, pág. 83.

⁵⁷ *Idem*, pág. 68.

⁵⁸ Vladimir Illitch Ulianov, dito Lênin, revolucionário marxista e estadista russo, 1870-1924. (N.T.)

⁵⁹ O famoso *Manifesto Comunista* foi lançado por Marx e Engels em 1848.

⁶⁰ *O Grande Enigma*, pág. 22.